

Max Heindel
MISTÉRIOS DAS GRANDES ÓPERAS



Parsifal por JAKnapp

FRATERNIDADE ROSACRUZ – CENTRO AUTORIZADO DO RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO

FAUSTO

Capítulo 1

Divina Discórdia

Capítulo II

As Tristezas da Alma que Procura

Capítulo III

As Tristezas da Alma que Procura (continuação)

Capítulo IV

Vendendo sua Alma a Satanás

Capítulo V

Vendendo sua Alma a Satanás (continuação)

Capítulo VI

O Preço do Pecado e os Caminhos da Salvação

PARSIFAL

Capítulo VII

Célebre Drama Musical Místico de Wagner

O ANEL DO NIEBELUNGO

Capítulo VIII

As Donzelas do Reno

Capítulo IX

O Anel dos Deuses

Capítulo X

As Valquírias

Capítulo XI

Siegfried, o que busca a Verdade

Capítulo XII

A Batalha da Verdade e do Erro

Capítulo XIII

O Renascimento e a Bebida Letal

Capítulo XIV

O Crepúsculo dos Deuses

TANNHAUSER

Capítulo XV

O Pêndulo da Alegria e da Tristeza

Capítulo XVI

Menestréis, os Iniciados da Idade Média

Capítulo XVII

O Pecado Imperdoável

Capítulo XVIII

O Cajado que Floresceu

LOHENGRIN

Capítulo XIX

O Cavaleiro do Cisne

FAUSTO
Capítulo 1
Divina Discórdia

Quando o nome Fausto é mencionado, a maioria das pessoas pensa imediatamente na representação teatral da obra de Gounod. Alguns admiram a música, porém a história em si mesma não parece impressioná-los. A primeira vista, parece ser a história, infelizmente muito comum, de um indivíduo sensual que seduz uma jovem confiante e depois a abandona, deixando-a expiar sua loucura e sofrer por ter confiado nele. O toque de magia e encantamento que permeia a obra é considerado por muitos como simples fantasia de um autor, que as usou para tornar mais interessantes as sórdidas condições apresentadas.

Quando Fausto é levado por Mefistófeles para o submundo e Margarida é levada, no final da peça, para o céu em asas angelicais, parece prevalecer apenas o sentido moral comum, para dar à história um fim sentimental.

Uma minoria sabe que a ópera de Gounod é baseada no drama escrito por Goethe. E os que estudaram as duas partes de sua apresentação de Fausto, percebem a diferença entre a ideia original e a que foi apresentada na peça. Esses poucos, que são místicos iluminados, veem na obra de Goethe a mão inconfundível de um Iniciado esclarecido, e percebem plenamente o grande significado cósmico nela contido.

Devemos entender que a história de Fausto é um mito tão antigo quanto à humanidade. Goethe apresentou-a envolta numa verdadeira luz mística, iluminando um dos maiores problemas da época, o relacionamento e luta entre a Franca-Maçonaria e o Catolicismo, que apresentamos sob outro ponto de vista num livro anterior.

Dissemos diversas vezes em nossa literatura, que um mito é um símbolo velado que encerra uma grande verdade cósmica, uma concepção que difere radicalmente da que é geralmente aceita. Do mesmo modo que damos livros ilustrados para nossas crianças para transmitir-lhes lições além de sua capacidade intelectual, também os grandes Mestres deram à humanidade infantil estes símbolos pictóricos, e, assim, inconscientemente para a humanidade, uma percepção dos ideais apresentados foi gravada em nossos veículos mais sutis.

Assim como uma semente germina oculta no solo antes que possa florescer acima da superfície da terra, do mesmo modo essas gravações traçadas pelos mitos sobre nossas sutis e invisíveis

vestes colocaram-nos num estado de receptividade que nos leva prontamente a ideais mais altos e eleva-nos acima das condições mesquinhas do mundo material. Estes ideais teriam sido sufocados pela natureza inferior se não tivessem sido preparados durante eras pela influência legítima de mitos tais como Fausto, Parsifal e narrações semelhantes.

Semelhante à história de Job, a cena do mito de Fausto tem seu início no céu, com a convocação dos Filhos de Seth, entre eles Lúcifer. O final é também no céu como o apresentou Goethe. Como é muito diferente daquilo que é representado comumente no palco, estamos face a face com um problema gigantesco. Na realidade, o mito de Fausto retrata a evolução da humanidade durante a época presente. Também nos mostra como os Filhos de Seth e os Filhos de Caim representam sua parte no trabalho do mundo.

O autor tem o hábito de ater-se e concentrar-se o mais possível sobre cada assunto que está expondo. Mas, algumas vezes, as circunstâncias justificam o afastamento do tema principal, como agora acontece com o mito de Fausto. Se fôssemos discorrer sobre ele, apenas no que se refere à Franco-Maçonaria e ao Catolicismo, teríamos que voltar ao tema mais tarde, para iluminar outros pontos de vital interesse como o desabrochar da alma e o trabalho da raça humana. Esperamos, portanto, que as digressões não sejam criticadas.

Na cena de abertura, três dos Filhos de Deus, Espíritos Planetários, são vistos curvando-se ante o Grande Arquiteto do Universo, cantando a música das esferas em sua adoração ao Ser Inefável, que é a fonte de vida, o autor de todas as manifestações. Goethe apresenta um desses sublimes Espíritos estelares dizendo:

"O Sol entoava sua velha canção,

Entre os cânticos rivais das esferas irmãs,

Seu caminho predestinado vai trilhar

Através dos anos, em retumbante marchar".

Modernos instrumentos científicos foram inventados, por meio dos quais, em testes de laboratório, ondas de luz são transmutadas em som, demonstrando assim no Mundo Físico o aforismo místico da identidade dessas manifestações. O que antes era evidente apenas para o místico capaz de elevar sua consciência para a Região do Pensamento Concreto, agora também é percebido pelos cientistas. Portanto, o canto das esferas, primeiramente mencionado por Pitágoras, não deve ser encarado como uma ideia vaga concebida

por uma imaginação poética, nem como uma alucinação de um cérebro demente.

Goethe pôs um significado em toda a palavra que proferiu. As estrelas têm, cada uma, sua própria nota-chave e viajam em torno do Sol à velocidades tão diversas que suas posições de agora não se repetirão até que se passem 27.000 anos. Assim, a harmonia dos céus muda a cada momento e, ao mudar, o mundo altera também suas ideias e ideais. A dança circular dos orbes em movimento, ao som da sinfonia celestial criada por elas, marca o progresso do homem ao longo do caminho que chamamos evolução.

Mas é uma ideia errada pensar que a harmonia constante é agradável. A música assim expressa tornar-se-ia monótona; ficaríamos fatigados com a harmonia contínua. Na verdade, a música perderia seu atrativo se não fossem as dissonâncias entremeadas frequentemente. Quanto mais próximo da dissonância o compositor puder chegar, sem realmente incorporá-la à partitura, mais agradável será sua composição quando esta criar vida através de instrumentos musicais. O mesmo acontece no canto das esferas; nós nunca atingiríamos a individualidade para a qual toda a evolução se dirige, sem a dissonância divina.

Portanto, o Livro de Job designa Satã como sendo um dos Filhos de Deus. E o mito de Fausto fala de Lúcifer como estando presente também na convocação que ocorre no capítulo inicial da história. Dele vem a nota salvadora de dissonância que forma um contraste na harmonia celestial, e, como a luz mais brilhante provoca a sombra mais densa, a voz de Lúcifer realça a beleza do canto celestial.

Enquanto os outros Espíritos Planetários inclinam-se em adoração quando contemplam as obras do Mestre Arquiteto reveladas no Universo, Lúcifer emite a nota de crítica, de censura, nas palavras dirigidas contra a obra-prima de Deus, o rei das criaturas, o homem:

"Dos sóis e dos mundos nada tenho a dizer,

Vejo apenas quanto o homem se atormenta:

Esse pequeno deus do mundo, sua marca quer reter,

Tão surpreendente agora como no primeiro dia.

Pobre ser, se ele pudesse ter-se afastado, melhor seria,

Tivesses Tu conservado nele a luz celestial,

Que ele chama de razão mas não a usa,

E cresce mais grosseiro que o irracional".

Considerado sob o ponto de vista de gerações anteriores, isto pode soar como sacrilégio, mas, sob a luz dos tempos modernos, podemos entender que mesmo num ser tão exaltado que é designado pelo nome de Deus, deve haver crescimento. Podemos sentir o esforço para maiores aptidões, a contemplação de futuros universos oferecendo maiores facilidades para a evolução de outros Espíritos Virginais, que são o resultado das imperfeições notadas no esquema de manifestação por seu exaltado Autor. Além disso, como "em Deus vivemos, nos movemos e temos nosso ser", assim também a nota dissonante emitida pelos Espíritos de Lúcifer elevar-se-ia dentro Dele. Não seria um agente externo que chamaria a atenção para erros ou O censuraria, mas Seu próprio e divino reconhecimento de uma imperfeição a ser transmutada em bem maior.

Lemos na Bíblia que Job era um homem perfeito, e no mito de Fausto, o detentor do papel principal é designado como um servidor de Deus, pois naturalmente o problema do desabrochar, de maior crescimento, deve ser solucionado pelos mais avançados. Pessoas comuns, ou aqueles que estão mais baixo na escala da evolução, ainda têm que percorrer a parte da estrada já vencida por outros, como Fausto e Job, que são a vanguarda da raça e que são considerados pela humanidade comum da mesma maneira que Lúcifer os descreve, isto é, como tolos e esquisitos.

"Pobre tolo, sua comida e bebida não são da terra,

UM impulso interno para frente o empurra;

Ele próprio, meio consciente de seu humor exaltado.

Pela mais linda estrela do céu tem ansiado.

O melhor e o mais alto da terra têm desejado,

E tudo o que está perto e está longe, do mesmo jeito;

Nada pode acalmar os anseios do seu peito".

Para tais pessoas deve ser aberto um novo e mais elevado caminho para lhes dar maiores oportunidades de crescimento; daí a resposta de Deus:

"Embora, em perplexidade, ele me sirva agora,

*Para onde aparecer a luz, Eu logo o guiarei;
Quando a árvore nova tiver brotos, o jardineiro sabe,
Com flores e frutos seus anos vindouros beneficiarei".*

Capítulo II ***As Tristezas da Alma que Procura***

Como o exercício é necessário ao desenvolvimento dos músculos físicos, assim o desenvolvimento da natureza moral é realizado pela tentação. Ao ser dada uma alternativa ao Ego, este poderá exercitá-la em qualquer direção que escolher, pois aprende tanto por seus erros como por seus atos corretos, e estes são bem mais proveitosos. Portanto, no mito de Job, o demônio tem permissão para tentar, e no mito de Fausto, ele pede:

*"Meu Senhor, se eu puder conduzi-lo a meu gosto,
Tu o perderás, eu aposto".*

Ao que o Senhor responde:

"Consinto-o!

*Desvia este espírito da original fonte,
Podes dominá-lo, exerce o teu poder,
Se ele por tua direção for descer.
Mas ficarás envergonhado
Quando a reconhecer fores forçado,
Que um homem bom em sua mais escura aberração
Conhece ainda o caminho que o conduz à salvação.
Vai, és livre para agir sem controle enfim.
Pelos que são como tu, não nutro aversão;
De todos os espíritos de negação
O cínico é o menos aborrecido vara Mim.
Do trabalho, o homem é inclinado a se esquivar
Ele viveria de bom grado, tranquilo a descansar.
Por isso, de propósito, Eu te dou este companheiro
Que se agita, se excita e como um demônio deve trabalhar.*

Mas vós, ó fiéis Filhos de Deus, a ninguém ides ofender,

Regozijai-vos em toda a imortal beleza,

O imortal, tão próprio e crescente em grandeza;

Preparai-vos agora com amor e no dever".

A trama está pronta e Fausto está prestes a ser enredado nas armadilhas que cercam o caminho de toda alma que procura. As linhas seguintes mostram o propósito benéfico e a necessidade da tentação. O Espírito é uma parte integral de Deus; originalmente inocente, mas não virtuoso. A virtude é uma qualidade positiva, desenvolvida ao tornar-se uma posição firme diante da tentação ou pelo sofrimento suportado em consequência dos erros cometidos. Assim, o prólogo no céu dá ao mito Fausto seu mais alto valor como um guia, e também o encorajamento à alma que procura. Mostra o objetivo eterno que está por detrás das condições terrenas que nos causam dor e tristeza.

Em seguida, Goethe apresenta-nos o próprio Fausto, que está de pé em seu escuro gabinete. Ele está empenhado na introspecção e na retrospectão:

"Eu tenho, ai de mim, filosofia, medicina e lei,

Teologia também eu estudei!

Agora aqui estou com todo o meu saber,

Um tolo, não mais sábio do que antes.

Pensei a humanidade melhorar

E a mente humana elevar;

Por proveitos ou tesouros nunca trabalhei,

Nem por honras mundanas, posição ou prazer;

Com livros toda vida eu batalhei.

Mas, agora, às mágicas eu me dou;

Espero, através do espírito, pela voz e poder,

Segredos velados à luz trazer.

Que eu não mais com semblante dolorido

Necessite falar do que não hei sabido.

Pobre de mim! Ainda prisioneiro desta escuridão estou

Neste abominável e bolorento quarto gelado,

Onde a querida luz do céu passou

Obscuramente através do vidro pintado.

Avante! Em frente para a terra distante.

Não é este o livro de mistérios

Que pela mágica mão de Nostradamus

Será um guia suficiente?

Verás o curso das estrelas e saberás, então,

Quando a natureza for seus pensamentos revelar

A ti. Tua alma se elevará e irá procurar

Ter com ela uma elevada e duradoura comunhão".

Uma vida inteira de estudos não trouxe a Fausto um conhecimento real. As fontes convencionais de aprendizado provaram ser estéreis no resultado final. O cientista pode considerar Deus desnecessário, uma redundância; pode acreditar que a vida consiste só de ação e reação química - isto acontece quando ele está no começo. Mas, quanto mais se aprofunda na matéria, maiores são os mistérios que encontra em seu caminho, e, ao fim, será forçado a abandonar algumas pesquisas ou passa a acreditar em Deus como um Espírito cuja vida envolve cada átomo de matéria. Fausto chegou a esse ponto. Ele diz que não tem trabalhado por ouro, "nem tesouros", nem honras mundanas, posição ou prazer". Esforçou-se pelo amor à pesquisa e atingiu o ponto em que percebe que um mundo espiritual está todo ao seu alcance; e, através desse mundo, por magia, ele aspira agora um conhecimento mais elevado e mais real do que aquele contido nos livros. Tem em sua mão um volume escrito pelo famoso Nostradamus, e ao abri-lo contempla o emblema do macrocosmo. O poder nele contido abre em sua consciência uma parte do mundo que ele está procurando e, num êxtase de alegria, exclama:

"Ah! A este espetáculo através de todos os sentidos,

Que súbito êxtase de alegria está fluindo;

Sinto novo enlevo, abençoado e intenso.

Do mundo do homem sábio o sentido estou aprendendo:

O mundo do espírito e o saber são revelados,

Teu coração está morto, teus sentidos fechados;

Avante, estudante! Com zelo imorredouro vem banhar

Teu peito terrestre no rubro amanhecer.

Como tudo que vive e produz estão sempre a combinar,

Tece um grande todo da ampla gama do Ser,

Que a força celeste, subindo e descendo, possas ver,

Suas taças douradas incessantemente cruzando.

Seu voo no enlevo de sussurrantes asas vagando,

Do céu à terra, o ritmo trazer".

Mas, novamente o pêndulo oscila para trás. Como a tentativa de fitar diretamente a brilhante luz do Sol resultaria na destruição da retina, assim a audaciosa tentativa de penetrar o Infinito resulta em malogro e a alma que procura é lançada do êxtase da alegria para a escuridão do desespero:

"Um maravilhoso espetáculo, mas, ah! um espetáculo somente.

Onde poderei agarrar-te, natureza infinita, onde?

Teu peito, tu és fonte de toda a vida

Onde se apoiam os céus e a terra, onde o coração debilitado

Por consolo anseia, e tu ainda tens partilhado

De tuas doces e encorajadoras marés: onde estás. onde te ouvir?

Tu jorras, e, em desespero, eu hei de me consumir".

Antes de podermos com sucesso aspirar a um conhecimento superior, devemos primeiro entender o inferior. Falar e delirar sobre os mundos além, sobre corpos mais sutis, quando temos só uma leve ideia dos veículos com os quais trabalhamos todos os dias e do ambiente em que nos movimentamos, é ignorar a

realidade. "**Homem, conhece-te a ti mesmo**", é um ensinamento sábio. A única segurança está em galgarmos a escada, degrau por degrau, nunca tentando dar um novo passo enquanto não nos sentirmos firmes e equilibrados naquele em que estamos. Muitas almas podem repetir, pela sua própria experiência, o desespero personificado nas palavras de Fausto.

Ingenuamente, ele começou pelo ponto mais alto. Sofreu a decepção, mas ainda assim não compreendeu que devia começar pela base. Portanto, inicia uma evocação ao Espírito da Terra:

*"Espírito da Terra, Tu para mim estás mais perto,
Ainda agora minha força está crescendo,
Coragem eu sinto para em toda parte do mundo ousar,
O infortúnio e a bem-aventurança da terra suportar;
Lutar contra as tempestades, e com bravura o fulgor do raio
enfrentar,
Em meio ao fragor do naufrágio não desesperar.
Nuvens acumulam-se sobre mim, a luz do luar ocultando
O fulgor da lâmpada que se extingue com a escuridão da noite,
Erguem-se brumas, uma emanação vermelha e lampejante
Em minha cabeça esses feixes de luz vão penetrar;
Estou dominado por um trêmulo pavor angustiante.
Espírito, compelido pela prece, Tu que vais pairar
Por perto, revela-te agora, por favor,
Meu coração jubilosamente vou-Te entregar;
Deves aparecer, se livre a vida for".*

Como dissemos no 'Conceito Rosacruz do Cosmos', e como já elucidamos na Filosofia Rosacruz uma questão concernente ao ritual latino na Igreja Católica, um nome é um som. Corretamente proferido, não importa por quem, tem uma forte influência sobre a inteligência que representa, e a palavra usada em cada grau de Iniciação, dá ao homem acesso a uma particular esfera de vibração Povoada por certas classes de Espíritos. Portanto, como um

diapasão corresponde a uma nota de igual intensidade, assim também Fausto ao pronunciar o nome do Espírito da Terra, abre sua consciência à essa presença totalmente penetrante.

Devemos lembrar que a experiência de Fausto não é um exemplo isolado do que pode acontecer sob condições anormais. Ele é um símbolo da alma que procura. Num certo sentido, você e eu somos Faustos, pois em algum estágio de nossa evolução encontraremos o Espírito da Terra e compreenderemos o poder do Seu nome corretamente pronunciado.

Capítulo III ***As Tristezas da Alma que Procura (continuação)***

Em *A Estrela de Belém, um Fato Místico*, tentamos transmitir aos estudantes uma noção de certa fase da Iniciação. A maioria das pessoas caminha na Terra e vê apenas uma massa aparentemente morta. Mas, um dos primeiros fatos revelados em nossa consciência pela Iniciação, é a realidade viva do Espírito da Terra. Como a superfície de nosso corpo é morta comparada com os órgãos internos, assim também o invólucro externo da Terra não dá ideia da maravilhosa atividade interna. No caminho da Iniciação nove camadas diferentes são reveladas, e no centro desta esfera giratória deparamos, face a face, com o Espírito da Terra. É verdade que ele está "gemendo e sofrendo" na Terra por todos nós, trabalhando e esperando ansiosamente por nossa manifestação como Filhos de Deus para que, assim como a alma que procura e aspira a libertação é desprendida de seu corpo denso, também o Espírito da Terra possa ser libertado de seu corpo mortal no qual está agora confinado por nós. Para Fausto, as palavras do Espírito da Terra, ditas por Goethe, oferecem esplêndido material para meditação, pois representam misticamente o que o candidato sente quando percebe pela primeira vez a verdadeira realidade do Espírito da Terra como uma presença viva, trabalhando sempre ativamente para nossa elevação.

"Nas correntes da vida, na ação da tempestade,

Eu flutuo e balanço em movimento ondulado;

Nascimento e tûmulo, um oceano ilimitado;

Um constante tecer em oportunidade abundante,

Uma Vida ardente, um movimento incessante,

Zunindo o tear do tempo, eu tenho continuamente seguido;

O vivo traje de Deus, é assim por mim tecido".

Naturalmente, o Espírito da Terra não é para ser idealizado com o aspecto de um homem grande, ou como tendo uma forma física que não seja a da própria Terra. O corpo vital de Jesus, o qual o Espírito Cristo utilizou antes de seu ingresso na Terra, tem a forma humana comum; está preservado e é mostrado ao candidato num certo ponto de sua escalada. Algum dia, num futuro distante, abrigará novamente o benevolente Espírito Cristo em Seu retorno do centro da Terra. Isto acontecerá quando nós nos tivermos eterizado, e quando Ele estiver pronto para ascender à esferas

mais elevadas, deixando-nos para que sejamos instruídos sobre o Pai, cuja religião será mais elevada do que a religião Cristã.

A verdade esotérica de que quando um Espírito entra por uma determinada porta, deve também retornar da mesma maneira, é ensinada por Goethe em relação à aparição inicial de Mefistófeles a Fausto. Fausto não está no caminho regular da Iniciação. Não recebeu permissão nem ajuda dos Irmãos Maiores; está batendo na porta errada devido à sua impaciência. Portanto é rejeitado pelo Espírito da Terra e, quando pensa ter conseguido entrar, é lançado dos píncaros da alegria ao abismo do desespero, onde compreende que realmente falhou.

"Eu, a própria imagem de Deus, desta labuta de barro

Já liberto, eu que saudei

O espelho da eterna verdade e a revelei,

Em meio ao dia celestial e à luz fulgurando,

Eu, cuja alma está se libertando

E. com olhar penetrante, aspirei fluir

Pelas veias da natureza, e ainda criando

Conheço a vida dos deuses ... agora estão a me punir,

Uma fulminante palavra afastou-me do caminho!

Espírito. eu não ousou elevar-me à tua esfera, sozinho;

E embora meu poder te compelisse a aparecer

Minha arte foi inútil para aqui conseguir te deter.

Cruelmente, do reino do pensamento senti o arremessar

De volta ao destino incerto da humanidade!

Quem agora vai me ensinar? A que devo eu renunciar?"

Ele pensa que as fontes de informação estão exauridas e que nunca poderá atingir o verdadeiro conhecimento. E, temendo a depressiva monotonia de uma existência trabalhosa e comum, agarra um frasco de veneno e está prestes a bebê-lo, quando canções do lado de fora proclamam a ascensão de Cristo, pois é manhã de Páscoa. A este pensamento, nova esperança agita sua

alma. Além disso, é também perturbado em seu propósito pela chegada de Wagner, seu amigo.

Caminhando em direção a ele, Fausto emite o grito de agonia arrancado de toda alma aspirante na terrível luta entre as naturezas superior e inferior. Enquanto vivemos nossa vida mundana, sem aspirações elevadas, há paz em nosso íntimo. Mas, uma vez sentido o chamado do Espírito, nosso equilíbrio é alterado, e quanto mais ardentemente persistimos na procura do Graal, mais violenta é esta luta interna. Paulo considerava-se um homem desditoso porque os desejos inferiores da carne combatiam as suas mais elevadas aspirações espirituais. As palavras de Fausto têm um significado semelhante:

"Duas almas, oh! moram dentro do meu peito,

E aí lutam por um indivisível reino;

Uma aspira pela terra, com vontade apaixonada

Às íntimas entranhas ainda está ligada.

Acima das névoas, a outro aspira, de certeza,

Com ardor sagrado por esferas onde reine a pureza".

Mas ele não percebe que o caminho para obter a realização desejada é árduo e que cada um deve trilhá-lo sozinho para alcançar a paz. Julga que os Espíritos podem dar-lhe o poder da alma, pronto para ser usado:

"Oh! Há Espíritos no ar,

Que flutuam entre o céu e a terra em domínio atuando?

Inclinai-vos de vossa atmosfera dourada e levai-me

Para cenários, nova vida e em plena rendição ireis me guiando.

Se eu Possuísse um manto mágico, simplesmente,

Para transportar-me como que em invisíveis asas, largamente,

Muito mais do que custosas vestes eu o prezaria,

E nem por um manto real o trocaria".

Por esperar assim a ajuda dos outros, está condenado à desilusão. Se és Cristo, ajuda-te a ti mesmo", é a regra universal, e a

autoconfiança é a virtude fundamental a qual os aspirantes são exortados a cultivar na Escola de Mistérios Ocidental. Ninguém deve apoiar-se nos Mestres ou seguir cegamente os Guias. Os Irmãos da Rosacruz procuram emancipar as almas que a eles recorrem; dispõem-se a orientá-las, fortalecê-las e torná-las co-participantes diretas nesse trabalho. Filantropos não aparecem facilmente e quem pretender do Mestre mais do que uma orientação, terá uma decepção. Não importa as pretensões que alguns mestres possam ter, não importa se eles vêm fisicamente ou como Espíritos, não importa quão espirituais pareçam, os Mestres positivamente não podem fazer por nós as boas ações necessárias para o crescimento anímico, nem dar-nos o conseqüente poder da alma pronto para ser usado, do mesmo modo que não podem conferir-nos força física ingerindo nosso alimento. Na verdade, Fausto, a alma que procura, atrai um Espírito pronto para servi-lo, mas é um Espírito de natureza indesejável: Lúcifer. Quando Fausto pergunta seu nome, ele responde:

"O Espírito de Negação: a força que mesmo o mal planejando,

Para o bem está trabalhando".

Pessoas ou Espíritos que se dispõem a satisfazer nossos desejos, geralmente têm um fim em vista.

Chegamos agora a um ponto que envolve uma importante lei cósmica, que fundamenta vários fenômenos espiritualistas e corrobora o singular ensinamento da Fraternidade Rosacruz (e da Bíblia) de que Cristo não voltará num corpo denso, mas sim num corpo vital. Mostra também por que Ele deve voltar. Os estudantes devem empenhar-se em ler cuidadosamente o seguinte,

Atraído pela atitude mental de Fausto, Lúcifer segue-o em seu gabinete. No chão, junto à porta, está uma estrela de cinco pontas, com duas das pontas próximas da porta. No processo normal da Natureza, o Espírito humano entra em seu corpo denso durante a vida pré-natal e retira-se, na ocasião da morte, pela cabeça. Os Auxiliares Invisíveis que aprenderam a transmutar sua força sexual em poder da alma no corpo pituitário, também saem e entram no corpo denso pela cabeça; portanto, o pentagrama com uma ponta para cima, simboliza a alma aspirante que trabalha em harmonia com a Natureza.

O mago negro, que não tem alma nem poder de alma, também usa a força do sexo. Ele deixa e entra em seu corpo pelos pés, o cordão prateado projetando-se do órgão sexual. Portanto, o pentagrama com duas pontas para cima é o símbolo da magia negra. Lúcifer não teve dificuldade para entrar no gabinete de Fausto, mas,

quando ele quer sair depois de dialogar com seu interlocutor, uma única ponta barra seu caminho. Ele pede a Fausto para remover o símbolo e este pergunta:

Fausto: "O Pentagrama tua Paz perturba,

Explica-me, filho do inferno,

Se ele tua saída impede, como pudeste entrar?

Onde está a armadilha,

Por que pela janela não te podes retirar?"

Lúcifer: "Para os fantasmas e espíritos é uma lei

Por onde entrarmos, por aí sair devemos.

Somos livres para a primeira entrada escolher,

Mas da segunda, escravos vamos ser".

Até o ano 33 D.C., Jeová guiou nosso planeta em sua órbita e a humanidade no caminho da evolução, de fora. No Gólgota, Cristo entrou na Terra, que Ele agora guia de dentro, e continuará até que um número suficiente de nossa humanidade tenha desenvolvido a força de alma necessária para pairar na Terra e guiar nossos irmãos mais jovens. Isto requer habilidade para viver em corpos vitais, capazes de levitação. O corpo vital de Jesus, através do qual Cristo entrou na Terra, é Seu único meio de retornar ao Sol. Portanto, o Segundo Advento será no corpo vital de Jesus.

Capítulo IV

Vendendo sua Alma a Satanás

O mito de Fausto apresenta uma situação curiosa no encontro do herói, que é a alma que procura, com diferentes classes de Espíritos. O Espírito de Fausto, inerentemente bom, sente-se atraído para as ordens superiores; sente afinidade pelo benevolente Espírito da Terra, e deplora a incapacidade de retê-lo e aprender com ele. Face a face com o espírito de negação, ao qual está disposto a servir, ele se sente de um certo modo senhor da situação, porque esse espírito não pode sair pela parte superior do símbolo da estrela de cinco pontas na posição em que está colocada no chão. Mas, tanto sua incapacidade em reter o Espírito da Terra e obter instrução desse exaltado Ser, como seu domínio sobre o espírito de negação, decorrem do fato dele ter entrado em contato com eles por acaso e não através do poder da alma desenvolvido internamente.

Quando Parsifal, o herói de outro desses grandes mitos da alma, visitou pela primeira vez o Castelo do Graal, foi-lhe perguntado como havia chegado ali, e ele respondeu: "Eu não sei". Aconteceu que ele entrou no lugar sagrado da mesma forma que uma alma percebe, às vezes, um vislumbre dos reinos celestiais numa visão; mas ele não podia ficar no Monte Salvat. Foi forçado a sair novamente para o mundo e aí aprender suas lições. Muitos anos depois ele retornou ao Castelo do Graal, triste e cansado da busca e a mesma pergunta lhe foi feita: "*Como chegaste aqui?*" Mas, desta vez, sua resposta foi diferente, pois disse: "*Através da procura e do sofrimento eu vim*".

Este é o ponto fundamental que marca a grande diferença entre alguns que se põem em contato com Espíritos dos reinos suprafísicos por acaso e tropeçam no entendimento de uma lei da Natureza, ou aqueles que, por zelosos estudos e principalmente por viver a vida, obtêm a Iniciação, conscientes dos segredos da Natureza. Os primeiros não sabem como usar este poder inteligentemente e estão, portanto, desamparados. Os últimos são sempre senhores das forças que manejam, enquanto os outros são vítimas de quem quiser tirar vantagem deles.

Fausto é o símbolo do homem, e a humanidade foi, no princípio, dirigida pelos Espíritos de Lúcifer e pelos Anjos de Jeová. Agora estamos olhando para o Espírito Cristo na Terra como o Salvador, para emancipar-nos da influência egoísta e negativa dos lucíferos.

Paulo nos dá uma visão da evolução futura que nos está destinada, quando disse que, após Cristo estabelecer Seu reino, Ele o entregará ao Pai, e então será tudo em tudo.

No entanto, Fausto procura primeiro comunicar-se com o macrocosmo, que é o Pai. Como o centauro celeste, Sagitários, ele aponta seu arco para as estrelas mais altas. Não está satisfeito em começar por baixo e galgar o cimo gradativamente. Quando repellido por aquele sublime Ser, desce um degrau na escala e procura comunhão com o Espírito da Terra, que também o desdenha, pois ele não pode tornar-se o pupilo das elevadas forças enquanto não ajustar-se às suas regras, para assim poder entrar no caminho da Iniciação pela porta verdadeira. Portanto, quando percebe que o pentagrama junto da porta detém o Espírito do mal, entrevê uma oportunidade para fazer um acordo. Está pronto para vender sua alma a Satanás.

Mas, como foi dito antes, está totalmente despreparado para manter o domínio com êxito, e o poder do espírito rapidamente desobstrui o caminho e liberta Lúcifer. Mas este, embora saia do gabinete de Fausto, logo volta, pronto para negociar com a alma que procura. Ele descreve, diante dos olhos de Fausto, quadros brilhantes de como viver a vida, como poderá satisfazer suas paixões e desejos. Fausto, sabendo que Lúcifer não está desinteressado, pergunta que compensação ele quer. A isto, Lúcifer responde:

" Eu me comprometo a ser teu servo aqui, enfim,

E a todo o teu aceno e chamado, alerta vou estar;

Mas, quando na esfera além nos formos encontrar,

Então, tu farás o mesmo para mim".

O próprio Fausto acrescentou uma condição aparentemente singular com respeito à época em que o serviço de Lúcifer terminar, e quando sua própria vida terrestre tiver chegado ao fim.

Embora pareça estranho, nós temos na aquiescência de Lúcifer e na cláusula proposta por Fausto, leis básicas de evolução. Pela Lei de Atração somos postos em contato com Espíritos semelhantes, tanto aqui como na vida futura. Se servimos as forças superiores aqui e trabalhamos para elevar-nos, encontraremos companheiros com a mesma índole neste mundo e no próximo. Mas, se gostamos da escuridão mais do que da luz, estaremos ligados ao submundo aqui e no futuro também. Não há como escapar desta lei.

Além disso, somos todos "*construtores do templo*" trabalhando sob a direção de Deus e Seus ministros, as divinas Hierarquias. Se evitarmos a tarefa que nos foi imposta na vida, seremos colocados sob condições que nos forçarão a aprender. Não há descanso nem paz no caminho da evolução e se procurarmos prazer e alegria a

ponto de excluir o trabalho da vida, o dobrar fúnebre dos sinos logo será ouvido. Se chegarmos, alguma vez, a um ponto em que estejamos inclinados a ordenar que as horas parem ou se estamos tão satisfeitos com a nossa vida que até cessamos nossos esforços para progredir, nossa existência estará rapidamente terminada. Observamos que as pessoas que se retiram dos negócios vivendo apenas para aproveitar o que acumularam, logo morrem; enquanto que o homem que troca sua profissão por uma outra ocupação, geralmente vive mais tempo. Nada é tão fácil para encerrar uma existência do que a inatividade. Como já foi dito, as Leis da Natureza são enunciadas no acordo de Lúcifer e na condição acrescentada por Fausto:

*"Se eu me satisfizer com a indolência e o lazer,
Que seja essa, então, a última hora que eu possa ter.
Quando tu com lisonjas me fores adular
Até que auto-complacente eu venha a ser;
Quando tu com prazeres me puderes enganar,
Seja esse o meu dia final.
Sempre que a hora for passando
Eu digo: 'Oh! fica, és tão leal!'
Assim, a força a ti eu vou dando
De levar-me ao mais profundo desespero.
Meu dobrar de sinos não o deixes prolongar,
De meu serviço, livre irás ficar;
E quando do relógio o ponteiro indicador tiver caído,
Esteja, então, o meu tempo concluído".*

Lúcifer pede a Fausto que assine o contrato com uma gota de sangue. E quando perguntado por que, diz astuciosamente: "O sangue é uma essência muitíssimo peculiar". A Bíblia diz que é assento da alma.

Quando a Terra estava em processo de condensação a aura invisível que circundava Marte, Mercúrio e Vênus, penetrou na Terra e os Espíritos desses planetas estiveram em relacionamento

especial e íntimo com a humanidade. O ferro é metal de Marte e pela mescla do ferro com o sangue, a oxidação torna-se possível; assim, o calor interno, necessário para a manifestação de um Espírito que habita internamente, foi obtido pela ação dos Espíritos Lucíferos de Marte. Eles são, portanto, responsáveis pelas condições sob as quais o Ego está enclausurado no corpo denso.

Quando o sangue é extraído do corpo humano e coagula, cada partícula tem uma forma especial, distinta das partículas de qualquer outro ser humano. Portanto, quem tiver sangue de uma certa pessoa, tem um elo de ligação com o Espírito que construiu as partículas do sangue. Ele tem poder sobre essa pessoa, se souber como usar esse conhecimento. Foi essa a razão porque Lúcifer exigiu a assinatura com o sangue de Fausto, pois com o nome de sua vítima escrito em sangue, poderia conservar a alma escravizada de acordo com as leis envolvidas.

Sim, de fato! O sangue é uma essência muitíssimo peculiar, importante tanto na magia branca como na negra. Todo conhecimento usado em qualquer direção, deve necessariamente alimentar-se da vida que é primariamente derivada dos extratos do corpo vital, isto é, a força do sexo e o sangue. Todo conhecimento que não seja assim alimentado e nutrido, é tão impotente como a filosofia que Fausto tirou de seus livros. Livros não são suficientes por si só. Somente na medida em que trazemos esses conhecimentos para nossas vidas, alimentando-os e vivenciando-os, é que eles têm real valor.

Existe, no entanto, uma importante diferença a considerar: enquanto o aspirante da Ciência Sagrada alimenta sua alma com sua própria força sexual, e as paixões inferiores com seu próprio sangue que, então, ele transmuta e depura, aqueles que aderem à magia negra vivem como vampiros à custa da força sexual dos outros e do sangue impuro sugado das veias de suas vítimas. No Castelo do Graal vemos o sangue puro e depurador operando maravilhas sobre os cavaleiros virtuosos que aspiravam desempenhar elevadas ações. Porém, no Castelo de Herodes, a personificação da voluptuosidade - Salomé - fez com que o sangue da paixão corresse desenfreadamente pelas veias dos participantes, e o sangue que jorrou da cabeça do martirizado Batista serviu para dar-lhes o poder que eles não tinham, por serem muito covardes para adquiri-lo através do sofrimento e da própria depuração.

Fausto tenciona adquirir poder rapidamente com o auxílio de outros, tocando num ponto perigoso, do mesmo modo como fazem hoje aqueles que seguem os que se intitulam "adeptos" ou "mestres". Estes estão prontos para explorar os mais baixos

apetites dos crédulos, da mesma forma que Lúcifer ofereceu-se para ajudar Fausto. Mas eles nunca poderão dar o poder da alma, não importa o que aleguem. Isto é conquistado internamente, pela paciente perseverança em fazer o bem, um fato que nunca será demasiado repetir.

Capítulo V **Vendendo sua Alma a Santanás (continuação)**

Por estar aborrecido, Fausto responde com desdém à exigência de Lúcifer de assinar com sangue o pacto entre eles e, então, profere as seguintes palavras:

"Não temas que faltar à minha palavra eu vá.

O propósito de toda a minha energia

Em inteira concordância com meu juramento está.

Levianamente, muito alto tenho aspirado;

Estou no mesmo nível que tu;

Eu, o Grande Espírito escarnecido; desafiado.

A própria Natureza se escondeu de mim.

Rasgada está a teia do pensamento; minha mente

Abomina toda a classe de conhecimento.

Nas profundezas. de prazeres sensuais mergulhadas

Deixemos ficar nossas paixões incendiadas,

Envoltas nos abismos de mágicos véus formosos,

E que nossos sentidos vibrem em encantos assombrosos".

Tendo sido desdenhado pelas forças que conduzem ao bem e estando completamente dominado pelo desejo de obter conhecimento direto e de verdadeiro poder, está disposto a ir até as últimas conseqüências. Mas Deus está sempre presente, como foi dito no prólogo:

"Um homem bom em sua mais escura aberração,

Conhece ainda o caminho que o conduz à salvação".

Fausto é a alma aspirante, e a alma não pode ser permanentemente desviada do caminho da evolução.

A declaração de Fausto sobre seu objetivo corrobora a afirmação de que ele tem um ideal elevado, mesmo quando chafurda na lama. Ele quer experiência:

"O fim que eu aspiro não é o prazer.

Agonizante bem-aventurança - eu anseio por realização.

Ódio enamorado, rápido aborrecimento.

Purgado do amor do saber, minha vocação.

De hoje em diante, o objetivo de todos os meus poderes vai ser

Livrar meu peito de toda angústia, conhecer

Todo o infortúnio e o bem estar humanos no âmago do meu coração.

O sublime e o profundo em pensamento abraçar,

Os vários destinos do homem em meu peito acumular".

Antes que alguém possa ser realmente compassivo, deve sentir, como Fausto também o deseja, tanto a profundidade das tristezas da alma humana como suas elevadas alegrias; pois, somente quando conhecemos estes extremos dos sentimentos humanos podemos sentir a compaixão necessária por aqueles que precisam ser ajudados, e assim colaborar na elevação da humanidade. Através de Lúcifer, Fausto é capaz de conhecer tanto a alegria como a tristeza. Lúcifer também admite isto quando diz:

"A força que mesmo o mal planejando

Para o bem está trabalhando".

Pela interferência dos Espíritos de Lúcifer no esquema da evolução, as paixões da humanidade foram despertadas, intensificadas e conduzidas para um canal que tem causado todas as tristezas e enfermidades no mundo. Não obstante, isso despertou a individualidade no homem e libertou-o das condições liderantes dos Anjos. Fausto, pela ajuda de Lúcifer, é afastado dos caminhos convencionais, tornando-se assim individualizado. Quando o pacto entre Fausto e Lúcifer foi concluído, tivemos a réplica dos Filhos de Caim, que são os descendentes e protegidos dos Espíritos de Lúcifer, como vimos em *"Maçonaria e Catolicismo"*.

Na tragédia de Fausto, Margarida é a protegida dos Filhos de Seth, o clero, descrito na lenda Maçônica. No momento, as duas classes representadas por Fausto e Margarida devem defrontar-se, e entre elas será encenada a tragédia da vida. Em conseqüência das desgraças sofridas por elas, a alma criará asas que a elevarão novamente aos reinos das bem-aventuranças de onde veio. Nesse ínterim, Lúcifer leva Fausto à cozinha das bruxas onde ele vai

receber o elixir da juventude, para que, rejuvenescido, possa tornar-se desejável aos olhos de Margarida.

Quando Fausto aparece no palco, a cozinha das bruxas está repleta de instrumentos que são usados em magia. Um fogo infernal queima sob uma chaleira onde são preparadas as poções de amor, e há aí muito mais coisas fantásticas. Observamos vários objetos inanimados, mas o que mais desperta a nossa atenção é uma família de macacos, a qual tem um grande significado porque representa uma fase da evolução humana.

A humanidade, satisfeita com a paixão instigada pelos Espíritos de Lúcifer ou Anjos caídos, libertou-se da hoste angelical liderada por Jeová. Como conseqüência desse obstinado desejo, foram logo envolvidos por "revestimentos de pele" e separados uns dos outros. O egoísmo suplantou o sentimento de fraternidade, atingindo o nadir do materialismo. Alguns foram mais passionais que outros. Por isso, seus corpos cristalizaram-se mais. Eles degeneraram e tornaram-se antropóides. Seu tamanho foi reduzido à medida que se aproximavam do limite onde a espécie devia ser extinta. Eles são, portanto, os pupilos especiais dos Espíritos lucíferos. Assim, o mito de Fausto mostra-nos uma fase da evolução humana não incluída na lenda Maçônica, e dá-nos uma visão mais completa e conjunta do que realmente aconteceu.

Houve uma época em que toda a humanidade passou pelo ponto onde os cientistas acreditam estar localizado o elo perdido. Os que agora são antropóides degeneraram a partir daquele ponto, enquanto a família humana evoluiu até o presente estágio de desenvolvimento. Sabemos como a indulgência para com as paixões embrutece aqueles que por elas se deixam levar. Podemos compreender prontamente que quando o homem estava ainda em formação, sem individualidade e sob controle direto das forças cósmicas, esta indulgência não era controlada pelo sentimento da individualidade que, de certo modo, nos protege hoje. Portanto, os resultados seriam naturalmente mais desastrosos e de maiores conseqüências.

Alguma vez, a alma aspirante deve entrar na cozinha das bruxas como o fez Fausto, e encarar o objetivo da lição que nos leva a considerar a conseqüência do mal, representada pelo macaco. A alma tem, então, permissão para encontrar-se com Margarida no jardim, para tentar e ser tentada, para escolher entre a pureza e a paixão, para cair como Fausto, ou permanecer firmemente na pureza, como fez Parsifal. Sob a Lei da Compensação receberá sua recompensa pelas ações praticadas no corpo. De fato, a sorte é irmã gêmea do merecimento, como Lúcifer mostra a Fausto, e a verdadeira sabedoria só se conquista com paciente perseverança na prática do bem.

"Quão ligada está a sorte ao merecimento,

Isso ao tolo jamais ocorreria.

Eu juro, tivesse ele a pedra do homem sábio,

A pedra do filósofo não seria".

Fiel a seu propósito de estudar a vida em vez de livros, Fausto pede a Lúcifer que consiga introduzi-lo na casa da Margarida. Tenta conquistar a afeição dela com um principesco presente de jóias, que Lúcifer introduziu às escondidas em seu armário. O irmão de Margarida está ausente, lutando por sua pátria. Sua mãe não é capaz de decidir o que fazer com o presente, e o leva ao seu guia espiritual na igreja. Este aprecia mais o brilho das gemas do que as preciosas almas a ele confiadas. Negligencia seu dever à vista de um colar de pérolas, mais ansioso em garantir as jóias para o adorno de um ídolo, do que defender uma filha da igreja contra o perigo moral que a cerca. Assim, Lúcifer vence e rapidamente recebe uma recompensa de sangue e, em seguida, de almas humanas. Para conseguir acesso aos aposentos de Margarida, Fausto a persuade a dar à sua mãe uma poção para dormir, o que causa a esta, a morte. Valentino, o irmão de Margarida, é morto por Fausto. Margarida é encarcerada e sentenciada a sofrer pena capital.

Quando uma semente adere à polpa de uma fruta ainda verde, é doloroso retirá-la de lá. Da mesma forma, o sangue, que é o assento da alma, está no corpo de uma pessoa e, quando esta encontra um fim súbito e prematuro, é fácil perceber o sofrimento de tal morte. Os Espíritos de Lúcifer deleitam-se com a intensidade do sentimento e evoluem através disso. Em relação ao objetivo, a natureza de uma emoção não é tão essencial quanto sua intensidade. Por isso, eles agitam as paixões humanas de natureza inferior, que são mais intensas em nosso presente estágio de evolução do que os sentimentos de alegria e amor. Como resultado, incitam à guerra e ao derramamento de sangue, e o que nos parece maligno agora, na realidade, são degraus para ideais mais nobres e elevados, pois, através da tristeza e do sofrimento, tais como foram gerados em Margarida, o Ego eleva-se cada vez mais na escala da evolução. Aprende o valor da virtude quando desliza na direção do vício.

Foi com verdadeira compreensão deste fato que Goethe escreveu:

"Quem nunca comeu seu pão em amargo afã,

Quem nunca, acordado, a meia-noite viu passar,

*Chorando, esperando pelo amanhã,
Os Poderes celestiais não sabe ainda avaliar".*

Capítulo VI

O Preço do Pecado e os Caminhos da Salvação

"O preço do pecado é a morte", diz a Bíblia e quando semeamos para a carne, por certo colheremos corrupção. Também não devemos ficar surpresos quando alguém de caráter negativo, como os Filhos de Seth representados por Margarida no mito de Fausto, torna-se vítima desta lei da Natureza, logo após ter cometido o pecado. A rápida prisão de Margarida pelo crime de matricídio é uma ilustração de como funciona a lei. O sagrado horror da igreja, que foi omissa não a protegendo enquanto ainda havia tempo, é um exemplo de como a sociedade procura encobrir sua negligência e ergue suas mãos chocada pelos crimes pelos quais, em grande parte, é a própria responsável.

Se o padre, em vez de cobiçar as jóias, tivesse ficado atento à confiança de Margarida, poderia tê-la ajudado em tão dura sina, e, embora ela pudesse ter sofrido por perder seu amado, teria conservado sua pureza. Contudo, é pela intensidade da dor que a alma sofredora encontra seu caminho de volta à fonte de seu ser, pois nós todos, como filhos pródigos, deixamos nosso Pai no Céu, afastamo-nos dos reinos do espírito e alimentamo-nos das escórias da matéria para adquirir experiência e ganhar individualidade.

Quando estamos no abismo do desespero, começamos a compreender nossa alta linhagem e exclamamos: "Vou erguer-me e ir ao encontro de meu Pai". Ser membro de uma igreja, ou estudar o misticismo do ponto de vista intelectual, não trazem a compreensão do até onde, que é necessário para podermos seguir o Caminho. Porém, quando estamos despojados de todo apoio mundano, quando estamos doentes ou na prisão, encontramos-nos mais próximos e somos mais queridos do Salvador do que em qualquer outro momento. Portanto, Margarida na prisão, proscrita pela sociedade, está mais próxima de Deus do que aquela inocente, bela e pura Margarida, que tinha o mundo diante de si quando encontrou Fausto no jardim.

O Cristo não tem mensagem para aqueles que estão satisfeitos e amam o mundo e seus costumes. Enquanto estiverem com essa mentalidade, Ele não lhes pode falar, nem eles podem ouvir Sua voz. Mas há uma infinita ternura nas palavras do Salvador: "Vinde a mim todos vós que labutais e estais oprimidos e eu vos darei descanso". A alma pecadora simbolizada por Margarida em sua cela na prisão, solitária, banida da sociedade como uma leprosa moral e social, é compelida a elevar seus olhos aos céus e suas preces não são em vão. Contudo, até o último momento, as tentações perseguem a alma que procura. As portas do céu e do inferno estão igualmente próximas à cela da prisão de Margarida, como vemos pela visita de Fausto e Lúcifer, que tentam arrastá-la

da prisão e da morte iminente para uma vida de vergonha e servidão. Mas ela mantém-se firme. Prefere a prisão e a morte à vida e liberdade na companhia de Lúcifer. Dessa maneira resistiu à prova e qualificou-se para o Reino de Deus.

Salomão era servo de Jeová e como Filho de Seth estava ligado ao Deus que o criou e a seus ancestrais. Mas, numa vida posterior, como Jesus, ele deixou seu Primeiro Mestre no Batismo, e depois recebeu o Espírito do Cristo. Assim, todos os Filhos de Seth devem, algum dia, deixar seus protetores e escolher Cristo, sem se importarem com o sacrifício conseqüente, ainda que o preço seja a própria vida.

Margarida em sua cela da prisão toma essa importante decisão e qualifica-se para a cidadania no Novo Céu e na Nova Terra, pela fé em Cristo. Por outro lado, Fausto permanece com o Espírito de Lúcifer por um tempo considerável. Ele possui agora um caráter mais Positivo, é um verdadeiro Filho de Caim e, embora o preço do Pecado possa eventualmente levá-lo à morte, a salvação pode vir através de uma concepção mais pura do amor, e através de obras.

Na segunda parte de Fausto, encontramos o herói com o espírito alquebrado pela desgraça que, por sua causa, caiu sobre Margarida. Percebe sua culpa e começa a galgar o caminho da redenção. Usa o Espírito de Lúcifer, ligado a ele pelo pacto de sangue, como um meio de atingir sua finalidade. Torna-se um fator importante nos assuntos de estado do país por onde viaja, pois todos os Filhos de Caim deleitam-se com a arte de governar, assim como os Filhos de Seth gostam da política clerical.

Fausto, contudo, não satisfeito em servir outros sob as condições existentes, invoca as forças diabólicas sob seu comando para criar uma região, emergi-la do mar e fazer uma Nova Terra. Ele sonha uma utopia, pretendendo que este lugar livre seja o lar de um povo livre que a habitará em paz e alegria, vivendo à altura dos mais elevados ideais da vida.

Estes ideais são originados em sua alma pelo amor de uma personagem chamada Helena, um amor da mais sublime e espiritual natureza, inteiramente separado do pensamento de sexo e paixão. Com o decorrer do tempo, ele vê esta terra elevar-se do mar, mas seus olhos estão ficando cegos, pois está substituindo sua contemplação de uma condição terrestre para uma celestial. Enquanto fica assim contemplando as forças dirigidas por Lúcifer, labutando em seu comando dia e noite, Fausto compreende que tornou real a predição de Lúcifer para ser:

"A força que mesmo o mal planejando,

Para o bem está trabalhando".

Ele percebe que seu trabalho com as forças inferiores está chegando ao término e que sua visão está diminuindo. Mas, com o desejo veemente que se apodera da sua alma para ver o fruto de suas obras, ele quer reter a visão até que tudo esteja completado e seu sonho utópico convertido em realidade. Porém, como a visão que tem diante de si - a terra surgindo do mar e o feliz povo que nela vive em fraternidade - se desvanece sob seus olhos quase cegos, ele profere as palavras fatídicas que disse quando de seu pacto como Lúcifer:

"Sempre que a hora for passando Eu digo: 'Oh! fica! és tão leal',

Assim, a força a ti eu vou dando

De levar-me ao mais profundo desespero.

Meu dobrar de sinos não o deixes prolongar,

De meu serviço, livre irás ficar;

E quando do relógio o ponteiro indicador tiver caído,

Esteja, então, o meu tempo concluído".

Pelos termos desse pacto, quando Fausto proferiu as palavras fatídicas, as forças do inferno soltaram-se da escravidão e foram para ele que, por sua vez, tornou-se vítima delas. Pelo menos assim parecia ser. Mas Fausto não desejou deter a marcha do tempo com o objetivo de desfrutar os prazeres sensuais, nem de satisfazer desejos egoístas, como foi projetado no pacto. Para a realização de um ideal altruístico e nobre, ele desejou deter a hora que passava. Por conseguinte, está realmente livre de Lúcifer, e uma batalha entre as forças angélicas e as hostes lucíferas termina finalmente com o triunfo das primeiras, que conduzem a alma que procura para o porto do descanso no reino de Cristo, enquanto proferem as seguintes palavras:

"A nobre alma está salva do mal,

Nosso espírito ressurge. Todo aquele

Que se esforça para adiante, com desejo de mudar,

Nós podemos libertá-lo.

E, se nele, o amor celestial tomou lugar,

Para encontrá-lo desçam os anjos do céu

Com afeto cordial, eles o vão saudar".

Assim, o Fausto do mito é uma personalidade inteiramente diferente do Fausto do palco; e o drama que começa no céu, onde foi dada permissão a Lúcifer para tentá-lo, como Job foi tentado na antiguidade, também acaba no céu quando a tentação foi vencida e a alma voltou para seu Pai.

Goethe, o grande místico, finaliza apropriadamente sua versão com o mais místico de todos os versos encontrados em qualquer literatura:

"Tudo que é perecível,

É somente uma ilusão.

O inatingível,

É aqui consumação.

O indescritível,

Aqui ele é ação.

O Eterno Feminino,

É para nós uma atração".

Esta estrofe confunde todos os que não são capazes de penetrar nos reinos onde ela é cantada, isto é, no céu.

Nela se diz que "tudo que é perecível é somente uma ilusão". Quer dizer, as formas materiais que estão sujeitas à morte e à transmutação são apenas uma ilusão do arquétipo visto no céu. "O inatingível é aqui consumação" - o que pareceu impossível na Terra é consumado no céu. Ninguém sabe disso melhor do que quem é capaz de agir nesse reino, pois aí toda aspiração elevada e sublime encontra satisfação. As indescritíveis aspirações, idéias e experiências da alma, que nem ela pode expressar para si própria, são claramente definidas no céu. O Eterno Feminino, a Grande Força Criadora na Natureza, a Mãe-Deus que nos conduz pelo caminho da evolução, torna-se lá uma realidade. Assim, o mito de Fausto conta a história do Templo do Mundo, que as duas classes de pessoas estão construindo e que serão, finalmente, o Novo Céu e a Nova Terra profetizados no Livro dos Livros.

PARSIFAL
Capítulo VII
Célebre Drama Musical Místico de Wagner

Ao olharmos ao nosso redor, no universo material, vemos miríades de formas. Todas elas têm uma certa e muitas emitem um som definido; na verdade todas o fazem, pois há som mesmo na chamada Natureza inanimada. O vento na copa das árvores, o murmúrio do regato, o marulho do oceano, são contribuições definidas para a harmonia da Natureza.

Destes três atributos da Natureza, forma, cor e som, a forma é o mais estável, tendendo a permanecer no *status quo* por muito tempo e mudando lentamente. Por outro lado, a cor muda com mais facilidade, desvanece, e há algumas cores que mudam seu matiz quando colocadas à luz em diferentes ângulos; mas o som é o mais fugaz dos três; vai e vem como um fogo-fátuo, que ninguém pode agarrar ou reter.

Há, também, três artes que procuram expressar o bom, o verdadeiro e o belo nestes três atributos da Alma do Mundo: escultura, pintura e música.

O escultor que lida com a forma procura aprisionar a beleza numa estátua de mármore que, por milênios, resistirá à inclemência do tempo; porém, uma estátua de mármore é fria e fala apenas a alguns poucos que são evoluídos e capazes de impregnar a estátua com suas próprias vidas.

A arte do pintor trabalha principalmente com a cor; não dá forma palpável às suas criações. Do ponto de vista material, a forma numa pintura é uma ilusão, entretanto, é muito mais real para a maioria das pessoas do que a verdadeira estátua tangível, pois as formas do pintor são vivas. Há beleza viva na pintura de um grande artista, uma beleza que muitos podem perceber e apreciar.

Mas no caso de uma pintura somos novamente afetados pela alteração de cor; o tempo logo empana seu frescor e, na melhor das hipóteses, nenhuma pintura durará mais do que uma estátua.

Contudo, nas artes que lidam com forma e cor, há uma criação permanente; elas têm isso em comum, e nisso diferem radicalmente da arte do som, pois a música é tão indefinível que deve ser recriada cada vez que desejamos apreciá-la, e tem um poder de falar a todos os seres humanos de uma maneira que está além das outras duas artes. Aumenta nossas alegrias e conforta nossas mais profundas tristezas. Pode acalmar a paixão de uma natureza selvagem e despertar a bravura no maior covarde; é o fator mais poderoso conhecido pelo homem para exercer influência

sobre a humanidade, e, no entanto, analisada unicamente sob o ponto de vista material, é supérflua, como demonstrado por Darwin e Spencer.

Somente quando nos encontramos atrás dos bastidores do visível e compreendemos que o homem é um ser composto de Espírito, alma e corpo, é que entendemos por que somos tão diversamente afetados pelas três artes.

Enquanto o homem vive uma vida exterior no mundo da forma, uma vida de forma entre outras formas, também vive uma vida interior, que é muito mais importante para ele. Uma vida onde seus sentimentos, pensamentos e emoções criam diante de sua "visão interna" quadros e cenas em contínua mudança. Quanto mais intensa for esta vida interior, menos necessidade terá o homem de procurar companhia fora de si mesmo, pois ele é seu melhor companheiro, independente de entretenimento exterior, tão ansiosamente procurado por aqueles cuja vida interior é árida, que conhecem legiões de outras pessoas, mas sentem-se estranhas a elas, receosas de sua própria companhia.

Se analisarmos esta vida interior veremos que ela é dupla:

1. A vida da Alma, que lida com os sentimentos e emoções.
2. A atividade do Ego, que dirige todas as ações pelo pensamento.

Assim como o mundo material é a base de suprimento de onde os materiais para nosso corpo denso são extraídos (e que é preeminentemente o mundo da forma), existe também um mundo da alma, chamado Mundo do Desejo entre os Rosacruz, que é a base de onde as vestes sutis do Ego, que chamamos a alma, foram tiradas, e este é, particularmente, o mundo da cor. O ainda mais sutil Mundo do Pensamento é o lar do Espírito Humano, o Ego, e o reino do som. Portanto, das três artes, a música exerce o maior poder sobre o homem. Nesta vida terrestre nós estamos exilados de nosso lar celestial e, freqüentemente, esquecemos nossa herança Divina quando envolvidos em atividades materiais, mas, então, ouvimos música e sentimos o fragrante odor carregado de memórias inexprimíveis. Como um eco vindo do lar, ela faz-nos lembrar aquela terra esquecida, onde tudo é alegria e Paz e, mesmo que possamos olvidar tais idéias em nossa mente material, o Ego conhece cada nota abençoada como uma mensagem vinda da terra natal, e alegra-se com isso.

É necessário uma compreensão da natureza da música para apreciar devidamente esta obra-prima que é Parsifal, de Richard Wagner, onde a música e os personagens estão interligados como em nenhuma outra produção musical moderna.

O drama de Wagner é baseado na lenda de Parsifal, que tem sua origem envolta no mistério que sombreia a infância da raça humana. É uma idéia errônea supor que um mito é uma invenção da fantasia humana, sem fundamento. Ao contrário, um mito é uma caixa contendo as mais profundas e preciosas jóias da verdade espiritual, pérolas de beleza tão rara e etérea que não podem permanecer expostas ao intelecto material. Para protegê-las e ao mesmo tempo permitir que atuem sobre a humanidade para sua elevação espiritual, os Grandes Mestres são os guias da evolução. Invisíveis mas poderosos, eles dão à humanidade nascente estas verdades espirituais, envoltas no pitoresco simbolismo dos mitos, para que possam trabalhar sobre nossos sentimentos até que nossos intelectos nascentes tenham se tornado suficientemente evoluídos e espiritualizados para que nós possamos tanto sentir como entender.

Este é o mesmo princípio pelo qual transmitimos aos nossos filhos ensinamentos morais por meio de livros contendo gravuras e histórias de fadas, reservando os ensinamentos mais profundos para o futuro.

Wagner fez mais do que simplesmente copiar a lenda. As lendas, na verdade, quando transmitidas tornam-se limitadas e perdem sua beleza. É uma evidência marcante da grandeza de Wagner, que ele nunca se deixou influenciar por modismos ou credos. Sempre afirmou a prerrogativa da arte ao lidar com alegorias e o fez espontânea e livremente.

Como ele diz em *Religião e Arte*: "*Pode-se dizer que onde a religião se torna artificial, é reservado à arte salvar o espírito da religião reconhecendo o valor figurativo do símbolo místico - o qual a religião queria que acreditássemos num sentido literal - e revelar suas profundas e ocultas verdades através de uma apresentação ideal... Enquanto o sacerdote apóia tudo nas alegorias religiosas para que sejam aceitas como realidade, o artista não tem preocupação alguma com tal coisa, pois, aberta e livremente, divulga sua obra como sua própria criação. Mas, a religião afundou-se numa vida artificial quando sentiu-se compelida a continuar aumentando o edifício de seus símbolos dogmáticos e, conseqüentemente, ocultando a única verdade divina sob um sempre crescente amontoado de incredibilidades, as quais recomenda que se acredite. Sentindo isto, ela sempre procurou o auxílio da arte que, por sua vez, permaneceu incapaz de uma maior evolução enquanto precisasse apresentar essa pretensa realidade para o devoto, sob a forma de amuletos e ídolos, visto que só poderia cumprir sua verdadeira vocação quando, por uma apresentação ideal da figura alegórica, levasse a compreensão de sua essência interior - a verdade inefavelmente divina".*

Considerando novamente o drama de Parsifal, observamos que a cena de abertura situa-se nas terras do Castelo de Monte Salvat. Este é um lugar de paz onde toda vida é sagrada; os animais e aves são mansos porque os cavaleiros são inofensivos, não

matando nem para comer nem por esporte, como fazem os homens realmente santos. Aplicam a todas as criaturas vivas a máxima: "Vivei e deixai viver".

Amanhece e vemos Gurnemanz, o mais velho dos Cavaleiros do Graal, com dois jovens escudeiros, sob uma árvore. Acabaram de acordar de seu repouso noturno, e percebem Kundry à distância, que se aproxima galopando num corcel selvagem. Vemos em Kundry uma criatura de dupla existência. Uma, como servidora do Graal, disposta e ansiosa por favorecer, por todos os meios ao seu alcance, os interesses dos Cavaleiros do Graal. Esta parece ser sua verdadeira natureza. A outra, como relutante escrava do Mago Klingsor, é forçada por ele a tentar e a importunar os Cavaleiros do Graal, aos quais anseia servir. A passagem de uma existência para a outra é o de sono", e ela está prestes a servir quem a encontre e a acorde. Quando Gurnemanz a encontra, ela é a desejosa servidora do Graal, mas quando Klingsor a invoca com suas magias perversas, e ele tem direito a seus serviços, ela tem de o servir, quer queira ou não.

No primeiro ato, ela está vestida com um manto de pele de serpente, símbolo da doutrina do renascimento, Pois, assim como a serpente troca sua própria pele expelindo camada por camada, assim também o Ego em sua peregrinação evolucionária emana de si próprio um corpo após outro, expelindo cada veículo como a serpente expele sua pele quando esta se torna dura, rígida e cristalizada, perdendo assim sua eficiência. Esta idéia também se insere nos ensinamentos da Lei de Conseqüência, que devolve-nos, como colheita, tudo o que semeamos, e isto está explícito na resposta de Gurnemanz ao jovem escudeiro pela confissão da falta de confiança em Kundry:

*"Sob uma maldição ela bem pode estar
De alguma vida passada que não vemos,
Procurando do pecado o grilhão soltar,
Por ações pelas quais melhor passemos.
Certamente este bem, assim ela o está seguindo,
Ajudando-se à si mesma, enquanto à nós servindo".*

Quando Kundry entra em cena, retira do seio um frasco que diz ter trazido da Arábia, esperando que seja um bálsamo para o ferimento que Amfortas, o Rei do Graal, tem num lado do corpo e que lhe causa sofrimentos indizíveis e não cicatriza. O rei sofredor é então carregado para o palco e deitado num sofá. Está a caminho de seu banho diário, no lago próximo, onde dois cisnes nadam e transformam a água numa loção curativa que alivia seus terríveis sofrimentos. Amfortas agradece a Kundry, mas acredita que não há alívio para ele até que venha o libertador profetizado pelo Graal: "Um simplório puro, iluminado pela piedade". Mas Amfortas pensa que a morte virá antes da libertação.

Amfortas é carregado para fora, e quatro dos jovens escudeiros reúnem-se ao redor de Gurnemanz e pedem-lhe que conte a

história do Graal e do ferimento do rei. Todos se recostam debaixo da árvore e Gurnemanz começa:

"Na noite em que Nosso Senhor e Salvador, Cristo Jesus, celebrou a última Ceia com Seus discípulos, Ele bebeu o vinho de um certo cálice, que mais tarde foi usado por José de Arimatéia para colher o sangue da vida que fluía do ferimento do Redentor. Também guardou a lança ensangüentada usada para feri-lo, e carregou consigo essas relíquias através de muitos perigos e perseguições. Por fim, elas ficaram aos cuidados dos Anjos, que as guardaram até a noite em que um mensageiro místico, enviado por Deus, apareceu e ordenou a Titurel, pai de Amfortas que construísse um castelo para receber e proteger essas relíquias. Assim, o Castelo de Monte Salvat foi construído numa montanha, e as relíquias foram ali depositadas, sob a guarda de Titurel e de um grupo de santos e castos cavaleiros que havia atraído à sua volta. Este lugar tornou-se um centro de onde influências espirituais poderosas fluíam para o mundo exterior.

"Mas, num distante e agreste vale, vivia um cavaleiro negro que não era casto, mas desejava tornar-se um Cavaleiro do Graal. Para tanto, mutilou-se. Privou-se da capacidade de gratificar sua paixão, mas esta permaneceu nele. O Rei Titurel notou seu coração repleto de desejos inferiores, e recusou-se a admiti-lo. Klingsor então jurou que se não pudesse servir ao Graal, o Graal o serviria. Construiu um castelo com um jardim mágico e povoou-o com donzelas de beleza arrebatadora. Elas recendiam a flores perfumadas e abordavam os Cavaleiros do Graal (que deviam passar pelo castelo ao sair ou voltar ao Monte Salvat) enganando-os para atrair sua confiança e violar seus votos de castidade. Assim, muitos tornaram-se prisioneiros de Klingsor e apenas alguns permaneceram como defensores do Graal.

"Nesse ínterim, Titurel havia delegado a guarda do Graal a seu filho Amfortas e este, vendo a grave devastação provocada por Klingsor, resolveu ir ao seu encontro e combatê-lo. Com esse propósito levou consigo a lança sagrada.

"O astuto Klingsor não foi pessoalmente ao encontro da Amfortas, mas evocou Kundry e transformou-a, da criatura hedionda que apareceu como serva do Graal, numa mulher de beleza transcendental. Sob a magia de Klingsor ela encontrou e tentou Amfortas, que, rendeu-se caindo em seus braços, deixando escapar das mãos a lança sagrada. Klingsor então apareceu, agarrou a lança, feriu o indefeso Amfortas e, se não fosse pelos esforços heróicos de Gurnemanz, teria levado Amfortas prisioneiro para seu castelo mágico. No entanto, ele detém a lança sagrada enquanto o rei encontra-se inválido pelo sofrimento, pois a ferida não se cicatrizará".

Os jovens escudeiros erguem-se exaltados, jurando subjugar Klingsor e recuperar a lança. Gurnemanz sacode tristemente a cabeça dizendo que a tarefa é superior às suas forças, mas reitera

a profecia de que a redenção virá por *"um simplório puro, iluminado pela piedade"*.

Ouvem-se gritos: *"O cisne! Oh, o cisne!"* e um cisne cruza o palco em grande agitação e cai morto aos pés de Gurnemanz e dos escudeiros, que ficam muito agitados pela visão. Outros escudeiros trazem um jovem intrépido, armado de arco e flecha que, à triste pergunta de Gurnemanz: *"Por que mataste a inofensiva criatura?"* responde inocentemente: *"Fiz mal?"* Gurnemanz fala-lhe então sobre o rei sofredor e da contribuição do cisne na preparação do banho curativo. Parsifal fica profundamente comovido pela narrativa e quebra seu arco.

Em todas as religiões, o espírito vivificante tem sido simbolicamente representado por uma ave. No Batismo, quando o corpo de Jesus estava na água, o Espírito de Cristo desceu sobre ele na forma de uma pomba. *"O Espírito move-se sobre as águas"*, um meio fluídico, como os cisnes se movem no lago debaixo do Yggdrasil, a árvore da vida da mitologia nórdica, ou sobre as águas do lago na lenda do Graal. A ave é, portanto, a representação direta da mais alta influência espiritual e, com razão, os cavaleiros entristeceram-se com a perda. A verdade tem muitas facetas. Há pelo menos sete interpretações válidas para cada mito, uma para cada mundo. Encarada pelo lado material e literal, a compaixão gerada em Parsifal e o ato de quebrar seu arco, marcam um passo definido para a vida mais elevada. Ninguém pode ser verdadeiramente compassivo e almejar a evolução, enquanto matar para comer, seja de forma pessoal ou indireta. A vida inofensiva é um requisito absoluto e essencial para a vida prestativa.

Gurnemanz começa a questioná-lo: quer saber quem é ele e como chegou ao Monte Salvat. Parsifal demonstra a mais surpreendente ignorância. A todas as perguntas, responde: *"Eu não sei"*. Por fim, Kundry diz em voz alta: *"Eu posso dizer-vos quem ele é. Seu pai era o nobre Gamuret, um príncipe entre os homens, que morreu combatendo na Arábia enquanto este jovem estava ainda no ventre de sua mãe, Lady Herzleide. Em seu último suspiro, seu pai chamou-o Parsifal, o simplório puro. Sua mãe temendo que ele pudesse crescer, aprender as artes da guerra e ser afastado dela, criou-o numa densa floresta na ignorância de armas e guerras"*.

Aqui Parsifal interrompe e diz: *"Sim, um dia eu vi alguns homens montados em belos animais e quis ser igual a eles, por isso segui-os por muitos dias até que cheguei aqui e tive que lutar com muitos monstros semelhantes aos homens"*.

Nesta história temos um excelente quadro da alma à procura das realidades da vida. Gamuret e Parsifal são fases diferentes da vida da alma. Gamuret é o homem do mundo que se casou com Herzleide, que representa um coração aflito. Conhece o infortúnio e morre para o mundo, como todos nós fazemos quando ingressamos numa vida superior. Enquanto a barca da vida flutua nos mares do verão e nossa existência parece uma bela e doce melodia, não há incentivo para voltarmos para a vida superior;

cada fibra em nosso corpo grita "Isto é suficientemente bom para mim". Mas, quando os vagalhões da adversidade elevam-se à nossa volta e cada nova onda ameaça tragar-nos, então, unidos às aflições do coração, tornamo-nos homens sofredores e estamos prontos para nascer como Parsifal, o simplório ou a alma pura que esqueceu a sabedoria do mundo e está à procura da vida superior. Enquanto o homem procurar acumular dinheiro ou aproveitar a vida, como tão equivocadamente se diz, ele torna-se sábio pela sabedoria do mundo; mas, quando passa a encarar as coisas do Espírito, torna-se um simplório aos olhos do mundo. Esquece tudo sobre sua vida passada e deixa para trás suas tristezas, como Parsifal deixou Herzleide, que morreu quando Parsifal não voltou para ela. Assim, a tristeza morre quando dá nascimento à alma aspirante que foge do mundo. O homem pode estar no mundo para cumprir seu dever, mas não ser do mundo.

Gurnemanz está imbuído com a idéia de que Parsifal vai ser o libertador de Amfortas e o leva ao Castelo do Graal. E, à pergunta de Parsifal: "O que é o Graal?" ele responde:

"Não podemos dizê-lo; mas se por Ele tu foste enviado.

De ti a verdade não ficará escondida.

Julgo que tua face me é conhecida.

Nenhum caminho conduz ao Seu Reino,

E a procura d'Ele mais distante te vai levar,

Se não for Ele próprio a te guiar".

Aqui vemos Wagner levando-nos de volta aos tempos anteriores ao Cristianismo. Antes do advento de Cristo, a Iniciação não estava liberada para "quem quisesse" procurá-la, mas era reservada para alguns escolhidos, como os Brâmanes e os Levitas, aos quais foram dados privilégios especiais como recompensa por terem sido dedicados ao serviço do templo. Contudo, a vinda de Cristo estabeleceu certas mudanças definidas na constituição da humanidade, de modo que agora todos podem entrar no caminho da Iniciação. De fato, tinha que ser assim, quando os casamentos entre as várias nacionalidades dissolveram as castas.

No Castelo do Graal, Amfortas está sendo pressionado de todos os lados para officiar o rito sagrado do Graal, para descobrir o cálice sagrado à cuja visão possa ser renovado o ardor dos cavaleiros impulsionando-os a atos de serviço espiritual. Mas, ele se esquiva, com medo da dor que a visão lhe irá causar. O ferimento sempre volta a sangrar à vista do Graal, como a dor do remorso aflige a todos nós quando pecamos contra o nosso ideal. Finalmente, ele cede aos rogos conjuntos de seu pai e dos cavaleiros. Celebra o rito sagrado, embora durante todo o tempo sofra a mais torturante agonia. Parsifal, que está a um canto, sente, por compaixão, a mesma dor, sem compreender a razão. Depois da cerimônia, Gurnemanz pergunta-lhe ansiosamente o que ele viu, mas ele permanece mudo e, por ter ficado desapontado, o velho cavaleiro irado expulsa-o do castelo.

As emoções e os sentimentos não controlados pelo conhecimento são fontes férteis de tentação. A própria inocência e a sinceridade da alma que aspira, freqüentemente tornam-se uma presa fácil do pecado. Para o crescimento da alma é necessário que surjam essas tentações, a fim de revelar nossos pontos fracos. Se caímos, sofremos como Amfortas sofreu. Mas a dor desenvolve a consciência e traz aversão ao pecado, tornando-nos fortes contra a tentação. Toda criança é inocente porque não foi tentada. Porém, só quando tivermos sido tentados e permanecermos puros, ou quando após a queda arrependermos-nos e corrigimo-nos, é que somos virtuosos. Conseqüentemente, Parsifal deve ser tentado.

No segundo ato, vemos Klingsor no momento de invocar Kundry, pois percebeu que Parsifal vem em direção ao seu castelo, e ele o teme mais do que a qualquer outro que tenha vindo antes, porque ele é um simplório. Um homem prudente, conhecedor do mundo, não é facilmente levado pelas tentações, mas a ingenuidade de Parsifal o protege. E, quando as meninas flores agrupam-se em torno dele, ele inocentemente pergunta: *"Vocês são flores? Vocês cheiram tão bem!"* Contra ele é necessária a astúcia refinada de Kundry e, embora ela implore, proteste e se rebele, é forçada a tentar Parsifal. Para isso apresenta-se como uma mulher de grande beleza, chamando Parsifal pelo nome. Esse nome desperta-lhe lembranças de sua infância, do amor de sua mãe. Kundry chama-o para perto de si e começa a trabalhar sutilmente sobre seus sentimentos, fazendo voltar à sua memória visões do amor de sua mãe e da tristeza que ela sentiu com sua partida, o que pôs termo à sua vida. Depois, fala-lhe sobre um outro amor, o que pode compensá-lo, o amor do homem pela mulher, e, por fim, dá-lhe um longo, ardoroso e apaixonado beijo.

Segue-se um silêncio profundo e terrível, como se o destino de todo o mundo estivesse pendente desse beijo apaixonado. Enquanto ela o prende em seus braços, o rosto de Parsifal muda gradualmente e torna-se a estampa da dor. De repente, ele salta como se esse beijo tivesse causado em seu ser uma nova dor, as linhas de sua face pálida acentuam-se, e ambas as mãos apertam fortemente seu coração palpitante, como para reprimir uma terrível agonia - o cálice do Graal surge diante de sua visão. Depois, Amfortas aparece na mesma terrível agonia, e, por fim, ele grita: *"Amfortas, oh. Amfortas! Agora eu sei - o ferimento da lança no teu lado - ele queima meu coração, ele queima minha própria alma ... Oh dor! Oh miséria! Angústia indescritível! A ferida está sangrando aqui no meu próprio lado!"*

Depois, novamente, com o mesmo terrível esforço: *"Não, este não é o ferimento da lança no meu lado, isto é fogo e chama dentro de meu coração, que inclinam meus sentidos ao delírio, a espantosa loucura do tormento do amor ... Agora eu sei porque as pessoas ficam agitadas, excitadas, convulsionadas e freqüentemente perdidas pelas terríveis paixões do coração".*

'Kundry o tenta novamente: *"Se este único beijo te trouxe tanta sabedoria, quanto mais sabedoria tu terás se cederes ao meu amor, mesmo que seja só por uma hora?"*

Mas não há hesitação agora. Parsifal despertou, distingue o certo do errado e responde: *"A eternidade estaria perdida para nós dois se eu sucumbisse a ti, mesmo por apenas uma curta hora. Mas eu te salvarei e também te libertarei da maldição da paixão, pois o amor que arde em ti é apenas sensual, e entre esse e o verdadeiro amor dos corações puros, abre-se um abismo como o que existe entre o céu e o inferno"*.

Finalmente, Kundry reconhece estar derrotada, mas tem um acesso de raiva. Chama Klingsor para ajudá-la, e ele aparece com a lança sagrada, que arremessa contra Parsifal. Mas ele é puro e inofensivo, portanto nada pode feri-lo. A lança flutua inofensivamente acima de sua cabeça. Ele a agarra, faz com ela o sinal da Cruz e o castelo de Klingsor e o jardim mágico desmoronam em ruínas.

O terceiro ato começa na Sexta-feira Santa, muitos anos depois. Um guerreiro, exausto da viagem, vestido com uma cota de malha negra, adentra a propriedade de Monte Salvat, onde Gurnemanz vive numa cabana. Tira seu elmo, pousa uma lança contra uma rocha próxima e ajoelha-se para rezar. Gurnemanz entra com Kundry, que acaba de encontrar adormecida no bosque, reconhece Parsifal com a lança sagrada e, radiante, dá-lhe as boas vindas, perguntando de onde ele vem.

Tinha feito a mesma pergunta na primeira visita de Parsifal e a resposta fora: *"Eu não sei"*. Mas, desta vez, é muito diferente, pois Parsifal responde: *"Venho da busca e do sofrimento"*. A primeira experiência retrata um dos vislumbres que a alma tem das realidades da vida superior, mas a segunda é a consciente chegada do homem a um nível superior de atividade espiritual, que desenvolveu através de tristezas e sofrimentos. Parsifal conta como foi penosamente assediado por inimigos, e poderia ter-se salvado se usasse a lança, mas sempre se conteve, pois ela era um instrumento para curar e não para ferir. A lança é o poder espiritual que chega à vida e aos corações puros, mas só deve ser usada para propósitos altruístas; impureza e paixão causam a sua perda, como sucedeu a Amfortas. Embora o homem que a possuiu pôde usá-la para alimentar cinco mil pessoas famintas, não transformou uma simples pedra em pão para saciar sua própria fome. Embora a tenha usado para estancar o sangue que correu da orelha decepada de um captor, não a usou para estancar o sangue vital que se esvaiu de seu próprio lado. Sempre foi dito sobre isto: *"Outros Ele salvou; não pôde (ou não quis) salvar-se a Si próprio"*.

Parsifal e Gurnemanz entram no Castelo do Graal onde Amfortas está sendo instado para celebrar o rito sagrado, mas ele se recusa, pois quer salvar-se da dor que sempre o aflige quando vê o Santo Graal. Descobrendo seu peito, implora a seus seguidores que o

matem Neste momento, Parsifal aproxima-se dele e toca seu ferimento com a lança, curando-o. Contudo, destrona Amfortas e assume a guarda do Santo Graal e da Lança Sagrada. Somente aqueles dotados do mais perfeito altruísmo, unido ao melhor discernimento, estão aptos a receber o poder espiritual simbolizado pela lança. Amfortas tê-la-ia usado para atacar e ferir um inimigo. Parsifal não a usaria nem para defender-se. Portanto, ele está apto a curar, enquanto Amfortas caiu na cova que havia aberto para Klingsor

No último ato, Kundry, que representa a natureza inferior, diz apenas uma palavra: Serviço. Por seu trabalho perfeito ela ajuda Parsifal, o Espírito, a realizar-se. No primeiro ato, ela adormeceu quando Parsifal visitou o Graal. Nesse estágio, o Espírito não pode elevar-se aos céus, a não ser quando o corpo está adormecido ou morto. Mas, no último ato, Kundry, o corpo, também vai ao Castelo do Graal, que é dedicado ao Eu superior, e quando o Espírito, como Parsifal, alcançou a meta, ele conseguiu atingir o estágio de libertação mencionado na Revelação: *"Aquele que vencer, Eu o converterei num pilar na casa de meu Deus, e dali não sairá mais"*. Esse alguém irá trabalhar para a humanidade desde os mundos superiores; não necessitará mais do corpo denso; estará além da Lei do Renascimento e, conseqüentemente, Kundry morre. Em seu lindo poema *"The Chambered Nautilus"*, (O Náutilo Enclausurado), Oliver Wendell Holmes personificou esta idéia de progressão constante em veículos gradativamente melhorados, e a libertação final. O náutilo constrói sua concha espiralada dividida em compartimentos, deixando constantemente as menores - que tornaram-se pequenas pelo seu crescimento - pela última que construiu.

*"Ano após ano, sempre no silêncio
prosegue na labuta de ampliar suas reluzentes espirais;
e, à medida que elas crescem mais,
deixa a morada do ano que passou e na nova vai habitar.
Com suaves passadas deslizando através dos umbrais construídos
com vagar,
acomoda-se outra vez em novo lar
e não mais o anterior vai recordar.
Pela mensagem celeste que me trazes, graças te dou, filho do
oceano,
lançado do teu meio desolado!
Dos teus lábios mortos nasce uma nota mais clara
que quaisquer das que Tritão já tirou do seu corno espiralado!
Enquanto em meus ouvidos ela soar,
através das cavernas profundas do pensamento
ouço uma voz, a cantar:
"Oh! Minh'alma, constrói Par ti mansões mais majestosas.
enquanto as estações passam ligeiramente!
Abandona o teu invólucro finalmente;
Deixa cada novo templo, mais nobre que o anterior,*

*com cúpula celeste com domo bem maior,
e que te libertes decidida,
largando tua concha superada nos agitados mares desta vida".*

O ANEL DO NIEBELUNGO

Capítulo VIII

As Donzelas do Reno

Repetição é a nota-chave do corpo vital e o extrato do corpo vital é a alma intelectual, que é o pábulo do Espírito de Vida, o verdadeiro princípio de Cristo no homem. Como é trabalho específico do Mundo Ocidental desenvolver este princípio de Cristo para formar o Cristo interno, fazendo-o brilhar na escuridão materialista dos tempos atuais, a repetição de idéias é essencial. Inconscientemente, todo o mundo está obedecendo esta lei.

Quando os jornais começam a inculcar certas idéias na mente do público, não esperam consegui-lo através de um editorial apenas, mesmo que este seja muito bem redigido, mas com artigos repetidos diariamente, criando na mente dos leitores o sentimento desejado. A Bíblia vem pregando o princípio do amor há 2.000 anos, domingo após domingo, dia após dia, em centenas de milhares de púlpitos. A guerra ainda não foi abolida, mas o sentimento a favor da paz universal está ficando cada vez mais forte à medida que o tempo passa. Esses sermões têm causado apenas um leve efeito nas pessoas, embora um determinado público possa comover-se no momento da pregação, pois o corpo de desejos é a parte do homem que fica sensibilizada no momento.

O corpo de desejos é uma aquisição posterior à do corpo vital, daí não estar tão cristalizado e, conseqüentemente, ser mais impressionável. Por ser de uma textura mais sutil que o corpo vital, é menos retentivo, e as emoções facilmente geradas são também facilmente dissipadas. Um impacto menor é produzido no corpo vital quando idéias e ideais infiltram-se nele através do invólucro áurico, mas o que adquirir por intermédio de estudos, sermões, conferências ou leituras, é de natureza mais duradoura. Muitos impactos na mesma direção criam impressões poderosas para o bem ou para o mal, de acordo com suas naturezas.

Para que sejamos beneficiados por esta lei de impactos cumulativos, tomemos para objeto de estudo outro dos grandes mitos da alma, o qual projeta luz sobre o mistério da vida visto de um ângulo diferente, para que possamos aprender mais profundamente, de onde viemos, porquê estamos aqui e para onde vamos.

Como já foi dito, todos os mitos são veículos de verdades espirituais veladas sob alegorias, símbolos e quadros e, portanto, capazes de compreensão sem exigir o uso da razão. Como as histórias de fadas são uma forma de ensinamento para as crianças, assim estes grandes mitos foram usados para transmitir as verdades espirituais à humanidade infantil.

O Espírito-Grupo atua sobre os animais através de seus corpos de desejos; evocando quadros que dão ao animal um sentimento e uma sugestão do que deve fazer. Da mesma maneira, quadros alegóricos contidos nos mitos formaram no homem a base para seu desenvolvimento presente e futuro. Subconscientemente, estes mitos agiram sobre ele e o levaram ao estágio em que hoje se encontra. Sem essa preparação, o homem teria sido incapaz de realizar o trabalho que está fazendo agora.

Hoje, esses mitos ainda estão trabalhando para preparar-nos para o futuro, mas algumas pessoas sentem mais suas influências que outras. O caminho da civilização vem seguindo o curso do Sol, de leste para oeste, e na atmosfera etérica da costa do Pacífico, estes quadros míticos quase desapareceram, e o homem está contatando mais diretamente as realidades espirituais. Mais para o leste, especialmente na Europa, ainda encontramos a atmosfera de misticismo pairando sobre ela. Lá, o povo aprecia os mitos antigos que lhes falam de maneira incompreensível para os do oeste. Nos fiordes da Noruega, nos pântanos da Escócia, nos mais profundos recantos da Floresta Negra da Alemanha, e entre as Geleiras Alpinas, a vida espiritual do Povo é tão profunda e mística hoje, como o foi há mil anos atrás. Eles estão em contato mais direto com os Espíritos da Natureza e com outras realidades sentidas através das fábulas, do que nós que avançamos no caminho da aspiração pelo conhecimento direto. Se evocarmos este sentimento e o combinarmos com nosso conhecimento, teremos conseguido uma enorme vantagem. Tentemos, pois, assimilar uma das mais profundas histórias místicas do passado, que é "O Anel do Niebelungo", o grande poema épico do norte da Europa. Relata a história do homem, desde o tempo em que vivia na Atlântida até ao dia em que este mundo chegar ao fim por uma grande conflagração e também alude ao Reino dos Céus que será estabelecido, como é relatado na Bíblia.

A Bíblia fala-nos do Jardim do Éden, onde nossos primeiros pais viviam em contato direto com Deus, puros e inocentes como crianças. Fala-nos de como esta situação terminou, e de como a tristeza, o pecado e a morte chegaram ao mundo. Nos mitos antigos, como O Anel do Niebelungo, também tomamos conhecimento da humanidade que vivia sob condições iguais às da criança inocente. A cena de abertura deste drama de Wagner representa a vida sob as águas do Reno, onde as donzelas nadam em movimentos rítmicos, com uma canção nos lábios, imitando o balanço das ondas dançantes. As águas estão iluminadas por uma rocha de ouro reluzente e em redor dela circulam as Filhas do Reno, como os planetas se movem ao redor do Sol. Aqui temos a réplica micro-cósmica do macrocosmo, onde os corpos celestiais se movem ao redor do dador da Luz Central, numa majestosa dança circular.

As donzelas do Reno representam a humanidade primitiva durante a época em que vivíamos no fundo do oceano, na atmosfera densa e nebulosa de Atlântida. O ouro que iluminava a cena - como o Sol ilumina o universo solar - é uma representação do Espírito Universal que, então, pairava sobre a humanidade. Não víamos nada em contornos claros e precisos como vemos hoje os objetos ao nosso redor, mas nossa percepção interior em relação às qualidades da alma dos outros, era mais aguçada do que é agora.

O Espírito individual considera-se, ele próprio, um Ego e denomina-se "EU", em claro contraste com todos os outros, mas este princípio separatista não havia penetrado nos homens infantis da antiga Atlântida. Não tínhamos o sentimento do "eu" e "tu"; fazíamos parte de uma grande família, como filhos do Pai Divino. Não nos preocupávamos com o que comeríamos ou beberíamos, como as crianças de hoje não têm o encargo das necessidades materiais da vida. O tempo era vivido em grande divertimento e folguedos.

Mas, este estado não podia continuar ou então não haveria evolução. Como a criança cresce para tornar-se um homem ou uma mulher, para participar da batalha da vida, assim também a humanidade primitiva estava destinada a abandonar sua terra natal, nas terras baixas, e ascender através das águas da Atlântida quando estas se condensaram e inundaram as bacias da Terra. A humanidade em evolução passou a viver nas condições atmosféricas em que hoje vivemos, como foi dito sobre os antigos Israelitas que atravessaram o Mar Vermelho para entrar na Terra Prometida, e sobre Noé, que deixou sua terra natal quando as águas do dilúvio se precipitaram.

O mito nórdico conta-nos a história de um outro modo, mas embora o ângulo de visão seja diferente, os pontos principais da narrativa apontam as mesmas idéias essenciais. No Jardim do Éden, nossos primeiros pais não pensavam por si próprios. Obedeciam incondicionalmente qualquer ordem que lhes fosse dada pelos seus guias divinos, como uma criança em seus primeiros anos faz o que seus pais desejam, porque ela não tem consciência de si. Falta-lhe individualidade. Isto, de acordo com a história da Bíblia, foi conquistado quando Lúcifer imbuiu-os da idéia de que poderiam tornar-se iguais aos deuses e conhecer o bem e o mal.

No mito teutônico sabemos que Albérico, um dos Filhos da Névoa (Niebel é névoa, ung é criança ou filho - eram assim chamados porque viviam na atmosfera nebulosa da Atlântida), cobiçava o ouro que resplandecia com tanto brilho no Reno. Ouviu dizer que quem obtivesse o ouro e o transformasse num anel seria capaz de conquistar o mundo e dominar todos que não possuíssem o

tesouro. Conseqüentemente, nadou até a grande rocha onde estava o ouro, agarrou-o e voltou rapidamente à superfície, perseguido pelas filhas do Reno, muito aflitas pela perda desse tesouro.

Quando Albérico, o ladrão, atingiu a superfície das águas, ouviu uma voz dizendo-lhe que ninguém poderia transformar o ouro num anel, como era exigido para dominar o mundo, a não ser que renegasse o amor. Ele o fez imediatamente e, em seguida, começou a roubar a Terra de seus tesouros, satisfazendo assim seu desejo de riqueza e poder.

Como foi dito antes, o ouro, enquanto está em seu estado informe sobre a rocha do Reno, representa o Espírito Universal que não é propriedade exclusiva de ninguém. Albérico representa o primeiro entre a humanidade que foi impelido pelo desejo de conquistar mundos novos. Primeiro, os homens foram vivificados pelo Espírito interno e emigraram para as terras altas. Mas, uma vez na atmosfera clara de Ariana - o mundo como o conhecemos hoje - viram-se clara e distintamente como entidades separadas. Cada um percebeu que seus objetivos eram diferentes; que, para ter êxito e conquistar o mundo para si, deveriam cuidar de seus próprios interesses sem considerar os dos outros. Assim, o Espírito traçou um anel em torno de si mesmo e tudo dentro desse anel era "eu" e "meu", uma concepção que o tornou antagônico aos outros. Por conseguinte, a fim de formar este anel e conservar um centro separado, foi-lhe necessário renunciar ao amor. Por isso, e somente por isso, ele pôde ignorar os interesses dos outros para poder prosperar e dominar o mundo.

Contudo, Albérico não é o único a desejar traçar um anel em torno de si com o propósito de conquistar o poder. "Como é em cima, assim é embaixo", e vice-versa, diz o axioma hermético- Os deuses também estão evoluindo. Eles também têm aspirações ao poder - um desejo de traçar um anel ao redor deles - pois há guerra no céu, do mesmo modo que há na Terra. Diferentes cultos procuram apropriar-se das almas dos homens, e suas limitações são também simbolizadas por anéis.

Capítulo IX **O Anel dos Deuses**

Ao apropriar-se de uma parte do ouro do Reno, que representa o Espírito Universal, e transformando-o em um anel, simbolizando que o Espírito não tem princípio nem fim, o Ego veio à existência como uma entidade separada. Dentro dos limites deste anel áurico, ele é regente supremo, auto-suficiente, ressentindo-se de qualquer intromissão em seus domínios. Assim, ele se coloca além do âmbito da fraternidade. A parábola do filho pródigo diz-nos que ele vagueou para longe do Pai, mas, mesmo antes de perceber que estava se alimentando dos resíduos da matéria, a religião surgiu para guiá-lo de volta ao seu lar eterno, para libertá-lo da ilusão e da desilusão próprias da existência material, para redimi-lo da morte que ocorre nesta fase da incorporação densa, e mostrar-lhe o caminho para a verdade e para a vida eterna.

No mito teutônico, as sentinelas da religião são representadas como deuses. Seu chefe é Wotan, que é idêntico ao Mercúrio latino, e Wotansday (dia de Wotan), ou Wednesday (quarta-feira) é assim chamado em sua honra. Freya, a Vênus da Noruega, era a deusa da beleza, que alimentava os outros deuses com maçãs douradas que preservavam-lhes a juventude. Friday (sexta-feira) é seu dia. Thor, o Júpiter dos escandinavos, dirige seu carro pelos céus e o barulho que se ouve é o trovão, e o relâmpago são as faíscas que voam de seu martelo quando golpeia seus inimigos. Loge é o nome do deus de Sábado. (Lorday em escandinavo, um derivado de lue que é o nome escandinavo para chama) Ele não é propriamente um dos deuses, mas é relacionado com os gigantes ou forças da natureza. Sua chama não é apenas a chama física, mas é também o símbolo da ilusão, e ele próprio é o espírito da fraude, às vezes, conseguindo os favores dos deuses e traíndo os gigantes, outras vezes, enganando os deuses e ajudando os gigantes para favorecer seus próprios planos. Como Lúcifer, o flamejante Espírito de Marte, ele também é um espírito de negação, e alegra-se em obstruir a vida como o frio Saturno.

Há na mitologia nórdica uma referência a um culto ainda mais antigo, no qual as divindades da água eram adoradas, mas os deuses que mencionamos as substituíram, e diz-se que cavalgavam para o lugar do julgamento, todos os dias, sobre uma ponte de arco-íris, Bifrost. Assim, vemos que esta religião data do alvorecer da época presente, quando a humanidade emergiu das águas de Atlântida para a clara atmosfera de Ariana - na qual estamos vivendo agora - e onde contemplou o arco-íris pela primeira vez.

Foi dito a Noé, quando ele guiou a humanidade primitiva afastando-a do dilúvio, que, enquanto o sinal do arco-íris

permanecesse nas nuvens, os ciclos alternantes de verão e inverno, noite e dia, não cessariam. O mito nórdico também nos mostra os deuses reunidos na ponte do arco-íris no princípio desta era. Ele e os deuses permanecerão até o momento em que termine esta fase de nossa evolução, um acontecimento que será mostrado para ser idêntico à descrição dada no Apocalipse Cristão e que o mito escandinavo ajudará a explicar.

A verdade é universal e ilimitada. Não conhece fronteiras, mas, quando o Ego envolveu-se num anel de veículos separados que segregou, o dos outros, esta limitação tornou-o incapaz de compreender a verdade absoluta. Portanto, uma religião incorporando a plenitude da verdade pura teria sido incompreensível para a humanidade e inadequada para ajudá-la. Como uma criança que vai para a escola e aprende algumas lições elementares no primeiro ano, preparando-se para enfrentar problemas mais complicados no futuro, assim foram dadas à humanidade religiões de mais primitiva natureza, a fim de educá-la para algo mais elevado através de estágios gradualmente fáceis.

Desta maneira, os sentinelas da religião, os deuses, são representados como desejosos de construir uma fortaleza murada para que possam entrincheirar-se por detrás dessa barreira e concentrar seus poderes contra a outra fê. O Espírito não pode ser limitado sem enredar-se no materialismo; portanto, os deuses, aconselhados por Loge, o espírito da fraude e da desilusão, fazem um pacto com os gigantes, Fafner e Fasolt (representando o egoísmo) para construir a muralha da limitação. Quando essa muralha cerca os deuses, eles perdem a luz universal e o conhecimento; em consequência, o mito deseja que parte do pagamento para os construtores do Valhal, sejam o Sol e a Lua.

Além disso, quando a religião limitou-se a ficar por detrás da muralha da crença, o espírito do declínio é apresentado; envelhece como uma vestimenta. Diz-se que Wotan (sabedoria ou razão), concordou em dar Freya, a deusa da beleza, aos gigantes, pois ela alimentava os deuses com suas maçãs douradas para preservá-lhes a juventude. Seguindo o conselho de Loge, o espírito da fraude, os deuses sacrificaram sua luz e seu conhecimento pela esperança da vantagem de uma eterna juventude. Como já foi dito, este procedimento era de certo modo necessário, senão a humanidade não poderia ter alcançado a verdade em sua plenitude, embora nós não possamos entendê-la, nem mesmo agora.

O poder espiritual da religião é simbolizado pela vara mágica de Arão na Bíblia, pela lança de Parsifal, no mito do Graal, e pela lança de Wotan na história dos Niebelungos. Para firmar o pacto com os gigantes, caracteres mágicos foram talhados no cabo da

lança, que assim ficou enfraquecida e, deste modo, fica demonstrado que a religião perde em poder espiritual o que ganha em aspecto material, quando faz um pacto com os governantes do mundo e estabelece intrigas satisfazendo os mais baixos anseios.

De acordo com os ensinamentos dos nórdicos, apenas os que morriam combatendo adquiriam o direito de serem conduzidos ao Valhal. Wotan nada deseja, a não ser guerreiros fortes e poderosos. Os que morriam de enfermidades ou em paz em seus leitos eram condenados ao reino do inferno, o submundo. Isto também encerra uma grande lição, pois ninguém, a não ser os persistentes e os destemidos, que passam seus dias lutando a batalha da vida até o último alento, são dignos de progresso. Os ociosos, que preferem a comodidade e a paz ao trabalho do mundo, não têm direito à promoção na escola da vida. Não importa onde trabalhemos ou qual seja a linha de nossa experiência, é imprescindível que batalhemos fielmente com os problemas da vida conforme eles se nos apresentam. Também não basta que o façamos por um ano ou dois e depois voltemos à inatividade; devemos continuar trabalhando e esforçando-nos até o fim da vida.

Assim, a velha religião nórdica ensina a mesma lição transmitida por Paulo quando aconselhou "paciente perseverança em fazer o bem". Mesmo que compreendamos que não possuímos toda a verdade, mesmo que estejamos limitados pela separatividade - o egoísmo simbolizado pelo Anel de Niebelungo e por credos e convenções representados pelo Anel dos deuses - ainda assim, se cumprirmos nossa tarefa específica com o melhor de nossa capacidade através de toda nossa vida, temos a certeza de estarmos em direção ao progresso numa era futura. Veremos mais claramente quando eliminarmos o véu do egoísmo; quando, com boa vontade, vivermos a vida aonde fomos colocados, pois os Anjos do Destino não cometem erros. Eles colocaram-nos no lugar onde devemos receber as lições necessárias e assim preparar-nos para uma esfera mais elevada e útil.

É evidente que a condição limitada da crença ditada pelas várias igrejas - a insistência sobre dogmas e rituais - não é o mal maior, como deve ter parecido a muitos. Na realidade, a necessária consequência das limitações que incidem sobre a existência material, através da qual o Espírito humano está agora passando, é que deve ser devidamente cuidada. Que o Espírito adquira tanta verdade quanto possa compreender e que ela seja benéfica para seu presente desenvolvimento. Não há necessidade de uma maior preocupação, pois ninguém ficará perdido. "Como em Deus vivemos, nos movemos e temos nosso ser", se alguém ficasse perdido, uma parte do Divino Autor do nosso sistema estaria também perdida, e esta é uma proposição inconcebível.

Mas, enquanto a maioria da humanidade está sendo orientada pelas religiões ortodoxas, há sempre alguns pioneiros - alguns cuja faculdade intuitiva fala-lhes de maiores alturas ainda não escaladas - que enxergam a luz do sol da verdade além da muralha do credo. Suas almas estão enfraquecidas pelos dogmas, e anseiam ardentemente pelo amor e pelas maçãs da juventude vendidas pelos deuses aos gigantes. Mesmo os deuses estão envelhecendo rapidamente, pois nenhuma religião que seja destituída de amor pode esperar reter a humanidade por qualquer período de tempo. Em conseqüência, os deuses foram forçados a procurar novamente os conselhos de Loge, o espírito da fraude, esperando que sua astúcia os libertasse dos dilemas. Loge conta-lhes como Albérico, o Niebelungo, conseguiu acumular um imenso tesouro escravizando seus irmãos. Com o consentimento dos deuses, ele usa de meios fraudulentos para capturar Albérico e força-o a restituir todos seus tesouros. Depois, aproveita-se da natureza avarenta dos gigantes e finalmente consegue resgatar Freya.

Assim, a maldição do Anel (egocentrismo e egoísmo) maculou até mesmo os deuses. Por causa do Anel (poder), Albérico, o Niebelungo, rejeitou o amor. Oprimiu seus irmãos e governou-os com disciplina férrea. A religião, por seu lado, renegou o amor vendendo Freya e enganando, aviltou-se para forçar os governantes do mundo a pagar tributo. Quando o Anel dos Niebelungos passou às mãos dos gigantes, o mau destino o acompanhou, pois um irmão mata o outro para ser o único possuidor das riquezas do mundo.

Os deuses, na verdade, resgataram Freya, mas ela não é mais a pura deusa do amor. Foi prostituída; portanto, ela é apenas a imagem do que foi, e não consegue satisfazer aqueles cuja intuição vêem além da aparência.

Na mitologia escandinava estes são chamados Walsungs. A primeira sílaba é derivada da palavra alemã wahlen, escolher, ou da escandinava vaelge. A última sílaba significa filhos. Eles são filhos do desejo por livre vontade e escolha, e querem escolher seu próprio caminho procurando seguir sua intuição divina.

Capítulo X **As Valquírias**

"As Valquírias" é o nome da segunda parte do grande drama musical de Wagner, baseado no mito nórdico dos Niebelungos, e as portadoras do nome eram as filhas de Wotan, como também eram os Walsungs.

Este nome é bem apropriado quando compreendermos que a missão das Valquírias era ir onde lutas estivessem sendo travadas entre dois ou mais guerreiros, colocar os mortos em seus cavalos e levá-los ao Valhal. Portanto, um campo de batalha ou um lugar de combate era chamado Valplads, o lugar onde Wotan, o deus, escolhia os valentes que morriam lutando pela busca da verdade (como eles a viam), para serem seus companheiros no reino da bem-aventurança (como eles o concebiam). Brunilda, o espírito da verdade, era, portanto, a chefe dentre as Valquírias, a líder de suas irmãs, as outras virtudes. Era a filha favorita do deus Wotan.

Mas, quando os deuses restringiram-se e excluíram a universalidade da verdade pelo Anel do Credo e do dogma - simbolizados pelo Valhal - os Walsungs, que são antes de tudo os que procuram a verdade, rebelaram-se. Eles se manifestam sob diferentes aspectos, como é indicado pelos nomes que lhes são conferidos nos mitos nórdicos. A raiz de seu nome é Sieg, uma palavra alemã que significa vitória e é muito apropriada, pois não importa o que haja contra ela, no fim a verdade vencerá.

Siegmund, o corajoso, que é impelido a procurar a verdade, não importa quais as conseqüências, pode ser assassinado como resultado de sua audácia. Em breve saberemos como e porquê, Sieglinda, sua irmã e mais tarde sua esposa, que tem o mesmo anseio interior, mas não se atreve a segui-lo abertamente, pode morrer em desespero. Ela transmite este anseio pela verdade ao descendente deles, Siegfried, aquele que através da vitória ganha a paz; assim, o que uma geração que procura a verdade não consegue realizar, futuramente será conseguida por seus descendentes e, por fim, a verdade triunfará sobre o credo e permanecerá suprema.

Não podemos deixar passar a oportunidade de descrever ou opinar sobre acontecimentos que serão apresentados na formosa lenda que temos diante de nós, mas não podemos abster-nos de repetir muitas vezes este pensamento glorioso: "Porque agora vemos como por um espelho, obscuramente". Embora as muralhas e as limitações da existência física acompanhem-nos em todas as direções, chegará o momento em que "veremos e conheceremos como também somos conhecidos".

Quando Siegmund, impelido pelo desejo incontrolável da busca da verdade, deixa o Valhal, Wotan fica enraivecido e para refrear o espírito independente dos Walsungs, ordena o casamento de Sieglinda com Hunding, que é o espírito do convencionalismo. Ela, desesperada, desmaia em seus braços, pois não tem coragem de deixar seus ancestrais como fez seu irmão. Como vemos, ela é o símbolo perfeito daqueles que, embora se revoltem no mais profundo de suas naturezas, estão casados com as convenções do mundo e têm medo de fazer uma mudança radical no código estabelecido pela igreja, temendo o que as pessoas possam pensar deles. Embora ultrajados no mais íntimo de suas naturezas e frustrados em suas mais santas aspirações, continuam a suportar o jugo do convencionalismo e servem a igreja para salvar as aparências.

Depois de algum tempo, Siegmund vem à casa de Hunding e encontra lá sua irmã. A princípio, não sabe quem ela é, mas quando se reconhecem, ele a convence a fugirem. Ambos sabem que este ato, este ultraje a Hunding, o espírito do convencionalismo, não será perdoado pelos deuses e, para fortalecerem-se na batalha que terão pela frente, levam consigo uma espada mágica chamada Nothung. Noth é necessidade ou infortúnio e ung, como já vimos, significa filho. Conseqüentemente, a espada é a filha do infortúnio, a coragem do desespero. Esta espada esteve enterrada até o punho em Yggdrasil pelo próprio Wotan, para prevenir uma emergência como esta. Para que possamos entender perfeitamente este lindo símbolo e a conduta aparentemente paradoxal de Wotan, será necessário elucidar o significado de Yggdrasil, a árvore da vida e do ser, como é explicado na mitologia escandinava.

Segundo o conceito deles, esta maravilhosa árvore eleva-se da Terra ao céu. Uma de suas raízes estava no submundo com Hel, uma terrível feiticeira que dominava aqueles que haviam morrido de enfermidade e não estavam, portanto, qualificados para habitar com Wotan no Valhal. Representam a classe de pessoas indolentes que negligenciam lutar até ao fim a batalha da vida. Hel tem três filhos e todos têm grande afinidade com ela, estando sempre combatendo os deuses, que se preocupam realmente com o bem estar dos homens. Eles são símbolos dos elementos que compõem o mundo material, onde a morte reina sozinha. Um é a serpente Midgaard, um monstro enorme circundando a Terra e mordendo sua própria cauda: é o oceano. O outro é o lobo Fenris, tão sutil, embora tão forte que nada pode detê-lo: ele representa a atmosfera que circunda a Terra e os ventos que não podem ser controlados. Loge, que já conhecemos, é o espírito do fogo, do engano e da ilusão. A outra raiz de Yggdrasil está no caos com os Gigantes de Gelo, de onde se originou todo este universo. A terceira raiz está com os deuses.

Debaixo da raiz que está com Hel, a serpente, Nidhog repousa roendo. É o espírito da inveja e da malícia que corrompe o bem. Nid significa inveja, e hog, cair. Como Yggdrasil, a árvore da vida em manifestação, vive pelo amor, a inveja e a malícia querem cortar a árvore e derrubá-la para a morte e para Hel. Mas, sob a raiz que está com os deuses encontra-se a fonte Urd, de onde as três Norns ou Parcas buscam a água da vida - o ímpeto espiritual - com a qual a árvore é regada e conserva suas folhas frescas e verdes. Os nomes destas três Parcas são Urd, Skuld e Verdende. Urd vem do alemão Ur, o passado, a origem ou estado virgem em relação ao homem e ao universo. Ela tece na roca o fio do destino gerado por nós no passado; e Skuld, que significa dívida, é a segunda Parca, que representa o presente. Urd entrega-lhe o fio do destino das vidas passadas que devemos expiar neste renascimento. Em seguida, ele é dado a Verdende, a terceira Parca, cujo nome é derivado de werdende, a palavra alemã para o que há de vir. Ela representa o futuro, e quando o fio do destino, simbolizando a dívida paga na época atual é-lhe entregue, ela o parte, pedaço por pedaço. Assim, este maravilhoso símbolo diz-nos que, quando a causa gerada em vidas passadas produziu efeitos nesta vida, a dívida está cancelada para sempre.

A mitologia nórdica diz-nos que além destas três Parcas principais, haviam muitas outras e que cada uma assistia a um nascimento e cuidava do destino da criança que nascia. Sabemos também que essas Norns ou Parcas não trabalhavam seguindo a própria vontade, mas estavam sujeitas às ordens do invisível Orlog. O nome é uma corruptela da palavra Ur, que significa primordial, e log, lei. Sabemos que o símbolo nórdico ensina que as Parcas não estavam sujeitas aos deuses, e que nosso destino não é regido por capricho, mas por uma inexorável lei da Natureza, a Lei de Causa e Efeito.

Debaixo da terceira raiz, que estava com os Gigantes de Gelo, ficava o poço de Mime. Os Gigantes de Gelo, ou forças da natureza, existiram antes da criação da Terra. Ajudaram na sua formação e, conseqüentemente, sabiam muitas coisas que estavam ocultas aos deuses. Portanto, mesmo Wotan, o deus da sabedoria, tinha o hábito de ir beber no poço de Mime para que pudesse receber algum conhecimento do passado. Ele também precisava beber da fonte de Urd para poder renovar sua vida.

Constatamos que as Hierarquias que nos ajudam a evoluir estão também vivendo para aprender, e o próprio fato de que estão aprendendo, mostra que são passíveis de erro e justificam a razão por que Wotan, seu chefe, deveria providenciar a espada Nothung - a coragem do desespero - para que, numa emergência, aqueles contra quem ele errou, pudessem ter uma arma para se defender. Muito mais poderia ser dito sobre esta maravilhosa Arvore da Vida,

o Yggdrasil, mas o estudante tem agora informações suficientes para capacitá-lo a compreender a relação da espada com o que vem a seguir.

Quando Siegmund e Sieglinda, fortificados com a espada mágica - a coragem do desespero - deixam a casa de Hunding - o espírito do convencionalismo - à procura da verdade no vasto mundo, o ultrajado Hunding não necessita do comando de Wotan para persegui-los com a intenção de matá-los. Wotan ordena a Brunilda, a Valquíria, que esteja invisivelmente presente durante a esperada batalha e lute por Hunding, o espírito do convencionalismo. Mas, como o espírito da verdade não pode lutar contra aquele que procura a verdade, Brunilda, com pesar, recusa-se a obedecer as ordens de Wotan. Quando Siegmund se defronta com Hunding num combate mortal e está prestes a derrotá-lo, Wotan interpõe sua lança e, sobre esta, a espada Nothung é despedaçada e Siegmund, indefeso, é morto por um golpe de Hunding.

A verdade está sempre ao lado de quem a procura e também em sua batalha contra os convencionalismos da igreja e costumes sociais. Mas, quando o poder da religião, que forneceu a coragem do desespero necessária para defender suas convicções, contrapõe-se ao poder da crença, simbolizado pela lança de Wotan, muitas almas fervorosas são vencidas, embora não persuadidas. Siegmund pode morrer e Sieglinda pode segui-lo até a sepultura com o coração partido, mas, assistida por Brunilda, dá a luz a Siegfried, o vitorioso. Como já mencionamos, a sede pela verdade, uma vez sentida, não pode ser saciada enquanto não for totalmente satisfeita.

Nesse ínterim, Wotan, impossibilitado de abandonar Valhal, o Anel do Credo, é forçado a afastar de si Brunilda, o espírito da verdade, que o desobedeceu, pois é uma condição do credo ser autocrático e não tolerar contestações. Como todas as religiões estão inerentemente imbuídas de um espírito de amor e um desejo sincero de beneficiar e elevar a humanidade, Wotan sente uma esmagadora tristeza por essa providência, que é necessária para a continuação da política por ele adotada e à qual ele adere apesar das angustiantes súplicas de Brunilda. É uma coisa terrível ter que separar-se da verdade, e ambos sentem muito mais do que as palavras podem expressar, quando o credo mesquinho obrigou Wotan a adormecer Brunilda, dizendo: "Nunca será despertada até que venha alguém mais livre do que eu".

Com essas palavras, ele revela o requisito principal para a busca da verdade. "A menos que um homem deixe pai e mãe", disse Cristo, "não pode tornar-se meu discípulo". Todas as limitações

devem ser primeiramente eliminadas, para podermos obter sucesso na busca da verdade.

Capítulo XI

Siegfried, o que busca a Verdade

Vimos que é necessário pôr de lado todas as limitações de religião, família, ambiente e qualquer outro impedimento para sermos capazes de alcançar a verdade, mas há ainda outro grande requisito, que talvez já esteja incluído no primeiro. Nós nos apegamos à nossa religião, nossos amigos e nossas famílias, por, medo de ficarmos sozinhos. Obedecemos às convenções porque tememos seguir o ditame da voz interior que nos impele às coisas mais elevadas, incompreensíveis para a maioria. Portanto, na realidade, o medo é o principal obstáculo que nos impede de chegar à verdade e vivê-la.

Isto também é mostrado no Anel do Niebelungo. Wotan sentencia que Brunilda, o espírito da verdade, seja adormecida, porque teme a perda de seu poder, caso a retenha, depois que ela rebelou-se contra as suas limitações e recusou-se a defender Hunding, o espírito do convencionalismo. Ele pronuncia sua condenação com tristeza, dizendo que ela deve dormir até que alguém mais livre do que ele, o deus, venha acordá-la. "O perfeito amor expulsa todos os medos", e apenas os destemidos são livres para amar e viver a verdade. Portanto, Brunilda é adormecida numa rocha solitária, e, ao seu redor, arde para sempre um círculo de chamas ateadas por Loge, o espírito do engano. Ninguém, a não ser os livres - as almas libertas e destemidas - pode esperar penetrar nesse círculo de ilusão (convencionalismo) e viver para amar o espírito desperto da verdade, sempre adorável e jovem.

Vemos que a segunda parte do drama místico acaba com o abandono da verdade e o triunfo do convencionalismo. O credo é firmemente estabelecido na Terra. Siegmund, o que busca a verdade, jaz vencido e morto. Sua irmã-esposa, Sieglinda, também pagou com sua vida por ter insistido na busca, e parece que Brunilda deverá dormir para sempre. Agora, os Walsungs têm apenas um representante, o órfão Siegfried, que foi deixado na caverna de Mime, o Niebelungo, pela mãe moribunda, Sieglinda.

Entretanto, a criança cresce e torna-se um jovem vigoroso com a força de um gigante. Belo como um deus, ele é um estranho contraste com Mime, o Niebelungo feio, um anão que alega ser seu pai. Siegfried mal pode acreditar nisso, pois quando olha em torno de si na floresta, observa que os passarinhos e os filhotes de todos os animais têm as mesmas características encontradas em seus pais. Somente ele é diferente daquele que o reivindica como filho.

Quando, com força prodigiosa, agarrou um urso e o levou à caverna de Mime, este quase ficou paralisado de medo, uma emoção totalmente desconhecida para Siegfried. Mime, um dos

mais engenhosos ferreiros entre os Niebelungos, forjou várias espadas para o uso deste jovem gigante, mas cada uma delas foi despedaçada pelo poderoso braço que a empunhava. Mime, na verdade, tentou soldar a espada Nothung, a filha da desgraça, que foi despedaçada pela lança de Wotan na luta fatal entre Siegmund e Hunding. Os fragmentos desta espada foram trazidos por Sieglinda para a caverna de Mime, mas quem for covarde não pode forjar ou soldar a espada Nothung, a coragem do desespero, portanto, Mime, apesar de toda sua habilidade, falhou todas as vezes que tentou. Um dia, quando Siegfried zomba dele por sua inabilidade de fazer uma espada que dure, Mime pega os fragmentos de Nothung e diz-lhe que se ele puder soldá-la, ela lhe servirá perfeitamente. Possuindo aquela qualificação fundamental dos que buscam a verdade - a intrepidez - Siegfried consegue, sem experiência manual, o que Mime não conseguiu. Forja novamente a espada mágica e está preparado para a busca da verdade e do conhecimento.

Apesar de decorridos séculos desde que Albérico, o Niebelungo, foi forçado a separar-se do Anel, como resgate para os deuses, nem ele nem sua classe esqueceram o poder conferido a seu possuidor. O desejo de reaver o tesouro perdido ainda predomina entre todos eles. A humanidade, sendo inerentemente espiritual e livre, nunca se conformará com a perda da individualidade exigida pelo regime da igreja. Embora, como Mime, eles possam estar imbuídos de um medo incontrolável, ainda assim adulam e bajulam as forças superiores, como Albérico adulou Wotan. Consciente ou subconscientemente, eles sempre se lembram de sua herança espiritual e procuram recuperar suas posições como agentes livres, libertos de credos ou outras limitações.

Para este fim, planejam e conspiram com muita sutileza, como é simbolizado pelo auxílio que Mime presta a Siegfried para forjar novamente a espada que havia sido despedaçada por Wotan. Ele percebe que o jovem que procura a verdade é destemido. Sabe que Fafner, um dos gigantes que obteve o Anel dos deuses, protege seu tesouro sob a forma de um imenso dragão -que inspira pavor. Ele acredita ser impossível alguém subjugar este monstro, mas se isto puder acontecer, este destemido jovem Siegfried será o único capaz de consegui-lo. Na verdade, sabe-se que quem forjar Nothung poderá matá-lo, e Mime confia em sua astúcia e espera que se Siegfried matar o dragão, ele, Mime, poderá obter a posse do Anel do Niebelungo e tornar-se o senhor do mundo.

Há um profundo significado espiritual neste conto, isto é, a natureza inferior planejando usar o ego superior para seus vis propósitos. Siegfried (aquele que pela vitória ganha a paz) é o ego superior naquele estágio de sua peregrinação em que foi deixado completamente só, sem amigos e parentes, de onde vê que a figura

de barro, simbolizada por Mime, não é parte dele, mas de uma raça e linhagem inteiramente diferentes. Está pronto para continuar sua busca da verdade empreendida em vidas anteriores, como fizeram Siegmund e Sieglinda, dos quais herdou a coragem indômita que não conhece medo nem derrota.

Mas, embora a alma que procura possa abandonar o mundo, como fez Hertzleide - a mãe de Parsifal, que deu à luz ao que procura a verdade numa floresta densa, e como Sieglinda que deu à luz Siegfried, na caverna de Mime - a natureza inferior persiste, tramando usar o poder do espírito para fins temporais. Quantos deixaram as igrejas por causa do credo, como Siegmund deixou Wotan. Quanto adquiriram um certo conhecimento das coisas superiores e depois fizeram mau uso de seus poderes celestiais, sob forma de sugestão mental e de hipnotismo para atrair para si próprios os bens deste mundo, preferindo antes procurar as coisas da Terra que escravizam, do que os tesouros do céu que libertam a alma.

Nunca houve uma época na Terra em que esta parte do grande mito tenha sido tão comumente promulgada como o é hoje. Há milhares de pessoas que representam Siegfried e Mime - Dr. Jekyl e Mr. Hyde. Eles são despertados para maiores ou menores realizações dos poderes do espírito por sua natureza e atributos divinos, como Siegfried o foi, mas a fase inferior de suas naturezas, Mime, continua planejando para benefício material.

Se chamarmos este uso dos poderes divinos de atitude cristã ou por qualquer outro nome, não falamos certamente da ciência da alma. Deveríamos ser honestos e reconhecer o fato de que Ele, que não tinha um lugar onde pousar Sua cabeça e que era a própria incorporação do atraente poder de Cristo, recusou usar esse poder para Seu próprio benefício. Mesmo na hora da morte Ele se absteve e foi dito que outros Ele salvou, mas, a Si mesmo, Ele não pôde (ou não quis) salvar, porque a Lei do sacrifício é maior do que a Lei da auto-preservação: "Pois, para que servirá ao homem ganhar o mundo todo e perder sua própria alma?"

No momento em que começamos a percorrer seriamente o caminho, a natureza inferior está condenada, apesar de todos os seus engenhosos esforços para salvar-se. Quando Mime planeja mandar Siegfried contra o dragão, Fafner, o espírito do desejo, decidiu seu próprio destino. Quando a alma vence o desejo pelas posses terrenas, ficamos mortos para o mundo, embora possamos ainda viver aqui onde realizamos nosso trabalho. Encontramo-nos no mundo, mas não pertencemos a ele.

Guiado por Mime, Siegfried encontra o Gigante Fafner guardando a caverna onde escondeu o tesouro dos Niebelungos. A natureza

inferior sempre incita a natureza superior a procurar a riqueza material, almejando obter prestígio e poder na sociedade. Tudo isto é muito comum, este desejo e sede de riqueza e poder! Somos todos como Mime, prontos para arriscar nossas vidas na busca do ouro. Embora Mime estremeça só de pensar em ficar perto do terrível dragão, continua conspirando, pois sabe que quando o Ego, representado pelo Anel do Niebelungo, está tão emaranhado nas armadilhas do materialismo a ponto do corpo o possuir, e, quando todas as suas energias são dirigidas pela natureza inferior, não há limite para o poder que ele almeja alcançar. Mas Siegfried, o destemido buscador da verdade, quando venceu o dragão que representa a natureza do desejo, também matou Mime, que é o símbolo do corpo denso.

Livre do invólucro mortal, o Espírito é capaz de compreender a linguagem da Natureza. Intuitivamente, ele sente onde está oculta a verdade, representada por Brunilda, a Valquíria, e seguindo esta intuição, representada no mito por um pássaro, dirige-se para a rocha rodeada pelo fogo para despertar e cortejar a bela adormecida. Embora possamos entrar no reino onde se acha a verdade, deixando de lado o corpo denso, o caminho não está livre, pois Wotan, o sentinela do credo, estende sua lança no caminho de Siegfried, empenhando-se ao máximo para dissuadir ou desencorajar o independente buscador da verdade. Contudo, o poder do credo, representado pela lança de Wotan, ficou enfraquecido quando ele negociou com os gigantes, isto é, quando apelou para o lado inferior da natureza do homem. Como símbolo desse enfraquecimento, caracteres mágicos foram entalhados no cabo da lança, que é facilmente partida em dois pedaços ao primeiro golpe de Nothung, a coragem do desespero.

Quando o que busca a verdade atingiu o ponto aqui descrito, não mais permitirá ser frustrado em sua busca, quer as forças opostas sejam demônios como Fafner ou deuses como Wotan. Com mão impiedosa remove cada obstáculo, pois tem apenas um único desejo no mundo, o anseio invencível de conhecer a verdade. Portanto, depois de despedaçar a lança de Wotan, ele segue adiante, guiado pelo pássaro da intuição, até chegar ao círculo de chamas que esconde Brunilda, o adormecido Espírito da Verdade. Não se intimida à vista das chamas da ilusão e da alucinação de Loge. Lança-se através delas audaciosamente e vê com alegria que ali está aquela por quem tem desejado durante muitas vidas. Curva-se, segura Brunilda em seus fortes mas ternos braços, e, com um beijo ardente, acorda o Espírito da Verdade de seu longo sono.

Capítulo XII

A Batalha da Verdade e do Erro

Não há palavras adequadas para exprimir o que a alma sente quando se encontra diante dessa presença, muito acima deste mundo (onde o véu da carne esconde, debaixo de uma máscara, as realidades vivas) e muito além do mundo do desejo e da ilusão, onde formas fantásticas e ilusórias nos enganam para que acreditemos que elas são algo muito diferente do que, na realidade, o são. Somente na Região do Pensamento Concreto, onde os arquétipos de todas as coisas unem-se no grande coro celestial, ao qual Pitágoras referiu-se como "a harmonia das esferas", encontramos a verdade revelada em toda sua beleza.

Mas, o Espírito não pode permanecer lá para sempre. Esta verdade e esta realidade - tão ardentemente desejadas por todos que foram conduzidos a esta procura por uma necessidade interna mais forte do que os laços de amizade, parentesco ou outra consideração qualquer são apenas meios para atingirmos um fim. A verdade deve ser trazida para este reino de forma física, a fim de que possa ser um valor real no trabalho do mundo. Portanto, Siegfried, o que busca a verdade, deve necessariamente deixar a rocha de Brunilda, retornar através do fogo da ilusão e reentrar no mundo material para ser provado e tentado, comprovando sua fidelidade aos juramentos de amor trocados entre ele e a recém-acordada Valquíria.

É dura a batalha que o espera. O mundo não está preparado para a verdade e, embora afirme veementemente seu desejo nessa direção, continua planejando e conspirando por todos os meios ao alcance de seu grande poder, para derrubar quem quer que traga a verdade até suas portas, pois existem poucas instituições capazes de suportar o deslumbrante brilho de sua luz.

Nem mesmo os deuses podem suportar esse brilho, como, para sua tristeza, constatou Brunilda, pois não foi ela exilada por Wotan, por ter se recusado a usar seu poder a favor do convencionalismo? E quem se insurgir contra o, convencionalismo para apoiar a verdade, verá que todo o mundo está contra si e que deve permanecer sozinho. Wotan era seu pai e jurou amá-la ternamente. Ele a amava a seu modo, mas apreciava mais o poder simbolizado por Valhal. O Anel do Credo, com o qual dominava a humanidade, era mais desejável a seus olhos do que Brunilda, o espírito da verdade, por isso ele a adormece atrás do círculo flamejante da ilusão.

Se esta é a atitude dos deuses, o que podemos esperar dos homens que não professam ideais elevados e nobres, e que os deuses, como sentinelas da religião, deveriam ter-lhes transmitido? Tudo isto e

muito mais do que podemos pôr em simples palavras - sobre as quais o estudante deveria meditar - passou pela mente de Brunilda no momento de se separar de Siegfried e, para lhe dar pelo menos uma chance na batalha da vida, ela lhe magnetiza todo o corpo para torná-lo invulnerável. Todas as partes são assim protegidas, menos um ponto nas costas, entre os ombros. Aqui temos um caso análogo ao de Aquiles, cujo corpo foi tornado invulnerável, exceto num de seus calcanhares. Há um grande significado neste fato, pois, enquanto o soldado da verdade usar sua armadura, da qual nos fala Paulo, na batalha da vida, e corajosamente enfrentar seus inimigos, é certo que, não importa quão duramente seja assediado, finalmente vencerá. Enfrentando o mundo e expondo seu peito às flechas do antagonismo da calúnia e da difamação, ele demonstra que tem a coragem de suas convicções e sabe que existe um poder mais elevado que ele, o poder que está sempre trabalhando para o bem, que o protege por maior que seja a violência que enfrente. Mas, a qualquer momento, um infortúnio poderá advir se ele virar suas costas, porque, quando não estiver atento ao ataque violento dos inimigos da verdade, eles encontrarão o ponto vulnerável, esteja no calcanhar ou entre os ombros. Portanto, convém-nos e a quem ame a verdade, tirar uma lição desta maravilhosa simbologia, e compreender a responsabilidade de amar a verdade acima de tudo. Amizade, parentesco e todas as outras considerações não deveriam ter nenhuma influência sobre nós, comparadas com este grande trabalho com a verdade e pela verdade. Cristo, que era a própria incorporação da verdade, disse a Seus discípulos, "Eles me odiaram e vos odiarão".

Portanto, não nos iludamos: o caminho da integridade é uma estrada acidentada e é árduo o trabalho da subida. No caminho poderemos provavelmente perder prestígio com todos os que nos são queridos e estão perto de nós. Embora o mundo confesse admitir a liberdade de religião, os dias de perseguição ainda não acabaram. Credo e dogmatismo ainda detêm o poder, prontos para julgar e perseguir quem não seguir as linhas do convencionalismo. Enquanto os enfrentarmos e prosseguirmos em nosso caminho, apesar das críticas, a verdade sempre sairá incólume da batalha. Somente quando nos mostramos covardes é que essas forças inimigas conseguem desferir o golpe de morte através deste ponto vulnerável.

Outra consideração: quando Siegfried abandona a rocha da Valquíria para reentrar no mundo, ele dá a Brunilda o Anel do Niebelungo. Lembremo-nos que este Anel foi formado com o Ouro do Reno - o ouro representa o Espírito Universal - por Albérico, o Niebelungo. Também lembremos que ele não poderia moldar esta pepita enquanto não abjurasse do amor, pois a amizade e o amor cessavam quando o Espírito Universal era circundado pelo anel do

egoísmo. Desde então, a batalha da vida foi ferozmente declarada: a luta de irmão contra irmão por causa do egoísmo, que impele cada um a procurar seu próprio interesse sem levar em conta o bem estar do outro.

Mas, quando o Espírito encontra a verdade e entra em contato com as realidades divinas; quando penetra na Região do Pensamento Concreto que é o céu, e percebe esta única grande verdade -que todas as coisas são uma - e que, embora pareçam estar separadas aqui, há um fio invisível unindo cada uma a todas; quando o Espírito tiver assim reconquistado universalidade e amor, não poderá mais ser separado. Portanto, quando entra no reino da verdade, ele abandona o sentimento de separatividade e de egocentrismo simbolizado pelo Anel, e adquire uma grandeza maior, semelhante a de Thomas Paine, quando disse: "O mundo é minha pátria; fazer o bem é minha religião." Esta atitude mental é representada alegoricamente quando Siegfried dá a Brunilda o Anel do Niebelungo.

Lembremo-nos que as Valquírias eram filhas de Wotan, o deus principal da mitologia nórdica. Cavalgavam pelo ar, à grande velocidade, para qualquer lugar onde estivessem sendo travados combates mortais, fossem entre duas ou mais pessoas. Logo que o combatente caía morto, elas o erguiam carinhosamente colocando-o em suas selas e o levavam para o Valhal, a morada dos deuses, onde era ressuscitado e viveria em paz para todo o sempre. Lembremo-nos que o nome Valquíria foi interpretado como escolhido por aclamação. Aqueles que lutavam a batalha da vida até o fim eram escolhidos, por aclamação, para serem os companheiros dos deuses.

Brunilda era a chefe destas filhas de Wotan, e seu cavalo Grane era o mais veloz dos corcéis. Este animal, que tinha tão fielmente transportado o espírito da verdade, ela o deu ao seu marido, pois a verdade é considerada a noiva daquele que a encontrou. O cavalo é o símbolo da velocidade e da decisão e quem tiver desposado a verdade está capacitado para escolher acertadamente e distinguir a verdade do erro - contanto que se conserve fiel.

Com o amor da verdade em seu coração e montando o corcel do discernimento, Siegfried parte para lutar a batalha da verdade e trazer o mundo cativo para os pés de Brunilda. Céu e Terra estão na balança, pois ele pode revolucionar o mundo se for fiel e corajoso; mas, se esquecer sua missão e ficar enredado na esfera da ilusão, a última esperança de redimir o mundo estará perdida. O crepúsculo dos deuses estará próximo quando o presente estado de coisas for desfeito, quando os céus se derreterem no calor ardente para que, da agonia da Natureza, possa nascer um Novo

Céu e uma Nova Terra, onde a virtude, como um manto, envolverá tudo e todos.

Voltemos agora nossos olhos do céu, de Siegfried e de Brunilda para a Terra, onde o mundo, que a verdade vai libertar, espera pelo herói que está chegando. O mito nórdico introduz-nos na corte de Gunther, um rei honesto e justo de acordo com os padrões do mundo. Sendo solteiro, sua irmã Guttrune é a maior personagem feminina do reino. Entre os cortesãos está Hagen, um nome que significa gancho, demonstrando um egoísmo inerente. É um descendente dos Niebelungos, aparentado com Albérico que moldou o Anel fatal. Desde o dia em que perderam a posse desse Anel, os Niebelungos vigiaram de perto os seus possuidores: primeiro Wotan, que enganou Albérico e roubou-lhe o Anel; depois Fafner e Fasolt, os gigantes que construíram Valhal para Wotan e que forçaram-no a entregar-lhes o Anel como parte do pagamento do resgate de Freya, a deusa do amor e da juventude, a quem Wotan prostituiu e vendeu por causa do poder. Quando Fafner assassinou Fasolt, os Niebelungos vigiaram de perto a caverna onde o assassino estava estendido sobre o tesouro oculto do Niebelungo, como um enorme dragão. Mime, o pai adotivo de Siegfried, pagou com sua vida por tramar obter a posse do cobiçado tesouro. Nem Siegfried se encontrava a salvo da atenta: vigilância deles, a não ser quando estava na rocha da Valquíria, pois nenhum Niebelungo, nem alguém que seja vil ou covarde, pode penetrar no reino da verdade além do círculo flamejante da ilusão. Portanto, os Niebelungos não sabem o que aconteceu com o Anel quando Siegfried surge novamente no mundo, embora suponham que tenha ficado com Brunilda e, imediatamente, começam a planejar como obtê-lo.

A corte de Gunther situa-se exatamente no caminho que Siegfried percorre e Albérico apressa-se, correndo à frente, para informar Hagen que o último possuidor do Anel está chegando. Juntos, tramam como obter o anel, mas, cada um, em seu negro coração, também planeja como lograr o outro e obter o tesouro somente para si. Não há honra na batalha do eu separado, mas aqui cada um é contra todos os outros, sem levar em conta quem eles são. Embora no mundo encontremos cooperação para um objetivo comum, a pergunta principal que ainda está na mente de todos é: "O que eu posso lucrar com isto?" A não ser que haja uma recompensa clara e pessoal à vista, a maioria da humanidade reluta em trabalhar em favor dos outros. O apóstolo nos diz, "não atente cada um para o que é propriamente seu, mas também para o que é dos outros". Temos procurado estar em harmonia intelectual com o pensamento cristão, mas, quão poucos estão dispostos a cumprir com o ideal de servir altruisticamente.

Capítulo XIII

O Renascimento e a Bebida Letal

Nosso nascimento não é mais que um sonho e um esquecimento.

A alma que conosco se eleva, nossa Estrela da vida,

Teve seu pôr-do-sol em qualquer outro lugar

E vem de longe.

Não está em completo esquecimento,

Nem em total nudez parece estar.

-Wordsworth

Quando Siegfried deixa a rocha da Valquíria e chega à corte mundana de Gunther, dão-lhe uma bebida preparada para fazê-lo esquecer tudo sobre sua vida passada e sobre Brunilda, o Espírito da Verdade, a quem ele havia conquistado para si.

Supõe-se que a doutrina do renascimento foi ensinada apenas nas antigas religiões do Oriente, mas um estudo da mitologia escandinava logo desmentirá esse conceito errôneo. Na verdade, eles acreditavam tanto no renascimento como na Lei de Causa e Efeito aplicada à conduta moral, até que o Cristianismo obscureceu essas doutrinas por razões descritas no "Conceito Rosacruz do Cosmos". É curioso ler sobre a confusão causada quando a antiga religião de Wotan estava sendo suplantada pelo Cristianismo. Os homens acreditavam realmente no renascimento, mas o repudiavam externamente, como é mostrado na seguinte história sobre Santo Olaf, rei da Noruega, um dos primeiros e mais ardorosos convertidos ao Cristianismo. Quando Asta, a rainha do rei Harold, estava em trabalho de parto, mas não conseguia dar à luz, um homem chegou à corte trazendo algumas jóias, sobre as quais relatou o seguinte: O rei Olaf Geirstad, que havia reinado na Noruega há muitos anos e era o ancestral direto de Harold, havia-lhe aparecido num sonho e instruiu-o a abrir o grande outeiro em que jazia seu corpo e, depois de separá-lo da cabeça com uma espada, devia levar à rainha certas jóias que encontraria no caixão, e suas dores, então, cessariam. As jóias foram levadas ao aposento da rainha, e, logo em seguida, ela deu à luz uma criança do sexo masculino, ao qual deram o nome de Olaf. Era crença geral que o espírito de Olaf Geirstad tinha passado para o corpo da criança, que assim levou seu nome.

Muitos anos depois, quando Olaf se tornou Rei da Noruega e abraçou o Cristianismo, cavalgava um dia, como fazia com

freqüência, pelo outeiro onde jazia seu ancestral, e um cortesão que o acompanhava perguntou:

- *"É verdade, meu senhor, que vós em outra época jazíeis neste outeiro?"*

- *"Nunca meu espírito habitou dois corpos", respondeu o rei.*

- *"Contudo, conta-se que ouviram-vos dizer, ao passar por este outeiro: "Eu estava aqui. Aqui eu vivia".*

- *"Eu jamais disse isto", retorquiu o rei, "eu nunca direi tal coisa".*

Estava muito embaraçado e cavalgou em outra direção, provavelmente para evitar discutir uma convicção íntima que todos os dogmas da nova fé não conseguiram erradicar.

A verdade é que todos os povos antigos, tanto no Leste como no Oeste, sabiam muito sobre nascimento e morte, o que foi esquecido nos tempos modernos porque a segunda visão era, então, mais predominante. Até hoje, muitos camponeses da Noruega asseguram ter capacidade de ver o Espírito saindo do corpo na ocasião da morte, como uma nuvem branca, comprida e estreita, que é certamente o corpo vital. Os Ensinamentos Rosacruz - de que os mortos pairam em torno de suas moradas terrestres por algum tempo depois da morte, que assumem um corpo luminoso e que ficam extremamente afligidos pelo pesar de seus entes queridos - eram de conhecimento geral entre os antigos nórdicos. Quando o finado rei Helge da Dinamarca materializou-se para mitigar o pesar de sua viúva, e ela exclamou angustiada:

"O orvalho da morte banhou teu corpo de guerreiro", ele respondeu:

"És tu, Sigruna,

A causa única

De que Helge. seja banhado

Pelo orvalho da tristeza.

Não queres pôr fim a teu pesar,

Nem as amargas lágrimas secar.

Cada lágrima ensangüentada.

Cai em meu peito gelada.

Elas não me deixam descansar".

Quando os estudantes compreendem o renascimento, geralmente perguntam porque a memória de vidas passadas é apagada, e muitos sentem um desejo quase incontrolável de conhecer o passado. Eles não podem entender o benefício que decorre da bebida letal do esquecimento, e olham com inveja as pessoas que alegam conhecer suas vidas passadas - quando asseguram haver sido reis, rainhas, filósofos, padres, etc. Contudo, há um propósito altamente benéfico neste esquecimento, pois nenhuma experiência tem valor na vida, exceto pela impressão que ela deixa na vivência "post-mortem", no purgatório ou no céu. Esta impressão atua de tal maneira que, em determinado momento, dirige, adverte ou impele a uma certa linha de ação. Este aviso ou impulso, embora dissociado da experiência da, qual foi extraído, age com maior rapidez do que aquela do pensamento.

Para esclarecer este ponto, talvez possamos comparar este registro, gravado em nossos mais sutis veículos, a um disco, cujo movimento faz com que uma bateria de diapasões colocada perto dele vibre quando cada nota é tocada. Do ponto de vista externo, parece não haver razão por que um certo denteado num disco deva corresponder a um outro no diapasão e, quando a agulha cai nesse denteado, um determinado som deve ser produzido, o que fará o diapasão vibrar. Mas, entendamos ou não, a demonstração indica uma ligação de tonalidade entre esse pequeno denteado e o diapasão. E isto não depende de um conhecimento de como a impressão foi gravada no disco, ou o que fez o diapasão responder a essa vibração. Ela está lá, quer conheçamos ou não todos os fatos sobre isso.

De igual maneira, quando tivemos uma certa experiência na vida, tenha sido alegre ou não, ela é condensada na experiência "post-mortem", deixando uma determinada impressão na alma que serve para prevenir, se a experiência for purgatorial, e para estimular, se for celestial. Numa vida posterior, quando uma experiência surge semelhante à que causou a impressão, a vibração é sentida pela alma, despertando o tom da dor ou do prazer no registro da vida passada, de forma mais rápida e exata do que se a própria experiência fosse evocada perante nossa visão mental. Atualmente, ainda não somos capazes de ver a experiência na sua luz verdadeira, pois estamos impedidos pelo véu da carne. Mas o fruto da experiência colhido no céu ou no inferno diz-nos, sem perigo de errar, se devemos repetir ou evitar nosso passado. Além disso, se nós realmente conhecêssemos nossas vidas passadas e por nossos atuais esforços tivéssemos conquistado a faculdade de viver bem e dignamente, mesmo sabendo que pautamos nossas vidas pela devassidão, crueldade, crime e egoísmo; e agora, em conseqüência disso, as pessoas nos desprezassem, nós acharíamos que elas não

deveriam julgar-nos pelo passado. e estariam erradas em condenar-nos ao ostracismo. Argüiríamos que o julgamento deveria ser baseado nos esforços meritórios de nossa vida presente, com exclusão de condições anteriores, e nisto estaríamos totalmente certos. Pela mesma razão, por que deveríamos exigir honras na vida presente, adulação ou admiração, só porque em vidas anteriores fomos reis e rainhas? Mesmo se fosse verdade que tivéssemos ocupado essas posições, por quê deveríamos expor-nos ao ridículo dos céticos contando essas histórias? Portanto, quer tenhamos ou não memória de nossas vidas passadas, é melhor concentrarmos nossos esforços sobre as possibilidades mais elevadas de hoje.

Não há dúvida de que a pessoa que for capaz de investigar a Memória da Natureza, e o fizer pela investigação ligada ao progresso e evolução do homem, cedo ou tarde entrará em contato com vislumbres de seu próprio passado. Mas, um verdadeiro servidor, que sente ser um trabalhador na vinha de Cristo, nunca se desviará do caminho do serviço para seguir a trilha da curiosidade. O discípulo que recebe os ensinamentos dos Irmãos Maiores é advertido, na primeira Iniciação, a nunca empregar seu poder para satisfazer a curiosidade, e, em todas as suas visitas subseqüentes ao Templo, esta idéia lhe é lembrada.

A diferença entre o uso legítimo e o ilegítimo dos poderes espirituais é tão tênue e sutil que, à medida que crescemos neste campo, as restrições pelas quais nos sentimos cercados multiplicam-se tanto, que se a narrativa fosse contada a outros, noventa entre cem diriam: "Então, qual é a vantagem de desenvolver a visão espiritual ou ser capaz de sair do corpo? Ao ficarmos tão limitados, quando a possibilidade de transgredir é tão multiplicada, não há vantagem em possuir essas faculdades". Respondemos que elas são realmente de grande valor e a responsabilidade é apenas o resultado natural de maior crescimento anímico.

Um animal toma livremente qualquer coisa que deseje, não comete nenhum pecado e não é considerado responsável por seus atos porque não tem consciência disso. Mas, desde que a idéia do "meu" e "teu" foi impressa na nossa consciência, surge, em decorrência, a responsabilidade. À medida que nosso conhecimento cresce, aumenta essa responsabilidade, e quanto mais refinadas forem as qualidades da alma, mais sutis serão as distinções entre o certo e o errado. Isto observamos em nossas vidas diárias, onde os critérios do que é permissível ou não, variam conforme o caráter de cada indivíduo.

E quando desejamos esse poder, pelo qual podemos conhecer o passado, descobrimos que não há razão para usá-lo para nosso

engrandecimento, nem para obter riquezas e poderes mundanos. Assim, a vida ou vidas que tenhamos levado estão ocultas para nós por um propósito, isto é, até sabermos como abrir a porta, mas, quando tivermos a chave, provavelmente não vamos querer usá-la.

Por essa razão, é dada a Siegfried a bebida letal no momento em que entra na corte de Gunther. Imediatamente ele se esquece de sua vida passada com Mime, o anão, que alega ser ele seu filho. Esquece como forjou a espada mágica, "a coragem do desespero", que tanto o ajudou na luta com Fafner, o espírito da paixão e do desejo. Esquece que foi assim que conquistou o Anel do Niebelungo, o emblema do egoísmo, pelo qual adquiriu conhecimento de sua verdadeira identidade espiritual e matou Mime, a personalidade, que erradamente alegou ser seu progenitor. Esquece como, sendo um Espírito livre não dominado pelo medo, quebrou a lança de Wotan, a sentinela do credo, e seguiu o pássaro da intuição até a morada do adormecido Espírito da Verdade. Esquece seu casamento com ela e o voto de altruísmo subentendido quando lhe deu o Anel.

Mas, cada um destes importantes acontecimentos deixou impressões em sua alma e agora ele deve ser provado, isto é, verificar se aquela impressão foi profunda ou superficial. A tentação sobrevém-nos, vida após vida, até que o tesouro armazenado no prova pela tentação na Terra céu tenha sido posto à se agüentará ou não a traça da corrupção. Depois do Batismo, quando o Espírito de Cristo ocupou o corpo carnal de Jesus, este foi levado ao deserto da tentação para provar sua fraqueza ou sua força. Do mesmo modo e depois de cada experiência celeste, devemos esperar ser reconduzidos à Terra para que possamos aprender a resistir ou a cair na fornalha da aflição.

Capítulo XIV ***O Crepúsculo dos Deuses***

Quando Siegfried chega à corte de Gunther, Guttrune, a formosa irmã do rei oferece-lhe a taça mágica do esquecimento. Imediatamente ele perde a memória do passado e de Brunilda, o Espírito da Verdade, tornando-se uma alma nua, pronta para lutar a batalha da vida. Mas ele está armado com a sublime essência da experiência anterior. A espada de Nothung, a coragem do desespero, com a qual combateu a ganância e a crença simbolizadas por Fafner, o dragão, e Wotan, o deus, ainda está com ele; também está com Tarncap, ou o capacete da ilusão, que é um símbolo apropriado para o que nos tempos modernos chamamos de poder hipnótico, pois, aquele que colocasse este capacete mágico em sua cabeça apareceria aos outros em qualquer forma que desejasse. E possui ainda o cavalo de Brunilda, Grane, o discernimento, pelo qual ele próprio pode perceber a verdade e distingui-la do erro e da ilusão. Tem ainda poderes que pode usar para o bem ou para o mal, de acordo com a escolha que fizer.

Como já dissemos anteriormente, nossa idéia do que é a verdade muda à medida que progredimos. Gradativamente estamos galgando a trilha da evolução e, ao fazê-lo, fases da verdade antes nunca percebidas aparecem, e o que nos parecia correto num estágio, pode ser errado em outro. Contudo, toda vez que estamos na carne, vemos através do véu da ilusão simbolizado pela chama de Loge que circunda a rocha de Brunilda. Seu corcel Grane, o discernimento, também está conosco, e se lhe dermos rédea solta, a mente do cérebro material que está impregnada com a bebida letal do esquecimento, nunca poderá ganhar ascendência sobre o Espírito.

A primitiva Época Atlante, quando os homens viviam como inocentes "Filhos da Névoa" (Niebelungos) nas bacias nebulosas da Terra, está representada no Ouro do Reno. O último período Atlante é uma época de selvageria, onde a humanidade renega o amor, como fez Albérico, e forma o "Anel" do egoísmo, empregando suas energias para aquisições materiais simbolizadas pelo "tesouro" dos Niebelungos, pelo qual gigantes, deuses e homens lutam com brutalidade selvagem e vil astúcia, como é representado em "As Valquírias".

A primitiva Época Ária marca o nascimento do idealista, simbolizado pelos "Walsungs" (Siegmund, Sieglinda e Siegfried), uma nova raça que aspira, com sagrado ardor, algo novo e mais elevado - cavaleiros valorosos com coragem de manter suas convicções - estando sempre prontos para lutar pela verdade tal como eles a entendiam, e para dar suas vidas como penhor na

defesa de suas sinceras convicções. Assim, a idade da selvageria realista deu lugar a uma era de bravura idealista.

Estamos agora na última fase da Época Ária. Os que procuravam a verdade do passado deixaram mais uma vez a rocha flamejante de Brunilda. Novamente assumimos o véu da carne e compartilhamos da bebida letal. Hoje estamos verdadeiramente participando da última parte do grande drama épico "O Crepúsculo dos Deuses", idêntico em importância ao nosso Apocalipse Cristão. "O Evangelho do Reino" nos tem sido pregado; "O Caminho, a Verdade e a Vida" nos foram abertos do mesmo modo que o foram para Siegfried. Estamos sendo provados agora, como ele o foi na corte de Gunther, para ver se viveremos como "casados com a verdade", ou se a tiraremos de seu refúgio e a prostituiremos, como fez Siegfried. Para ganhar a mão de Guttrune, ele arrebatou da mão de Brunilda o emblema do egoísmo, o Anel do Niebelungo, e colocou-o novamente em seu dedo; prendeu Guttrune e levou-a até Gunther para ser sua esposa. Ele a prostituiu e ele próprio cometeu adultério com Guttrune - pois, tendo uma vez desposado a verdade, é adultério espiritual ambicionar as honras do mundo.

Céu e Terra foram ultrajados por esta tremenda traição à verdade. O grande mundo "Ash", a árvore da vida e do ser, treme em suas raízes, onde Urd, Skuld e Verdende, o passado, o presente e o futuro tecem o fio do destino. Começa a escurecer na Terra; a lança de Hagen encontra o único ponto vulnerável do corpo de Siegfried - sua vida é o castigo, e como o mais alto ideal da época fracassou, não há razão para perpetuar a ordem das coisas existentes. Portanto, Heimdal, o guardião celestial, toca seu clarim e os deuses cavalgam pela última vez em procissão solene pela ponte do arco-íris para enfrentar os gigantes na batalha final, envolvendo a destruição do Céu e da Terra.

Este é um ponto muito significativo, pois na abertura do drama encontramos os Niebelungos "no fundo do rio". Mais tarde, Albérico molda o "Anel" em fogo, que só pode arder na atmosfera límpida como a da Época Ária. Nessa época, os deuses também celebraram suas reuniões sagradas na ponte do arco-íris, que é o reflexo do fogo celestial. Quando Noé conduziu os Semitas originais através do "Dilúvio", ele acendeu o primeiro fogo. "O arco" foi, então, colocado nas nuvens para permanecer por toda a época e, durante esse período, ficou convencionalizado que os ciclos alternantes, verão e inverno, dia e noite, etc., não cessariam. No Apocalipse (IV: 3), João recebeu instruções referentes às "coisas que virão", por "Alguém que tenha um arco-íris em redor de Si"; e mais tarde (X: 1) "um Anjo poderoso, com um arco-íris em sua cabeça proclamará solenemente o fim dos tempos". Está claro pelo mito nórdico e pelos ensinamentos Cristãos, que a época começou quando o arco foi colocado nas nuvens. Quando o arco for

removido, a época terminará e novas condições físicas e espirituais surgirão.

O outro fenômeno acompanhando esta época conturbada é apresentado no antigo mito. Loge, o espírito da ilusão, tem três filhos: a serpente Midgaard - que rodeia a Terra mordendo sua própria cauda - é o elemento aquoso, o oceano que refrata e distorce todo objeto nele mergulhado. Os homens temem este elemento traiçoeiro; sempre empalidecem ao pensar no que pode acontecer quando revolto. O lobo Fenris - a atmosfera - também é filho da ilusão (óptica), e o pavoroso rugir da tempestade pode incutir medo no mais destemido coração. Hel - a morte - é a terceira filha de Loge e "a rainha dos terrores". Antes do homem entrar na existência concreta, como está descrito no começo do grande mito e no Gênesis, sua consciência estava focalizada nos mundos espirituais, onde os elementos ilusórios, Loge (fogo), Fenris (ar), e a Serpente (água) inexistem, portanto, a morte também era desconhecida. Mas, durante a presente época, quando a constituição do corpo humano está sujeita à ação dos elementos, a morte física é uma realidade.

Ao som da trombeta de Heimdal, todos os fatores de destruição atacam a planície de Bigrid, a contra-parte de Armageddon, onde os deuses da crença e seus defensores estavam reunidos para uma última pausa. Os filhos de Muspel (o fogo físico) vindos do sul, atacam demolindo a ponte do arco-íris. Os Gigantes de Gelo avançam vindos do norte. Com um grande rugido, Fenris, a atmosfera condutora da tempestade, lança-se sobre a Terra. Sua velocidade é tão terrível que a fricção gera fogo, pelo que se diz que sua mandíbula inferior está sobre a Terra, a superior alcança o Sol e que de suas narinas saem correntes de fogo. Engole Wotan, o deus que é responsável pela idade do ar, quando o arco estava nas nuvens. A serpente Midgaard, ou elemento aquoso, é vencida por Thor, o deus do raio e do trovão, mas quando as descargas elétricas finalmente acabarem com o elemento água, não poderá mais haver raio e trovão; daí o mito nórdico informar-nos que Thor morre pelos vapores que vêm da serpente. No nosso Apocalipse Cristão, também se fala em relâmpagos e trovões e nos é dito que, finalmente, "não haverá mais mar".

Mas, como a Fenix ressurgiu rejuvenescida e formosa de suas próprias cinzas, assim também uma nova Terra, visualizada pela antiga profetiza, ressurgirá da grande conflagração, mais bela e mais etérea, onde "os elementos derretem-se com o calor ardente". Ela chamou essa Terra de "Gimle", onde não faltaram habitantes, pois, enquanto a grande conflagração acontecia, um homem e

uma mulher chamados Lif e Liftharaser (lif significa vida) foram salvos, e deles surge uma nova raça que vive em paz e perto de Deus.

*"Um vestibulo eu vejo,
Mais brilhante que o Sol,
Com ouro revestido,
No cume de Gimle,
Lá viverá
Uma raça virtuosa e, na verdade,
Abençoada será
Até a eternidade.
"Dela vem o Onipotente - o Todo - o Pai,
Para a reunião dos deuses,
Na Sua força que do alto vem.
Ele, que por todos pensa bem,
Emite opiniões, sabe julgar;
Com as desavenças consegue acabar,
A paz estabelecer
E para sempre durar".*

O antigo mito nórdico ensina, mas por um ângulo diferente, as mesmas verdades encontradas em maior plenitude nas Escrituras Cristãs, desde o Gênesis até o Apocalipse, e é importante que percebamos a verdade destes contos. Infelizmente, há muitos no grupo descrito por Pedro que dizem: "Onde está a promessa de Sua vinda? Desde que os antepassados adormeceram, todas as coisas continuam como eram no princípio". Há poucos que compreendem a importância da afirmação no segundo capítulo do Gênesis, de que "uma névoa elevou-se do solo e molhou a terra antes que chovesse", e que, portanto, os filhos da névoa devem ter sido fisiologicamente diferentes dos homens de hoje, que respiram ar desde "o dilúvio", quando a névoa condensou-se e tornou-se mar. Mas, com a mesma certeza de que ocorreram essas mudanças no

passado, assim também estamos na iminência de novas mudanças. É verdade que poderá não acontecer em nossos tempos - "essa hora não a conhece o homem, nem os Anjos, nem o Filho" - e, repetidamente, o aviso de Noé é-nos apresentado nesta passagem. Naquele dia, eles comeram e beberam, casaram e foram dados em matrimônio, mas, subitamente, as águas os envolveram e todos os que não haviam desenvolvido os requisitos fisiológicos, pulmões, necessários para viver na nova condição, pereceram. A Arca conduziu os pioneiros em segurança através da catástrofe.

Para que a próxima transformação ocorra em segurança, é necessário tecer o Dourado Manto Nupcial, e é de suma importância que trabalhem para isso. A mesma soma psuchicon ou "corpo-alma" mencionado por Paulo (I Cor. XV: 44), é um veículo etérico de primordial importância, pois, quando os elementos atuais forem dissolvidos na transformação iminente, como poderemos sobreviver se pudermos funcionar, como agora, apenas num corpo denso?

A raça Germano-Anglo-Saxônica será, com certeza, sucedida por mais duas outras, antes que a Sexta Época seja definitivamente introduzida, mas hoje, e proveniente da nossa estirpe, está sendo preparada a semente para a Nova Era. É exatamente a missão da Ordem Rosacruz, trabalhando através da Fraternidade Rosacruz, propagar um método científico de desenvolvimento, adequado especialmente para os povos ocidentais, pelo qual este Manto Nupcial poderá ser tecido, para que possamos apressar o dia do Senhor.

TANNHAUSER
Capítulo XV
O Pêndulo da Alegria e da Tristeza

Neste drama divulgamos mais uma das antigas lendas. Ela foi dada à humanidade em linguagem pictórica pelas divinas Hierarquias que nos guiaram pelo caminho do progresso, para que a humanidade pudesse subconscientemente absorver os ideais pelos quais teria que lutar em vidas futuras.

Nos tempos antigos o amor era brutal. A noiva era comprada, roubada ou tomada como presa de guerra. A posse do corpo era tudo o que era desejado; assim, a mulher era uma escrava apreciada pelo homem pelo prazer que lhe proporcionava, e nada mais do que isso. As mais elevadas e sutis faculdades de sua natureza não tinham a oportunidade de expressão. Esta condição tinha que ser modificada ou o progresso humano teria cessado. A maçã sempre cai perto da árvore. Qualquer ser gerado de uma união sob tão brutais condições, devia ser brutal; e, se a humanidade devia ser elevada, o padrão do amor tinha de ser erguido. Tannhauser é uma tentativa nessa direção.

Esta lenda é também chamada "O Torneio dos Trovadores", pois os menestréis da Europa eram os educadores da Idade Média. Eram cavaleiros andantes, dotados do poder da palavra e da canção e viajavam de um lugar para outro sendo bem-vindos e honrados nas cortes e castelos. Exerciam poderosa influência na formação de ideais e idéias da época. No Torneio da Canção, realizado no Castelo de Wartburg, uma das questões era se a mulher teria ou não direito ao seu próprio corpo, um direito de proteção contra os abusos licenciosos de seu marido; se deveria ser considerada uma companheira para ser amada de alma para alma ou uma escrava obrigada a submeter-se aos ditames de seu senhor - era a questão a ser decidida.

Naturalmente, à cada mudança, sempre há os que são favoráveis à manutenção das coisas antigas em detrimento das novas, e defensores das duas facções tomaram parte naquele torneio de canções no Castelo de Wartburg.

O problema até hoje permanece. Ainda não foi solucionado pela maioria da humanidade, mas o princípio levantado é verdadeiro e somente ajustando-nos a este princípio de elevação do padrão do amor, poderá nascer uma raça melhor. Isto é particularmente essencial para quem almeja levar uma vida mais elevada. Embora o princípio pareça tão evidente, ainda não é aceito por todos, mesmo por aqueles mais desenvolvidos. Com o passar do tempo, todos aprenderão que somente considerando a mulher igual ao homem poderá a humanidade elevar-se, pois, sob a Lei do

Renascimento, a alma renasce alternadamente em ambos os sexos, e os opressores de uma época tornam-se os oprimidos da seguinte.

A ilusão de um duplo padrão de conduta que favorece um sexo em prejuízo do outro, deveria ser percebida imediatamente por quem quer que acredite na sucessão de vidas, pela qual a alma progride desde a impotência até a onipotência. Tem sido amplamente aceita a idéia de que, longe de ser inferior ao homem, a mulher o iguala, e com muita freqüência o supera no desempenho de profissões intelectuais, embora isso não apareça claramente neste drama.

A lenda conta-nos que Tannhauser, que representa a alma num certo estágio de desenvolvimento, ficou desiludido do amor porque o objeto do mesmo, Elizabeth, era muito pura e jovem para ser abordada e instada a render-se. Ansioso, com um desejo apaixonado, ele atrai algo de natureza idêntica.

Nossos pensamentos são como diapasões. Despertam eco naqueles que são capazes de responder-lhes. O pensamento apaixonado de Tannhauser leva-o, portanto, àquela que é chamada a "Montanha de Vênus".

Tal como em Um Sonho de Uma Noite de Verão de Shakespeare, esta história conta-nos como ele encontra a Montanha de Vênus, como é recebido por essa adorável deusa e preso nas cadeias da paixão por seus encantos. Isso não está totalmente fundamentado na imaginação. Há espíritos no ar, na água e no fogo e, sob certas condições são contatados pelo homem. Não tanto, talvez, na atmosfera elétrica da América, mas em toda a Europa, particularmente no Norte, onde predomina uma atmosfera mística capaz de induzir as pessoas a visualizarem esses elementais. A deusa da beleza ou Vênus, da qual estamos falando, é realmente uma das entidades etéricas que se alimenta das emanções do desejo inferior, na gratificação da força criadora que é liberada abundantemente. Muitos espíritos de controle apossam-se dos médiuns e os incitam ao relaxamento da moral e aos abusos, e agem como amantes de suas almas e enfraquecem seriamente suas vítimas. Pertencem a uma mesma classe que é extremamente perigosa, para dizer o mínimo. Paracelso menciona-os como "incubi" e "succubi".

A cena de abertura de Tannhauser mostra-nos uma orgia na Caverna de Vênus. Tannhauser está ajoelhado diante da deusa que está deitada num sofá. Ele desperta como que de um sonho, sentindo uma ânsia de visitar novamente a Terra. Ele diz isso à deusa Vênus, que responde:

"Que tolo lamento! Do meu amor estás tu cansado?"

Lá em cima, pela tristeza, teu coração foi esmagado.

Levanta-te, menestrel,

pega tua harpa e as bem-aventuranças divinas vem cantar.

Pois a deusa do amor é tua, o maior tesouro de amar".

*Inflamado com novo ardor, Tannhauser pega sua harpa e canta
louvores a ela:*

"Todos os louvores a ti! A ti aguarda imortal celebridade.

Hinos de louvor a ti sempre cantarei.

Cada meigo encanto que me proporcionou tua doce bondade,

Enquanto o tempo e o amor forem jovens, minha harpa despertarei;

Para a doce alegria do amor e a satisfação de agradar,

Minha razão ansiou, meu coração suspirou;

E tu, cujo amor só um Deus pode avaliar,

A mim tu o deste e com esta felicidade estou banhado.

Mas, mortal eu sou, e um amor divino,

É muito imutável para com o meu ficar casado.

Um deus pode amar sem interrupção,

Mas, sob leis alternantes,

Tanto de dor como de prazer temos o nosso quinhão,

Nós mortais precisamos disso em medidas variantes.

Repleto de alegria, novamente pela dor estou a suspirar,

Portanto, Rainha, eu não posso aqui ficar".

Quando a humanidade emergiu da Atlântida e alcançou a atmosfera de Ariana, o arco-íris apareceu pela primeira vez no céu como sinal da nova era. Nessa época dizia-se que enquanto este arco estivesse nas nuvens, as estações não cessariam de mudar; dia e noite, verão e inverno, vazante e enchente e todas as outras medidas alternantes da Natureza seguir-se-iam umas às outras em

sucessão ininterrupta. Na música nem sempre pode haver harmonia. De vez em quando há uma dissonância para ressaltar a melodia. Isso também acontece na questão da dor e da tristeza, da alegria e da felicidade: elas também são medidas de alternância. Não podemos viver numa, sem desejar a outra, como também não poderíamos permanecer no céu e aí adquirir as experiências apenas encontradas na Terra. É este impulso interno, este balanço do pêndulo da alegria para a tristeza, e da tristeza para a alegria, que afasta Tannhauser da caverna de Vênus. Ele precisa conhecer novamente a rivalidade e a luta do mundo; precisa adquirir a experiência que só a tristeza pode oferecer e assim esquecer os prazeres que não lhe trazem poder anímico. Entretanto, é característica das forças inferiores tentar sempre influenciar negativamente a alma; usar todos os meios para afastá-la do caminho da retidão; e Vênus, que aparece no drama de Tannhauser como representante destes poderes, adverte-o tentando dissuadi-lo:

"No pó, tua alma em breve será humilhada,

A adversidade teu orgulho irá cortar,

Então, com o ardor esmagado, a vontade subjugada,

Para sentir meu fascínio, novamente virás suplicar".

Mas Tannhauser está firme em seu propósito. A ansiedade dentro dele é tão forte que nada pode detê-lo e, embora ainda sinta o fascínio, exclama com grande fervor:

"Enquanto eu tiver vida, só a ti minha harpa irá louvar,

Em nenhum outro tema minha canção vai se inspirar

A não ser em ti, fonte de beleza e de suave graça,

O desejo de amor estimula-se com a mais doce canção;

Uma chama no altar arderá só para ti,

Pelo fogo que acendeste em meu coração.

Com tristeza agora eu te deixarei,

Mas, teu herói eu sempre serei,

Se aqui permanecer, ser escravo será minha sorte;

Anseio pela vida na terra, por isso devo partir.

Tenho sede de liberdade, ainda que signifique a morte,

Portanto, ó Rainha, de ti eu vou fugir!"

Assim, quando Tannhauser deixa a caverna de Vênus, ele é o herói comprometido com o lado sensual e inferior do amor, e isto ele vai ensinar ao mundo, pois esta é a natureza da humanidade: tudo o que o coração sente deve ser externado.

Conhecendo bem o país, dirige-se imediatamente para Wartburg, onde um grupo de menestréis permanece sempre ao lado do senhor e da senhora do domínio feudal. Estes normalmente são grandes patrocinadores das artes, hospitaleiros e generosos em seus presentes.

Tannhauser se encontra com vários menestréis que caminham pelo bosque, e estes, seus antigos amigos, surpreendem-se por não o verem há muito tempo. Perguntam-lhe onde tem estado, mas Tannhauser, sabendo que há um sentimento geral contra as forças elementais inferiores da Natureza, esconde-lhes o seu paradeiro anterior, dando-lhes uma resposta evasiva. Os menestréis falam-lhe sobre um torneio de trovadores que haverá no castelo e o convidam para acompanhá-los.

Sabendo que o tema para esta competição da canção será o amor e que o prêmio será entregue ao vencedor pelas mãos da linda filha do castelão, Elizabeth, (a jovem que Tannhauser amou tão ardentemente e que tanto inflamou sua alma em dias passados, a ponto de levá-lo para a caverna de Vênus) ele espera, pelo ardor com o qual é inspirado, induzir a linda jovem a ouvir seus lamentos. Como sempre colhemos sofrimento quando nos posicionamos contra às leis do progresso, Tannhauser, por este ato, está semeando a dor que colherá um dia, em decorrência do que ambicionou na caverna de Vênus.

Capítulo XVI ***Menestréis, os Iniciados da Idade Média***

Quando Tannhauser saiu da caverna de Vênus, um dos primeiros sons que ouviu foi o canto de um grupo de peregrinos que estavam indo para Roma, para obter o perdão de seus pecados e isto despertou-lhe um sentimento muito forte de sua própria culpabilidade. Por isso, ajoelha-se e exclama em profunda contrição:

*"Todo-Poderoso, a Ti louvores eu dou,
Peço-Te que Tua misericórdia me seja mostrada.
Pelo senso do pecado oprimido estou,
A carga para mim é muito pesada.
Não tenho paz, descanso não posso ter
Até que o perdão de Ti, eu venha a receber".*

Enquanto se sente abatido e infame, condenado a vagar solitário e amaldiçoado pelo mundo por causa de seu profano amor por Vênus, os menestréis aproximam-se dele e, reconhecendo-o, tentam persuadi-lo a acompanhá-los a Wartburg. Mas, como já foi dito, foi o apaixonado amor por Elizabeth que o levou aquele lugar, e ele se sente desencorajado a aproximar-se dela. Como argumento final, Wolfram, von Eschenbach diz a Tannhauser que Elizabeth o ama. Elizabeth não havia assistido a nenhum torneio de canções desde que Tannhauser partiu, e Wolfram von Eschenbach, uma das mais puras e belas personalidades da história medieval, procura assegurar a felicidade de Elizabeth trazendo Tannhauser de volta para ela, apesar dele mesmo amá-la e, ao fazê-lo, despedaça seu próprio coração. Ao ouvir isto, a paixão inflama novamente a alma de Tannhauser, e ele canta:

*"Oh! sorri-me novamente!
Mundo radiante que eu perdi!
Oh, sol dos céus, tu não escapas mais de mim.
Por nuvens tormentosas há tanto atravessadas,
É Maio, doce Maio. Milhares de cantos em louvor,
Libertam meus pesares alegremente.*

Um raio novo de invulgar esplendor

Ilumina minha alma, Oh, alegria, é ela finalmente!"

Encontrando Tannhauser no castelo, Elizabeth diz-lhe:

"Agora para mim o mundo está na escuridão.

O repouso e a alegria afastaram-se de mim.

Desde que com ternura ouvi tua canção,

As angústias da beatitude e do infortúnio conheci;

Quando desta terra desertaste,

A paz também sumiu do meu coração.

Nenhum menestrel minha alma conseguiu despertar,

Suas canções parecem tristes e sem vida para mim,

Quase sempre de coração partido ia repousar.

Ao acordar, cada angústia era sempre recordada;

Toda a alegria desapareceu de minha vida assim.

Oh! diz-me, por que estou tão fascinada!

A isto, Tannhauser responde:

"Todo o elogio ao amor por esta doce lembrança!

Minha harpa com mágica doçura o amor tocou.

Por minha canção, o amor a ti falou

Rendo-me aos teus pés, tudo em ti me cativou".

Elizabeth então confessa:

"Oh! Abençoada hora do encontro!

Oh! Abençoado poder do amor!

Finalmente te venho saudar

Para não mais te ver vagar.

A vida novamente despertada

Dentro deste meu coração;

A nuvem de tristeza dissipada,

E o sol da alegria brilha com emoção".

Assim, Elizabeth inspirou amor nos corações de dois dos menestréis, Wolfram e Tannhauser, mas o quanto este amor é diferente, será visto no modo pelo qual cada um trabalha o tema no torneio de canções, que acontece no segundo ato, onde Senhor de Wartburg abre o concurso com as seguintes palavras:

"Como sempre em tempo de guerra, a morte enfrentamos,

E para manter a honra como cavaleiros lutamos,

Assim vós, menestréis, tendes lutado e a virtude salvaguardado.

E com doces melodias de vozes e de harpas, a verdadeira fê
elevado.

Novas canções compundes e entoais novamente

Descrevei o verdadeiro amor, para que o possamos conhecer;

Aquele que o cantar mais nobremente,

A princesa vai a ele o prêmio oferecer".

Nesta poesia compreendemos o verdadeiro alcance da missão e da dignidade dos cavaleiros e dos menestréis. Era dever do cavaleiro ir à guerra, defender com a espada todos aqueles que necessitassem de ajuda, e lutar com braço forte a batalha do fraco. Desde que o cavaleiro seguisse o código de honra prevalecente na época, defendendo o fraco, mantendo fidelidade para com o amigo e com o inimigo, ele aprendia as lições de coragem física e, de certo modo, de coragem moral, tão necessária para o desenvolvimento da alma. Quem trilhar o caminho da realização espiritual é considerado também um cavaleiro de nascimento nobre, cabendo-lhe entender que deve cultivar as mesmas virtudes requeridas pela classe dos cavaleiros, pois, no caminho espiritual, também há perigos e lugares onde a coragem física é necessária. O Espírito, por exemplo, não pode alcançar a libertação sem incômodo físico. A doença geralmente acompanha o crescimento da alma em maior ou menor extensão, e requer coragem física suportar e aceitar o sofrimento que incide sobre esta realização pela qual todos

lutamos e, muitas vezes, temos de sacrificar o corpo para obter esse crescimento anímico.

Era missão do menestrel alimentar esta coragem e indicar também as mais sutis virtudes. Portanto, todos os menestréis tinham aquele senso poético que os colocava em contato com os mais elevados e mais sutis elementos da Natureza, não sentidos pela humanidade comum. Mais do que isso, muitos dentre os menestréis dos tempos medievais eram iniciados ou talvez irmãos leigos. Portanto, quase sempre suas palavras eram pérolas de sabedoria. Eram considerados professores, homens sábios e amigos da verdadeira nobreza.

Naturalmente haviam exceções, mas Tannhauser não era um destes. Ele era realmente uma alma nobre, apesar de seus defeitos, e devemos nos lembrar que somos todos Tannhauser antes de nos tornarmos Wolframs. Nós todos correspondemos à definição do amor de Tannhauser antes de atingirmos a concepção espiritual de Wolfram, como ficou demonstrado no torneio.

Muitos foram atraídos para ver quem começaria o torneio e o nome de Wolfram apareceu na primeira ficha tirada da caixa. Assim ele começa:

*"Esta nobre assembléia contemplando,
Como o coração se expande ao ver esta cena!
Estes galantes heróis, valentes, sábios e gentis,
Como majestosas florestas frescas e verdes crescendo,
E, em torno deles, em doce perfeição florescendo,
Uma guirlanda de damas e lindas jovens vejo.
Suas glórias combinadas deslumbram o espectador,
Meu canto é mudo diante desta rara visão.
Elevo meus olhos para uma, cuja brilhante esplendor
Neste céu resplandecente brilha com meigo sorriso,
E, contemplando essa pura e carinhosa radiação,
Mergulha em devotos e santos sonhos meu coração.
E assim a fonte de todo prazer e poder*

*É, então, à minha alma reverente revelada.
De cujas inescrutáveis profundezas, toda a alegria derrama
O suave bálsamo pelo qual toda mágoa é sanada.
Oh! que eu nunca suas límpidas águas possa turvar
Nem com desejos selvagens impetuosamente eu as possa agitar.
Eu te venerarei, genuflexo, com alma devotada.
A viver e morrer por ti, meu coração aspira.
Não sei se estas minhas pobres palavras podem traduzir
O verdadeiro e suave amor que tenho estado a sentir".*

No fim do canto de Wolfram, Tannhauser sobressalta-se como se desperto de um sonho. Levanta-se e canta:

*"Eu também bebi desta fonte de prazer;
Suas águas, Wolfram, eu as conheço bem;
Quem tem vida, ousa isto não saber?
Suas virtudes vou tentar mostrar:
Mas perto de sua borda eu não me vou retirar,
A não ser que o desejo minha alma consumisse;
Somente, então, sua onda me refrescaria,
E nova e completa a minha vida ficaria.
Ó onda de alegria, deixa-me possuir-te!
Todo medo e dúvida tua presença faz desaparecer:
Deixa que os teus insondáveis enlevos me abençoem!
Por ti somente meu coração vai bater,
Para que eu possua teu brilhante esplendor,
Deixa-me com este desejo veemente sempre arder.*

Eu te digo, Wolfram, assim vou descrever

O que eu aprendi sobre o verdadeiro amor".

Aqui temos a verdadeira descrição dos dois extremos do amor; o de Wolfram é o amor da alma pela alma, o de Tannhauser é o amor dos sentidos. Um é o amor que anseia dar, o outro exige a posse que almeja receber. Este é apenas o começo da competição, sobre a qual ouviremos falar, integralmente, mais adiante. Mas, sendo estas as definições dadas em primeiro lugar pelos dois principais expoentes do amor, convém notar que Wolfram von Eschenbach representa o expoente do novo e mais lindo amor que deve suplantar a concepção primitiva.

Até hoje, infelizmente, predomina a antiga idéia de que a posse é sinal de amor. Aqueles que acreditam em renascimentos em sexos alternados, deveriam estar suficientemente convencidos de que, como a alma é bi-sexual e nossos corpos contêm órgãos rudimentares pertencentes ao sexo oposto, nada mais natural e justo que cada ser humano, independente da polaridade da aparência presente, deva possuir os mesmos privilégios que o outro.

Capítulo XVII ***O Pecado Imperdoável***

Durante o torneio, os ideais sublimes e celestiais do companheirismo da alma pela alma são aceitos pela maioria dos menestréis, mas, a cada apresentação, Tannhauser retruca apaixonadamente defendendo a parte sensual do amor. Por fim, exasperado com a aparente indiferença dos menestréis, o que considera tolice sentimental, grita: "Vão à Vênus! Ela lhes mostrará o que é o amor!"

Com este comentário revela seu segredo culposos. Todos consideram que ele cometeu, no pior aspecto, um pecado imperdoável, isto é, manter relações sexuais com uma entidade etérica. Percebendo tratar-se de um depravado além da redenção, lançam-se sobre ele de espada em punho e o teriam matado se Elizabeth não tivesse intercedido, rogando que não lhe tirassem a vida por seus pecados, mas que lhe fosse dada uma oportunidade de arrepender-se. Ouve-se um grupo de peregrinos à distância e os menestréis concordam que, se Tannhauser suplicar o perdão da Santa Sé, em Roma, sua vida será poupada.

Quando Elizabeth revela a todos a dor de seu coração por seu apelo a favor de Tannhauser, ele percebe, finalmente, a enormidade de seus pecados e atinge-o um doloroso reconhecimento de sua depravação. Ansiosamente aceita a sugestão que lhe foi dada, junta-se ao grupo de peregrinos e dirige-se para Roma. Sendo uma alma forte, nada faz pela metade. Sua contrição é tão sincera quanto seu pecado foi impetuoso. Todo seu ser deseja ardentemente limpar-se das impurezas, para que possa aspirar ao mais elevado e nobre amor despertado em seu coração por Elizabeth.

Os outros peregrinos cantavam salmos de louvor, mas ele mal ousava olhar para a distante Roma, repetindo com toda a sinceridade: "Deus, tende piedade de mim, que sou pecador". Enquanto os peregrinos descansavam e dormiam em hospedarias, ele dormia sobre a neve. Enquanto eles andavam pela estrada normal, ele caminhava sobre os espinhos, e, quando chegaram a Itália, para não ter nem mesmo a alegria de ver as lindas paisagens dessa terra, vendou seus olhos e assim caminhou na direção da Cidade Eterna.

Finalmente chegou a manhã na qual iria ver o Santo Padre, e a esperança cresceu em seu coração. Durante todo o dia esperou pacientemente, vendo milhares de outros peregrinos voltarem com expressão de êxtase celestial em suas fisionomias, pois receberam o perdão que ambicionavam, saindo com o coração mais leve, alegres e prontos para começar uma nova vida.

Quando chegou a sua vez, prostrou-se diante da augusta presença e aguardou pacientemente pela mensagem do Santo Padre, esperando e desejando uma palavra amável que o levasse de volta alegremente. Em vez disso, ouviu as trovejantes palavras: "Se te associaste com demônios, não há perdão para ti, nem no céu nem na Terra. É mais fácil este cajado seco que seguro em minhas mãos florescer, do que teus pecados serem perdoados".

À esta cruel declaração, a última centelha de esperança morreu dentro de Tannhauser, e a luxúria, um fator do sangue, levantou sua cabeça. Seu amor transformou-se em ódio e num arroubo de raiva amaldiçoou o céu e a Terra, jurando que se não pudesse ter o verdadeiro amor, voltaria à caverna e procuraria Vênus novamente. Afastando-se de seus companheiros peregrinos, resolve voltar sozinho para sua terra natal.

Nesse ínterim, as preces de Elizabeth, a pura e casta virgem por quem o amor de Tannhauser tinha-o feito partir, pediam incessantemente perdão ao pecador. Esperançosa, ela aguardava o retorno dos peregrinos. Finalmente, quando chegaram e Tannhauser não estava com o grupo, ela foi acometida de desespero e, sentindo que não havia outro caminho, partiu desta fase da vida para apresentar pessoalmente sua petição perante o Trono da Graça, diante do nosso Pai Celestial. O cortejo fúnebre cruza com Tannhauser que retornava de Roma, e ele, à essa visão, curva-se com indescritível dor.

Então, chega outro grupo de peregrinos, contando sobre o grande milagre que aconteceu em Roma. O cajado do Papa tinha florescido, significando que um pecador, a quem havia sido recusada a remissão na Terra, havia encontrado perdão no céu.

Embora a lenda esteja envolta em fraseologia medieval e católica, e descartemos a idéia de que qualquer homem tenha o poder de perdoar pecados ou negar a remissão, ela contém verdades espirituais que se tornam mais claras a cada ano que passa. Referem-se ao pecado imperdoável: o único pecado que não pode ser redimido, mas deve ser expiado. Como se sabe, Jeová é o mais alto Iniciado do Período Lunar, o regente dos Anjos, que durante este presente Dia de Manifestação trabalha com nossa humanidade através da Lua. Ele é o regente da fecundação e o fator principal da gestação, o que propicia a prole ao homem e aos animais, usando o raio lunar como seu veículo de trabalho durante as épocas propícias para a fecundação. Jeová é um Deus ciumento de suas prerrogativas e, portanto, quando o homem comeu da árvore do conhecimento e assumiu o ato da fecundação, Ele o expulsou do paraíso para que vagasse pelo deserto do mundo. Ali não haveria perdão. Deveria expiar em trabalhos e dores, colhendo o fruto de sua transgressão.

Antes da Queda, a humanidade ainda não havia conhecido o bem nem o mal. Os homens faziam o que lhes era ordenado e nada mais. Ao tomar os problemas em suas próprias mãos pela dor e tristeza advindas de sua transgressão, aprenderam a diferença entre o bem e o mal, tornando-se capazes de escolha. Adquiriram prerrogativas. Este grande privilégio compensa o sofrimento e a tristeza que o homem tem de suportar para expiar as ofensas contra a Lei da Vida e que consiste em praticar o ato criador quando os raios estelares não são propícios, causando assim parto doloroso e uma infinidade de outras doenças que são a herança da humanidade de hoje.

Em relação a isso, posso mencionar que a Lua é a regente do signo de Câncer e que o câncer, em sua forma mais maligna, não admite cura, não importa quantos medicamentos a ciência possa produzir de tempos em tempos. Investigações sobre a vida das pessoas que sofrem dessa doença, tem provado em todos os casos que a vítima foi extremamente sensual em existências anteriores, embora eu não esteja preparado para dizer se. isto é uma lei, uma vez que as investigações foram insuficientes para comprová-lo. Entretanto, é significativo observar que Jeová, o Espírito Santo, dirige as funções fecundantes através da Lua, que esta governa Câncer e que aqueles que abusaram violentamente da função sexual, sofrem da doença chamada câncer, confirmando os dizeres da Bíblia de que todas as coisas podem ser perdoadas menos o pecado contra o Espírito Santo.

Há uma relação mística entre o Querubim com a espada flamejante no Jardim do Éden e o Querubim com a flor aberta à porta do Templo de Salomão; entre a lança e a taça do Graal; entre a vara de Arão e o cajado do Papa que ambos floresceram e a morte da casta e pura Elizabeth, por cuja intercessão a mancha foi removida da alma do errante Tannhauser. Quem nunca conheceu o tormento da tentação, não consegue avaliar a posição de alguém que sucumbiu. O próprio Cristo sentiu, no corpo de Jesus, toda a paixão e todas as tentações a que nós também estamos sujeitos, e isto aconteceu com o propósito de fazê-lo misericordioso, como um Sumo Sacerdote, em relação à nós. Tendo Ele sido tentado, isto prova que a tentação em si não é pecado. A condescendência é que é o pecado; portanto, Ele estava sem pecado. Quem for assim tentado e resistir, é, com certeza, altamente evoluído; mas devemos lembrar que ninguém da presente humanidade ainda conseguiu chegar a este estágio de perfeição. Nós nos tornamos melhores homens e mulheres quando após pecarmos, e, em conseqüência sofrermos, despertamos para o fato importante de que o caminho do transgressor é penoso. Assim, tornamos ao caminho da virtude e somente aí encontramos a paz interior. Tais homens e mulheres alcançam um estágio mais elevado de desenvolvimento espiritual do que aqueles que vivem vidas castas

sem tentações, por estarem num ambiente protegido. Cristo enfatizou isto quando disse haver maior regozijo por um pecador arrependido, do que por noventa e nove que não precisam se arrepender.

Há uma distinção muito significativa entre inocência e virtude e o que é mais importante ainda, é que devemos perceber a falácia do duplo padrão de conduta que dá liberdade ao homem, ou melhor, tudo perdoa no homem, enquanto insiste em que um passo em falso arruinará a vida de uma mulher para sempre. Se eu tivesse hoje que escolher uma esposa, e mais tarde descobrisse que sua vida estava manchada por um erro pelo qual sofreu, saberia que ela aprendeu a conhecer o sofrimento e com isso desenvolveu a compaixão e a indulgência. Adquiriu qualidades que a tornarão uma companheira mais compreensiva do que aquela que se manteve "inocente" no limiar da vida, e está sujeita a cair vítima da primeira tentação.

Capítulo XVIII **O Cajado que Floresceu**

No prólogo de Fausto, referindo-se ao herói, Deus é representado dizendo:

"Embora, em perplexidade, ele me sirva agora,

Para onde aparecer a luz, Eu logo o guiarei;

Quando a árvore nova tiver brotos, o jardineiro sabe,

Com flores e frutos seus anos vindouros beneficiarei".

Este é um fato real concernente a toda humanidade. Na época atual, todos nós servimos a Deus imperfeitamente por causa de nossa visão limitada. Não temos a real e verdadeira percepção do que seremos, e de que modo deveríamos usar os talentos com os quais somos dotados. No entanto, Deus, através do processo de evolução, está constantemente dirigindo-nos para uma luz cada vez maior e, gradativamente, deixaremos de ser espiritualmente estéreis: floresceremos e daremos frutos. Assim, seremos capazes de servir a Deus como deveríamos e não como o fazemos.

Embora o que dissemos acima se refira a todos em geral, aplica-se particularmente àqueles que são professores, pois, naturalmente, onde a luz é mais forte, as sombras também são mais profundas, e as imperfeições daqueles entre nós que devem arcar com a responsabilidade do ensino são, por isso, mais notadas.

Na história de Tannhauser, o Papa fecha a porta da esperança na face do penitente, porque a palavra da lei assim o exige, mas, nem por isso a misericórdia de Deus foi frustrada. O cajado do Papa floresceu para provar que o penitente foi perdoado devido à sincera penitência e, em conseqüência, o mal foi apagado do registro impresso no átomo-semente. Por uma lei superior, a inferior foi suplantada.

Há nesta lenda do cajado do Papa uma semelhança com o conto do Santo Graal e da lança; com a história da vara de Arão que também floresceu, e com o cajado de Moisés que fez brotar da rocha, a água da vida. Todos esses fatos têm um importante significado sobre a vida espiritual do Discípulo que, almejando seguir o caminho para a vida superior, procura, como Kundry, desfazer as más ações de vidas passadas por uma vida presente de serviço totalmente dedicada ao Eu superior. A lenda do Graal distingue a taça do Graal, propriamente dita, e o Sangue Purificador que ela contém.

A história conta como Lúcifer, quando lutou com o Arcanjo Miguel sobre o corpo de Moisés, perdeu a pedra mais preciosa de sua coroa. Ela caiu durante a luta. Esta linda e incomparável gema era uma esmeralda chamada "Exilir". Foi lançada ao abismo, mas foi recuperada pelos Anjos, e dela foi feito o cálice ou Santo Graal, que mais tarde foi usado para conter o Sangue Purificador que fluiu do lado do Salvador quando foi ferido pela lança do centurião. Notemos que esta jóia era uma esmeralda: era verde, e verde é uma combinação do azul com o amarelo e é, portanto, a cor complementar da terceira cor primária, o vermelho. No Mundo Físico, o vermelho tem a tendência de excitar e energizar, enquanto que o verde tem um efeito refrescante e calmante, mas o oposto é verdadeiro, quando vemos o assunto do ponto de vista do Mundo do Desejo. Aí, a cor complementar é ativa e tem o efeito sobre nossos desejos e emoções que atribuímos à cor física. Portanto, a cor verde da gema perdida por Lúcifer mostra seu efeito e sua natureza. Esta pedra é a antítese da Pedra Filosofal. Tem o poder de atrair a paixão e gera o amor do sexo para sexo, que é o vício oposto ao amor casto e puro, simbolizado pela pedra branca apocalíptica, cujo final é o amor da alma para alma. Como este efeito das cores complementares é bem conhecido, embora não percebido conscientemente, falamos também do ciúme, que é gerado pelo amor impuro, caracterizado como um monstro de olhos verdes.

O Santo Graal tem sua réplica no cálice ou na casca da semente da planta, que é verde. O fogo criador está adormecido dentro da casca. Igualmente, o mesmo fenômeno deve manifestar-se dentro de cada um que começa a procura do Santo Graal. Vontade é a qualidade masculina da alma; imaginação é a qualidade feminina. Quando a vontade é o atributo mais forte, a alma, durante uma certa vida, usa um revestimento masculino e, em outra, onde a qualidade da imaginação é maior, uma forma feminina. Pela Lei de Alternância que prevalece nesta presente era do arco-íris, a alma usa trajes diferentes em vidas alternadas mas, quer seja feminino ou masculino, o órgão do sexo oposto está sempre presente em estado

latente. Por conseguinte, o homem é agora e será tanto masculino como feminino, enquanto o corpo denso permanecer.

No passado, quando sua consciência estava focalizada no mundo espiritual, ele era uma perfeita unidade criadora com os dois órgãos sexuais igualmente desenvolvidos, como muitas flores o têm ainda hoje. Portanto, era capaz de gerar um novo corpo quando o antigo já estivesse gasto, mas, nessa época, ele não estava ciente, como está hoje, do fato de que possuía um corpo. Os pioneiros - alguns que viram mais claro do que os outros - contaram a seus companheiros a extraordinária história de que o

homem tinha um corpo e é natural que tenham enfrentado o mesmo ceticismo que hoje enfrentam aqueles que afirmam que o homem possui uma alma.

Vemos que a história simbólica de Lúcifer, perdendo a gema verde, é a mesma do homem quando deixou de conhecer-se a si próprio e passou a conhecer sua mulher: de como o Graal foi perdido e como só poderá ser encontrado quando o sangue físico saturado de paixão estiver novamente purificado como o contido originalmente nesse vaso verde.

Numa época propícia do ano, nem antes nem depois, os raios emanados das orbes celestiais penetram na semente plantada e despertam suas forças geradoras latentes para a atividade. Então, uma nova planta surge do solo para novamente embelezar a Terra. Desta maneira, o ato de gerar é executado em perfeita harmonia com a Lei da Natureza, e uma coisa bela é gerada para adornar a Terra. O resultado é diferente nos seres humanos, desde a época em que a qualidade feminina da imaginação foi despertada por Lúcifer.

Presentemente, o ato gerador é executado independente dos raios solares propícios e, como resultado, o pecado e a morte apareceram no mundo. Desde então, a luz espiritual empalideceu e agora estamos cegos para a glória celestial.

Nas mãos dos divinos guias da humanidade, um deles representado por Arão, a vara viva era um veículo de poder. Mais tarde, a vara florida secou e foi preservada na Arca. Não devemos concluir que, por causa disso, não haja mais redenção. Mas, como o homem foi exilado do seu estado celestial quando a gema verde da paixão e do desejo caiu da coroa de Lúcifer, que guiou a humanidade através da geração para a degeneração, assim também existe a pedra branca, a Pedra Filosofal, o símbolo da emancipação. Usando o poder de geração para a regeneração, superamos a morte e o pecado e isto confere-nos a imortalidade e leva-nos a Cristo.

Esta é a mensagem da história de Tannhauser. Paixão é veneno. O abuso da geração, sob a influência de Lúcifer, tem sido o meio de nos afundarmos nas trevas da degeneração. O mesmo poder canalizado em direção oposta, e usado com propósitos de regeneração, é capaz de livrar-nos das trevas e elevar-nos a um estado celestial, e então, teremos vencido a batalha. Pela paixão, o Espírito cristalizou-se num corpo e os grilhões somente poderão ser quebrados pela castidade, pois o céu é a morada da virgem e somente quando elevarmos o amor do sexo pelo sexo à categoria do amor da alma pela alma, poderemos desatar as algemas que nos prendem. Portanto, quando aprendermos a criar pela

concepção imaculada, nascerão salvadores que abrirão os grilhões do pecado e do sofrimento que agora nos prendem.

Ao realizarmos este ideal, devemos lembrar que a repressão do desejo sexual não é o celibato; a mente deve contribuir para isso e devemos de boa vontade abster-nos da impureza. Isto só pode ser conseguido pelo que os místicos chamam "encontrar a mulher dentro de si mesmo". (Para a mulher é, naturalmente, encontrar o homem dentro de si mesma). Quando conseguirmos isto, teremos chegado ao estágio em que poderemos viver a mesma vida pura da flor.

Em relação a isto, poderá ser também muito esclarecedor lembrar que o "Guardião do Umbral que devemos enfrentar antes que possamos entrar nos mundos suprafísicos, assume sempre a aparência de uma criatura do sexo oposto. No entanto, esta aparência assemelha-se à nossa própria. Devemos também compreender que quanto mais licenciosos ou libidinosos tenhamos sido, pior será a aparência deste monstro. Parsifal permanecendo ereto diante de Kundry - quando sua recusa de submissão a ela converteu-a num virago - está na mesma situação que o candidato fica ao defrontar-se face a face com o guardião, antes que a lança lhe seja colocada nas mãos.

LOHENGRIN
Capítulo XIX
O Cavaleiro do Cisne

Entre as óperas de Wagner, talvez nenhuma seja tão universalmente apreciada pela maioria das pessoas do que Lohengrin. Provavelmente porque a história, numa apreciação superficial, pareça muito simples e bonita. A música é de um caráter primoroso e incomum, agradando a todos de um modo não igualado pelas outras óperas do mesmo autor baseadas em mitos como Parsifal, o Anel do Niebelungo ou mesmo Tannhauser.

Apesar dessas obras afetarem poderosamente as pessoas que as ouvem pelo seu conteúdo espiritual (estejam conscientes ou não do fato), nem sempre são apreciadas, principalmente na América, onde o espírito de misticismo não é tão forte como na Europa.

É diferente com Lohengrin. Aqui há uma história do tempo em que a classe de cavaleiros florescia e, embora haja um encanto mágico na chegada de Lohengrin e do cisne em resposta às preces de Elsa, isto é apenas uma linda fantasia poética sem significado mais profundo. Neste mito é revelado um dos supremos requisitos da Iniciação - a fé.

Quem não possuir esta virtude não poderá obter a Iniciação, e quem a possuir verá atenuadas muitas de suas faltas.

O resumo do enredo é o seguinte: o herdeiro do Ducado de Brabant desapareceu. É apenas uma criança e irmão de Elsa, a heroína da peça, que no início da cena é acusada por seus inimigos, Ortrud e Telramund, de ter feito desaparecer esse irmão mais novo para que ela pudesse obter a posse do principado. Em conseqüência, foi intimada a comparecer perante a corte real para defender-se de seus acusadores. Na cena de abertura, nenhum cavaleiro havia ainda aparecido para defender sua causa e matar seus caluniadores. Então, aparece no rio um cisne com um cavaleiro que se aproxima do lugar onde está havendo o julgamento. Ele salta em terra e oferece-se para defender Elsa com a condição de que se casem. Ela logo concorda, pois ele não lhe é estranho; ela o tem visto freqüentemente em seus sonhos e aprendeu a amá-lo. No duelo entre o cavaleiro desconhecido e Telramund, este último é derrubado, mas sua vida é magnanimamente poupada pelo vencedor, que depois reivindica Elsa como sua noiva. Contudo, havia imposto outra condição, isto é, que ela nunca perguntasse quem ele era e de onde viera.

bom e nobre, e como viera em resposta às suas preces, ela também não faz objeção a esta condição, e o casal se retira para os aposentos nupciais.

Embora temporariamente vencidos, Ortrud e Telramund não desistem da conspiração contra Elsa, e seu próximo passo é envenenar sua mente contra seu nobre protetor, para que ela o mande embora e fique novamente à mercê deles. Esperam, futuramente, ficar de posse do principado do qual Elsa e seu irmão são os legítimos herdeiros. Com este propósito em vista, ambos se apresentam à porta de Elsa e conseguem ser ouvidos por ela. Aparentam estar extremamente arrependidos pelo que fizeram e muito solícitos pelo seu bem-estar. Dizem sentir muito que ela tenha desposado alguém cujo nome nem mesmo sabe, e que tem tanto medo de que sua identidade seja conhecida, que a proibiu de perguntar seu nome, sob pena de ser abandonada por ele.

Argumentam que deve haver alguma coisa em sua vida da qual ele se envergonha, algo que não pode suportar a luz do dia, do contrário, por que desejaria negar a quem uniu-se por toda a vida, o conhecimento de sua identidade e antecedentes?

Por meio destes argumentos eles conseguem suscitar uma dúvida na alma de Elsa que, em seguida, dirige-se transformada para Lohengrin. Ele nota a diferença e pergunta-lhe a causa. Ela admite estar insegura em relação a ele e que gostaria de saber seu nome. Assim, quebrou a promessa feita, e ele lhe diz que agora havendo expressado uma dúvida a seu respeito, ser-lhe-á impossível ficar. Nem lágrimas nem protestos podem mudar esta resolução, e eles vão juntos para o rio onde Lohengrin chama seu fiel cisne. Quando este aparece, ele revela sua identidade dizendo: "Eu sou Lohengrin, o filho de Parsifal". Em seguida, o cisne transforma-se e aparece diante deles como o irmão de Elsa. Torna-se, portanto, seu protetor no lugar de Lohengrin, que se afasta.

Como foi dito, a história de Lohengrin contém uma das mais importantes lições a serem aprendidas no caminho da realização. Ninguém poderá jamais alcançar a Iniciação até que tenha aprendido isto. Para que possamos entender devidamente este ponto, olhemos primeiramente para o símbolo do cisne, vejamos o que ele representa e por que é usado. Os que assistiram a ópera Parsifal, ou que tenham lido atentamente a literatura sobre o Graal, já estão cientes do fato de que os cisnes estavam presentes nos emblemas usados por todos Cavaleiros do Graal.

Na própria ópera, são mencionados dois cisnes preparando um banho curativo para o sofredor Rei Amfortas Parsifal é mostrado matando um destes cisnes, e os Cavaleiros do Graal manifestam uma grande tristeza por esta crueldade não justificada.

O cisne é capaz de movimentar-se em vários elementos. Pode voar com grande leveza; também desliza majestosamente sobre a água; e, com seu longo pescoço, pode explorar profundidades e

investigar o que pode ser encontrado no fundo de um lago não muito profundo. É o símbolo apropriado para o Iniciado que, em virtude do poder desenvolvido internamente, é capaz de elevar-se aos reinos superiores e movimentar-se em mundos diferentes. Assim como o cisne voa pelo espaço, da mesma forma alguém que tenha desenvolvido os poderes de seu corpo-alma, pode viajar por cima das montanhas e lagos; assim como o cisne mergulha abaixo da superfície da água, também o Iniciado pode ir abaixo da superfície do oceano, em seu corpo-alma, pois não está exposto aos perigos do fogo, da terra, do ar, ou da água. Na verdade, este é um dos primeiros ensinamentos mostrados aos Auxiliares Invisíveis e por isso quando se revestem com o Dourado Manto Nupcial, sobre o qual muito temos falado, estão imunes a qualquer perigo que possa atingi-los no corpo denso. Podem entrar num edifício em chamas para ajudar os que estão em perigo, algumas vezes de maneira miraculosa; ou podem estar a bordo de um navio que está naufragando para encorajar aqueles que estão próximos a enfrentar a grande mudança.

A antiga mitologia nórdica descreve como os nobres guerreiros de então entoavam seu canto de cisne quando, tendo guerreado, eram finalmente derrotados ou mortalmente feridos. Mas não pensemos que isto significava apenas a luta brutal travada no campo de batalha com espada e lança. Simbolizava, principalmente, a luta interna, o significado oculto, a luta de uma nobre alma na batalha da vida cantando seu canto de cisne, quando alcançava o que era possível nessa época, isto é, após ter feito seu juramento de Iniciação, tornar-se capaz de entrar em outro reino para lá ajudar outros como os havia ajudado aqui. Foi sempre o sagrado dever de um cavaleiro nobre socorrer os fracos e os oprimidos.

Elsa é filha de um rei. Portanto, é da mais alta e nobre linhagem. Ninguém que não seja tão bem-nascido pode exigir os serviços de um cavaleiro como Lohengrin. Isto quer dizer, naturalmente, que não há na humanidade nem superiores nem inferiores, a não ser na escala da evolução. Quando uma alma já passou por vários estágios da vida, quando já cursou a escola em muitos renascimentos, gradualmente adquire essa nobreza que se origina do aprendizado das lições e do trabalho executado, segundo as linhas estabelecidas pelos Mestres, nossos Irmãos Maiores, que estão agora a ensinar-nos as lições da vida. A nobreza conseguida pelo anseio de praticar boas ações em favor dos nossos companheiros menos desenvolvidos, é a chave para obtermos a sua preferência. Vimos que quando Elsa estava em perigo, foi-lhe enviada uma alma nobre para ensiná-la e guiá-la.

No Livro da Revelação lemos sobre o casamento místico da Noiva e do Cordeiro. Esse enlace existe na experiência de cada alma e sempre sob as mesmas circunstâncias. Um dos primeiros

requisitos é que a alma tenha sido abandonada por todos os demais: deve estar sozinha, sem nenhum amigo no mundo. Quando este ponto for atingido, quando a alma não conta com nenhum socorro de origem terrena, quando se volta com todo seu coração para o céu e reza pela libertação, então, chega o libertador e também o pedido de casamento. Em outras palavras, o verdadeiro Mestre sempre vem em resposta às preces sinceras do aspirante, mas não antes que este tenha abandonado o mundo e tenha sido abandonado por ele. O Mestre se oferece para cuidar daquele que anseia por um guia e, imediatamente, vence a mentira com a espada da verdade, mas, tendo dado esta prova, exige doravante uma fé absoluta e inquestionável. Lembre-se por favor - deixe que isto fique gravado em sua mente, com letras de fogo e no mais íntimo do seu ser. Quando o Mestre vem, em resposta às orações do aspirante (que não devem ser apenas palavras mas uma vida de aspiração), é-lhe dada a prova indubitável e inquestionável do poder e habilidade do Mestre para ensiná-lo, guiá-lo e ajudá-lo. Daí para a frente, é exigido que haja fé absoluta nEle, do contrário, torna-se-lhe impossível trabalhar com o aspirante.

Esta é a grande lição ensinada por Lohengrin e tem em si uma suprema importância. Há, atualmente, milhares de pessoas andando pelas ruas de muitas cidades, olhando para lá e para cá, procurando um Mestre. Alguns pretendem tê-lo encontrado ou iludem-se com essa crença: mas a exigência que é enunciada em Lohengrin é um requisito verdadeiro. O Mestre deve, quer e prova sua, capacidade. Ele é conhecido por seus frutos. Em troca, exige lealdade, e a não ser que esta fé, esta lealdade, esta prontidão em servir, esta disposição para fazer o que for exigido estejam disponíveis no aspirante, o relacionamento estará terminado. Não importa quão amargas sejam as lágrimas de arrependimento que possam ser vertidas no caso do aspirante falhar em sua lealdade para com o Mestre; não importa quão sincero seja seu arrependimento, a próxima oportunidade não virá na sua vida presente.

Portanto, é da máxima importância que aqueles que procuram a Iniciação compreendam que há algo que devem observar no pretense Mestre, antes de aceitá-lo. Ele deve mostrar os frutos de seu trabalho, pois como Cristo disse "Vós os conhecereis por seus frutos". Isto o autêntico Mestre sempre apresenta sem lhe ser solicitado e sem parecer fazê-lo ou querer apresentar um sinal. Ele sempre apresenta alguma evidência à qual a mente do aspirante pode unir-se, como uma prova indubitável de seu superior conhecimento e habilidade. Quando isto for demonstrado, é absolutamente essencial que o passo seguinte seja a lealdade ao Mestre. Não importa quem diga isto, aquilo, ou qualquer outra coisa, o aspirante não deve se deixar perturbar, mas apegar-se

firmemente ao fato provado, aferrar-se ao que acredita ser verdadeiro e apoiar-se fielmente naquele a quem recorre para ensiná-lo, pois, a não ser que essa fé exista, não há razão para continuar o relacionamento.

Entretanto, é muito significativo, como aprendemos na cena final, que o irmão de Elsa fosse o próprio cisne que levou Lohengrin até sua irmã, e que voltou à sua forma natural quando Lohengrin partiu. Havia passado pela Iniciação. Sem dúvida, ele sabia da situação angustiante de sua irmã, e como uma alma avançada e versada nestes assuntos, compreendia a luta dos outros. Mas, embora visse o dilema desta aspirante sincera ou alma irmã, não teve medo, pois, não foi ele o agente que trouxe o auxílio que ela poderia ter tido permanentemente, se tivesse sido tão fiel como ele o foi?

FIM